



**PERSPECTIVA
DIALÓGICA
NOS ESTUDOS
DA TRADUÇÃO E
INTERPRETAÇÃO
DA LÍNGUA
DE SINAIS**

Vinícius Nascimento
ORGANIZADOR

Coleção

LiCorEs

HUCITEC EDITORA

OS AUTORES

Ana Claudia Balieiro Lodi
Amanda Assis
Beth Brait
Carolina Fomin
Cristina Bróglia Feitosa de Lacerda
Luana Manini
Natália Frazão
Neiva de Aquino Albres
Priscila Regina Gonçalves de Melo
Giamlourenço
Rodrigo Custódio da Silva
Vânia de Aquino Albres Santiago
Vinícius Nascimento

O ORGANIZADOR

Vinícius Nascimento (assinatura de Marcus Vinícius Batista Nascimento) realizou estágio de pós-doutorado entre 2022 e 2023 no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), é Doutor e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Bacharel em Fonoaudiologia pela mesma instituição. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com atuação no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Lídera o Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais (GEDiLS/UFSCar/CNPq) e é membro-pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Língua de Sinais (InterTrad/UFSC/CNPq). É tradutor e intérprete de Libras-Português, certificado pelo Exame de Prociência em Libras no Ministério da Educação (PROLIBRAS/MEC-2006 - 2010), com experiência na tradução de textos didáticos, literários e audiovisuais e na interpretação midiática, comunitária e de conferências. Como docente tem atuado na formação de tradutores e de intérpretes de língua de sinais em nível de graduação, pós-graduação lato sensu e extensão e como pesquisador tem buscado articular as temáticas da tradução e interpretação da Libras aos estudos bakhtinianos.

Coleção LiCorEs

DIREÇÃO

Beth Brait
Jean Carlos Gonçalves

Coleção

7

LiCorEs

LiCorEs :: LINGUAGEM, CORPO, ESTÉTICA

DIREÇÃO

Beth Brait

Jean Carlos Gonçalves

CONSELHO CIENTÍFICO

Marilia Amorim

(Universidade de Paris VIII, França)

Tiago Porteiro

(Universidade do Minho, Portugal)

Sheila Grillo

(Universidade de São Paulo)

Sonia Machado de Azevedo

(Escola Superior de Artes Célia Helena)

Renato Ferracini

(Universidade Estadual de Campinas)

Marcelo de Andrade Pereira

(Universidade Federal de Santa Maria)

PERSPECTIVA DIALÓGICA
NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO
E INTERPRETAÇÃO DA
LÍNGUA DE SINAIS

Vinícius Nascimento
organizador

PERSPECTIVA DIALÓGICA
NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO
E INTERPRETAÇÃO DA
LÍNGUA DE SINAIS

Hucitec Editora
São Paulo, 2023

© Direitos autorais, 2023, da organização de Vinícius Nascimento

© Direitos de publicação reservados por

Hucitec Editora Ltda.

Rua Dona Inácia Uchoa, 209

04110-020 São Paulo, SP.

Telefone (55 11 3892-7776)

www.huciteceditora.com.br

comercial@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial

MARIANA NADA

Produção editorial

KÁTIA REIS

Assessoria editorial

MARIANA TERRA

Circulação

ELVIO TEZZA

Esta obra passou por revisão por pares.

Apoio:

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes



CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P467 Perspectiva dialógica nos estudos da tradução e interpretação da língua de sinais / Vinícius Nascimento (organizador). – 1ª ed. – São Paulo : Hucitec, 2023. – 254 p. : il. ; 21 cm. – (Coleção Licores, v. 7).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-8404-345-3

1. Linguística. 2. Língua brasileira de sinais (Libra).
3. Tradução. 4. Interpretação. 5. Perspectiva dialógica.
I. Nascimento, Vinícius. II. Título. III. Série.

CDD 419.03

Ficha catalográfica elaborada por Camilla Castro de Almeida CRB7/0041/21

Sumário

- 09 **Apresentação**
 Vinícius Nascimento
- 15 **Prefácio**
 Adail Sobral
- 25 **O movediço lugar da tradução: contribuições
 da perspectiva dialógica da linguagem**
 Neiva de Aquino Albres
- 51 **Atividades de tradução, interpretação e
 guia-interpretação: o ético e o estético**
 Vânia de Aquino Albres Santiago
- 85 **Gêneros do discurso em Libras videossinalizada
 da esfera acadêmica na perspectiva bakhtiniana**
 Rodrigo Custódio da Silva

- 107 **Interpretação na esfera televisiva:
o intérprete surdo em foco**
Natalia Frazão e Ana Claudia Balieiro Lodi
- 135 **O desenrolar do novelo conceitual bakhtiniano
na formação de tradutores audiovisuais de Libras**
Vinícius Nascimento
- 163 **A interpretação para Libras de enunciados sonoros
no teatro e as notas de interpretação**
Carolina Fomin
- 191 **O papel fundamental do TILS no acesso do surdo
à justiça: uma perspectiva verbo-visual dialógica**
Beth Brait, Amanda Assis e Luana Manini
- 217 **A produção e a posição discursiva do TILS
no processo tradutório no campo educacional**
Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamloureção
e Cristina Bróglia Feitosa de Lacerda
- 241 **O organizador**
- 243 **Os autores**

Apresentação

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Mikhail Bakhtin

Se viver significa participar de um interminável diálogo, cada ser humano está imbuído da responsabilidade de, em qualquer circunstância ou situação, estabelecer interlocuções com diferentes outros para fazer aparecer a ininterrupta dialogicidade da família humana. Da singularidade de sua posição no mundo e na história à sua relação horizontal e intrínseca com a comunidade em que está inserido, cada um dos oito bilhões de seres

humanos é inevitavelmente convocado à uma existência interlocutiva para conhecer o(s) outro(s) e, com isso, conhecer a si.

Quando interagimos com esse(s) outro(s) conhecemos um pouco de nós mesmos, já que, conforme defende Bakhtin, não é possível ver a totalidade de quem somos do lugar que estamos. A completude da nossa existência só pode ser dada de fora de nós, pela extraposição assumida por quem está conosco. Esse movimento constitutivo pode ser observado em todas as atividades e, por consequência, na linguagem, visto que não é possível separar essas duas dimensões humanas.

No rol das infinitas atividades que são constitutivamente fundadas, atravessadas e permeadas de linguagem, a tradução poderia ser escolhida como uma das mais complexas e fascinantes. O trânsito discursivo e cultural que o tradutor precisa realizar a fim de permitir com que comunidades interajam e, por consequência, completem umas às outras de suas extraposições históricas, ideológicas, culturais e sociais o coloca num híbrido e intrigante lugar. Esse lugar tem sido observado e estudado já há algum tempo em diferentes espaços e disciplinas, mas tem ganhado ainda mais notoriedade na pós-modernidade no âmbito do campo disciplinar denominado Estudos da Tradução, especialmente quando as fronteiras, as interações e as relações estão cada vez mais fluidas e tomadas pela tecnologia.

A tradução, enquanto atividade humana, pode ser elencada como aquela que promove e permite o diálogo inconcluso entre comunidades que se comunicam por línguas distintas. É a inconclusibilidade da cultura, unidade aberta, como nos lembra Bakhtin, que mobiliza cada movimento singular dos seres humanos nos pequenos tempos de suas existências para o grande tempo semiótico da cultura e da vida.

Essa é uma das contribuições que o pensamento de Mikhail Bakhtin e seu Círculo tem oferecido aos pesquisadores inscritos na Linguística Aplicada, nos Estudos da Tradução, nos Estudos da Interpretação, na Educação e em campos correlatos, que adotam a perspectiva dialógica para observar, descrever e analisar

práticas tradutórias e interpretativas envolvendo línguas de diferentes modalidades.

A interdisciplinaridade, característica latente no Círculo, está presente nos estudos e pesquisas sobre o traduzir e o interpretar e sobre a tradução e a interpretação de/entre/para línguas de sinais porque os objetos clamam por esse olhar devido suas constitutivas complexidades semióticas, discursivas, interacionais, cognitivas e laborais.

A perspectiva bakhtiniana, nesse sentido, vem compondo, desde o meados dos anos 2000, a pluralidade teórico-metodológica do emergente campo temático dos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais (ETILS) permitindo um olhar para essas atividades enquanto práticas discursivas que promovem a interação entre sujeitos, histórias e culturas considerando as línguas envolvidas nos processos tradutórios e interpretativos, bem como os efeitos das diferenças de modalidade a partir das esferas e gêneros em que acontecem.

No Brasil, a postura dialógica para análise da tradução e da interpretação da língua de sinais tem crescido de maneira significativa, uma vez que, ao permitir a observação dessas atividades de trabalho em suas dimensões languageira, procedimental, valorativa e laboral, lançam bases para a necessária e fundamental interdisciplinaridade para pensar atividades de trabalho que encontram na linguagem sua centralidade.

Nessa direção, esse livro tem como objetivo apresentar ao leitor brasileiro um panorama de pesquisas que se fundamentam na perspectiva bakhtiniana para o estudo da tradução e da interpretação de línguas de sinais e suas contribuições para o constante movimento social e científico de construção de políticas públicas voltadas à inclusão da pessoa surda na sociedade e da ampliação da formação de tradutores e de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras)-português.

No primeiro capítulo, **O movediço lugar da tradução: contribuições da perspectiva dialógica da linguagem**, Neiva de Aquino Albres apresenta uma importante reflexão teórica sobre

as contribuições da perspectiva dialógica da linguagem para o campo dos Estudos da Tradução invocando autores nacionais e internacionais para sustentar a ideia de que a tradução, dado o seu caráter multifacetado, é uma atividade movediça, e que nela cabem diferentes abordagens, encontros, leituras e que a perspectiva dialógica da linguagem tem muito a contribuir com uma visão social, ideológica, histórica e cultural sobre o traduzir e seus desdobramentos.

Em **Atividades de tradução, interpretação e guia-interpretação: o ético e o estético**, Vânia de Aquino Albres Santiago reflete sobre as atividades de tradução, interpretação e guia-interpretação da língua de sinais sob a perspectiva linguístico-enunciativo-discursiva bakhtiniana. Ancorada na filosofia do ato ético de Bakhtin, a autora apresenta um mapeamento sobre os campos de atuação do tradutor, do intérprete e do guia-intérprete realizado em sua tese de doutoramento em 141 textos de dissertações e teses e 55 textos de artigos, notícias, debates, *lives* e outras publicações. O estudo revela que, independente da filiação teórico-metodológica, o contexto de atuação se impõe durante o percurso científico narrado nas publicações evidenciando que, conforme premissa bakhtiniana, não existe enunciado fora de contexto.

No terceiro capítulo, **Gêneros do discurso em libras videossinalizada da esfera acadêmica na perspectiva bakhtiniana**, Rodrigo Custódio da Silva apresenta um recorte de sua tese de doutorado que objetivou analisar a prova em Libras enquanto gênero do discurso na esfera acadêmica. A fim de visibilizar os gêneros do discurso em Libras que vem sendo produzidos nessa esfera nos últimos anos e registrar a evolução desses gêneros para a atual e próxima geração da comunidade surda acadêmica e da Libras, o autor apresenta uma coleta de gêneros acadêmicos produzidos em Libras videossinalizada, termo proposto pelo autor para englobar as especificidades de produção, recepção e circulação dos discursos produzidos nessa língua, disponibilizados em diferentes bancos de dados de domínio público e que foram levantados em sua tese.

Natália Francisca Frazão e Ana Claudia Balieiro Lodi escrevem o quarto capítulo intitulado **Interpretação na esfera televisiva: o intérprete surdo em foco**. As autoras realizam uma análise sobre o trânsito das posições enunciativo-discursiva de uma intérprete surda durante sua atuação no Programa #Provoca da TV Cultura que recentemente tem oferecido aos telespectadores surdos uma grade de programação acessível por meio da tradução e da interpretação da Libras. Adotando como dispositivo metodológico de registro o diário de campo, as autoras analisam como a primeira autora, intérprete surda no contexto de análise, contribui de uma dupla perspectiva: a de intérprete e tradutora e a de público-alvo da interpretação e da tradução.

Em **O desenrolar do novelo conceitual bakhtiniano na formação de tradutores audiovisuais da Libras**, Vinícius Nascimento apresenta as contribuições do pensamento bakhtiniano para a formação de tradutores audiovisuais da Libras. Para tanto, escolhe um projeto de tradução audiovisual realizado no âmbito de uma atividade de extensão na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e demonstra como os conceitos bakhtinianos de enunciado concreto, gêneros do discurso e alteridade podem contribuir de maneira significativa para a construção do processo tradutório e para o processo formativo de tradutores audiovisuais da Libras.

No sexto capítulo, intitulado **A interpretação para Libras de enunciados sonoros no teatro e as notas de interpretação**, Carolina Fernandes Rodrigues Fomin se fundamenta na dialogia proposta por Bakhtin e o Círculo e nos ETILS, especialmente as discussões sobre intermodalidade tradutória, para apresentar um recorte de sua dissertação de mestrado que descreveu algumas características inerentes à atividade de tradução e interpretação em espetáculos teatrais envolvendo a equipe de profissionais, as formas de atuação e a preparação. Na discussão apresentada, a autora desenvolve o conceito de *notas de interpretação* e analisa enunciados sonoros de apresentações teatrais que se apresentam como um texto-som a ser interpretado pelos tradutores e intérpretes de língua de sinais.

Beth Brait, Amanda Assis e Luana Manini discutem, no sétimo capítulo, **O papel fundamental do TILS no acesso do surdo à justiça: uma perspectiva verbo-visual dialógica** e apresentam análises preliminares de um estudo mais amplo sobre a atuação do intérprete de Libras no contexto judiciário. As autoras analisam a tradução de uma prova de concurso público para a Libras destinada às pessoas surdas a fim de atuarem no contexto judiciário e pretendem, com isso, construir, ao final do estudo ainda em desenvolvimento, um *protocolo de atuação com base em um letramento jurídico*, que poderá complementar a formação do TILS.

E, para encerrar, Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamlourença e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, debatem **A produção e a posição discursiva do TILS no processo tradutório no campo educacional**. As autoras abordam o espinhoso tema da atuação do intérprete em contextos educacionais, bem como as necessidades formativas de TILS atuantes em instituições federais de ensino superior (IFES), com base em uma pesquisa-intervenção, com participantes de um curso de formação continuada, oferecido na modalidade EaD (Educação a Distância). A análise apresenta aspectos de atuação que vão desde a questão linguística, passando pelos gêneros discursivos mobilizados nas esferas educacionais até questões atinentes ao lugar discursivo desses profissionais nas interações linguística, social e educacional inerentes ao processo tradutório.

Nesse sentido, o livro reúne pesquisas que se fundamentam na perspectiva dialógica da linguagem para o estudo da tradução e da interpretação de línguas de sinais e a expectativa é que ele possa contribuir com estudantes, pesquisadores e profissionais do campo na apreensão de conceitos, na construção de pesquisas e na atividade prática de trabalho com o traduzir e o interpretar.

Vinícius Nascimento

Julho de 2022.

Prefácio

Adail Sobral

Este livro é a meu ver um marco nos estudos de inspiração bakhtiniana envolvendo a tradução/intepretação de/em línguas de sinais. Ele envolve igualmente uma espécie de resgate de relações de amizade e profissionais para mim.

Conheço meu amigo Vinícius Nascimento há um bom par de anos, desde a época em que fui docente do curso de Intérpretes de Libras da UNIMEP, em Piracicaba, estado de São Paulo, no começo do século. Vinícius traz em si uma grande inquietação de intérprete de Libras e de docente-pesquisador, assim como uma recomendável postura ética. E essas características têm lhe valido várias realizações, claro que todas com base em muito esforço e dedicação.

Tive ainda o prazer de traduzir para o inglês textos de algumas das autoras aqui presentes sobre essa mesma questão, e de ter trabalhado com as amigas Cristina Lacerda e Ana Claudia Lodi, que foi coordenadora do Curso da UNIMEP. Devo ainda mencionar a presença entre os autores de outra amiga, bem como presença constante em tantas iniciativas, que foi minha orientadora de Doutorado na PUC-SP, Beth Brait.

Devo também dizer que é uma honra e uma grande satisfação ter sido convidado a prefaciar este livro. Agradeço aos autores deste livro pela generosidade de considerar relevantes, e citar, alguns dos meus textos publicados, e inclusive de verem neles sentidos possíveis, mas não necessariamente intencionados pelo autor, o que mostra a interconstitutividade, se assim se pode dizer, dos sentidos pela relação locutor-interlocutor, ou melhor, entre interlocutores.

Quando publiquei em 2008 *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*, cuja versão final foi escrita em Piracicaba, SP,

abordei a questão da tradução de/em Libras de passagem, essencialmente defendendo a ideia de ser ela uma língua por direito próprio, em um capítulo intitulado “Traduzir em Libras também é dizer o «mesmo» a outros”. Era importante na época assinalar isso, uma vez que se pensava de certo modo Língua de Sinais como “linguagem de sinais”, “mímica”, “linguagem de gestos”, perdendo de vista os aspectos linguísticos e enunciativos e o fato de que a tradução de/para Libras seguia os mesmos princípios da tradução entre quaisquer outros pares de línguas.

Declarei ali que o livro tinha inspiração bakhtiniana, em vez de ser uma “aplicação” da teoria a tópicos de tradução. Porque as aplicações empobrecem os objetos e as teorias aplicadas. Vejam que a Linguística Aplicada não é uma aplicação da Linguística, mas um diálogo com ela. E defendi a tese, de cunho enunciativo-discursivo, de que não há, a rigor, equivalências entre as línguas, apesar de suas semelhanças, entendendo “equivalência” como “igual valência”, ou seja, sentidos fixos inerentes a palavras e expressões que seriam iguais de uma língua para outra.

Isso na verdade não era novidade, uma vez que São Jerônimo, o patrono da tradução, já dissera que traduzia o tom e não as palavras propriamente ditas, tendo feito uma excelente análise da tradução do ponto de vista que mais tarde seria chamado de ponto de vista “funcionalista” no campo da tradução. Eu dizia ali (permitam-me o abuso), pensando que, apesar das especificidades, traduzir e interpretar não diferem em termos de ações enunciativas, mas apenas em termos materiais:

Pensar a interpretação como a busca de correspondências — com maior ou menor sucesso — entre os sentidos criados numa língua e as possibilidades de criação de sentido em outra língua — em vez de equivalências entre elementos isolados ou textos, frases etc. — implica pensar as línguas não como compostas por elementos equivalentes aos de outras línguas, mas como compostas por formas de expressão que usam esses elementos para criar, no âmbito de uma dada cultura, formada por diferentes expressões, sentidos que a

operação de tradução pode fazer corresponder a sentidos criados em outra cultura, igualmente complexa, formas de expressão que não são exatamente iguais nem equivalentes, mas que permitem criar efeitos de sentido semelhantes (Sobral, 2008, p. 81).

Assim, a proposta era (e é) que, como o texto traduzido se dirige a um dado interlocutor, o tradutor/intérprete deve buscar os meios necessários, na língua para a qual traduz, para fazer chegar os enunciados, parte de um discurso, e não apenas o texto como materialidade, a esse interlocutor, ao qual o autor ou autora do texto de partida não pode se dirigir. O texto é o recurso material para a exploração das possibilidades expressivas da língua por profissionais da tradução.

Vejo hoje que, questões terminológicas à parte, essa tese tem sido não apenas um ponto de partida para vários estudos como também parte de cursos de formação de tradutores/intérpretes e, mais do que isso, o que me deixa muitíssimo feliz, parte da prática de tradutores/intérpretes, alguns dos quais também teorizam. Lembrei com isso que a ideia de “dizer o «mesmo» a outros” surgiu por acaso em uma lista de Internet como resposta à pergunta “Mas afinal o que é traduzir?” Na época, diziam que de conversas da Internet nada podia vir de útil.

Obviamente que esse avanço que aqui reconheço não é consequência de meu texto, mas antes da contribuição de grande número de autoras e autores, bem como de um clima de pensamento que passou a girar em torno de propostas bakhtinianas, em vários campos, o que a meu ver mostra tanto o avanço da presença da teoria bakhtiniana no país como do pensamento e da prática “dialógicas” no campo da tradução de/em Língua de Sinais.

A excelente Apresentação feita pelo organizador descreve os capítulos com maestria, razão pela qual faço aqui uma leitura transversal em diálogo com algumas propostas desses textos. Devo insistir que os estudos aqui apresentados colaboram para a prática da tradução/interpretação, e não só de Libras, são uma amostra da qualidade dos atuais estudos do campo em perspectiva

enunciativa e, o que é o foco de meus comentários aqui, contribuem para a formação de tradutores.

No Simpósio “Formação de tradutores/as e intérpretes e contextos sociais”, organizado por Márcia Moura da Silva (UFRGS), Monique Pfau (UFBA) e Sandra Dias Loguercio (UFRGS) no XIV Encontro Nacional de Tradutores e VIII Encontro Internacional de Tradutores, a ser realizado de 28 de novembro a 02 de dezembro de 2022, na UFRGS, vou me ocupar do tópico “A formação do tradutor como mediador semiótico entre culturas”. Eu já falo do tradutor/intérprete como mediador entre culturas há algum tempo, inclusive mencionando sua função social mais ampla, seu papel emancipatório com respeito aos interlocutores servidos e de construtores de conhecimento, e clamando pelo reconhecimento desse seu papel.

Obviamente que sempre considerei as línguas sistemas semióticos, sistemas de produção de sentidos. Mas agora tenho destacado os aspectos semióticos mais amplos, partido da ideia, de inspiração bakhtiniana, de que a tradução é um processo que ocorre já no psiquismo e na própria língua materna. Todo sujeito sempre traduz em seus próprios termos o que o outro enuncia nos seus e traduz nos termos do outro aquilo que vai enunciar. Cada língua já é formada por várias outras linguagens, e envolve pontos de vista pessoais e coletivos que são mais do que a soma de pontos de vistas individuais. Esse processo parece mais evidente quando se trata da tradução entre distintos sistemas semióticos. Traduzimos o outro e nos traduzimos naquilo que dizemos e naquilo que nos é dito. Logo, a tradução é uma atividade que leva necessariamente em conta o dinamismo das línguas como sistemas semióticos.

Essa ideia é que me parece vital levar aos tradutores em formação, bem como aos estudiosos e tradutores/intérpretes em atividade. Negando alegações no campo dos estudos de tradução de que a perspectiva enunciativa ignora a textualidade e os aspectos cognitivos envolvidos, temos insistido no aspecto textual- semiótico da atividade de tradução. Chegamos mesmo ao

ponto de usar protocolos de pesquisa que consideram as operações cognitivas, seguindo, por exemplo, Gerloff:

Toda pessoa que traduz um texto é obrigada a entender o que nele está escrito (este é o componente da compreensão do processo) e, em seguida, deve reproduzi-lo com suas próprias palavras (este é o componente da produção). Sendo esses dois fenômenos complementares que sustentam toda atividade de língua, nativa ou estrangeira, falada ou escrita, o que ficamos sabendo mediante a pesquisa com protocolos na tradução deve nos ajudar a desvendar questões elucidativas sobre a natureza das operações cognitivas que estão na base da compreensão e da produção, bem como as relações existentes entre esses dois processos (Gerloff, 1987, p. 137, tradução indicativa minha).

Mas a perspectiva, que os capítulos deste livro exploram com competência, é situada: em que contexto se realizam essas operações? Sem essa pergunta, se estaria regredindo ao contexto em que São Jerônimo declarou que não fazia sentido uma tradução palavra por palavra, mas que traduzira o tom do texto, no caso, bíblico. Logo, a perspectiva em questão considera o horizonte e o ambiente em que ocorre a tradução, sem esquecer o discurso e a materialidade textual.

A proposta é, assim, que o ensino, a pesquisa e a prática da tradução unam transculturalidade, intersemiose e responsabilidade ética no ato tradutório com base em uma abordagem emancipatória (Loguércio, Reis & Sobral, 2020, p. 89) acerca desse labor. Essa abordagem

exige, antes de tudo [...] o reconhecimento do outro como sujeito, sujeito produtor de conhecimento e, assim, a transformação de uma visão monoculturalista — predominante nas sociedades ditas ocidentais e nos projetos de globalização — para uma visão multiculturalista, que favoreça o diálogo, não a imposição de ideias, a convivência das diferenças,

não a homogeneização, a aprendizagem mútua, não a colonização. Trata-se, em última instância, de valorizar a vida em sua diversidade e especificidade local, não o mercado que nutre impérios, destruindo culturas e alteridades.

Uma das principais implicações dessa abordagem é que (op. cit., loc. cit.):

Tradutora(e)s e intérpretes não apenas mediam encontros de culturas, como constituem fator vital da produção desses encontros (Baker, 2018). [...] Eles estão presentes em processos tanto de desmonte de democracias como revolucionários, porque são seres políticos que constroem realidades culturais, intervindo “no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros” (Baker, 2018, p. 340). Por meio de novas metodologias (Ferreira, Sousa & Gorovitz, 2015) e pensando no alcance e poder das traduções (Milton, 1993), muitos profissionais da tradução e da interpretação já se assumem hoje como ativistas, organizando-se em movimentos coletivos autônomos para fazer frente ao *status quo* político, usando suas competências linguísticas para criar novos espaços de resistência, seja dando visibilidade a narrativas silenciadas, seja possibilitando narrativas em outras línguas, minoradas pela hegemonia do inglês e por políticas linguísticas globais.

Tudo isso para dizer que os trabalhos aqui reunidos criam “espaços de resistência, seja dando visibilidade a narrativas silenciadas, seja possibilitando narrativas em outras línguas”, bem como possibilitam a todos os envolvidos, ou que venham a ser envolvidos, “valorizar a vida em sua diversidade e especificidade local, não o mercado que nutre impérios, destruindo culturas e alteridades”. Não se trata de estudos acadêmicos ingênuos, alienados, ociosos, mas declarações de que o mundo “lá fora” dota de sentido a academia que o estuda, ainda que esta também lhe traga contribuições. E com isso todos ganham.

Vejamos.

Neiva de Aquino Albres, em seu capítulo, demonstra, com base em um exaustivo levantamento dos estudos da tradução, incluindo os de cunho bakhtiniano, e de um histórico dessa teorização no Brasil, que a tradução, com seu “lugar movediço”, definido como “esforço do tradutor em mover-se de uma língua para outra, considerando as construções arquitetônicas e seus efeitos de sentidos, lutando para produzir semelhantes efeitos na língua de chegada”, a riqueza advinda da perspectiva bakhtiniana nos estudos de tradução e, especificamente, de/em Libras, num inspirador texto.

Alinhada à perspectiva ética emancipatória de que falei, sem prejuízo do estético, Vânia de Aquino Albres Santiago mostra importantes aspectos acerca da atuação do tradutor, do intérprete e do guia-intérprete, três categorias de profissionais com relevante papel social, enfatizando, o que é uma importante inovação, suas “condições de produção, registro e circulação”, a par de reconhecer ser a tradução produtora de “conhecimento teórico-prático”. Cabe mencionar nesse capítulo o mapeamento de tradução/interpretação *entre* Línguas de Sinais.

Rodrigo Custódio da Silva, por sua vez, mostra a amplitude crescente do desenvolvimento e da divulgação de materiais didáticos em Libras nessa língua, atividades advindas das “políticas linguísticas movimentadas pela comunidade surda e da expressividade crescente de profissionais formados ao trabalho na área de Libras”. A tematização e sistematização feita pelo autor contribuem precisamente para a consolidação dessas políticas em um país excludente como é o nosso, ou seja, colaboram com a emancipação da comunidade e da cultura surda.

Natalia Francisca Frazão e Ana Claudia Balieiro Lodi também inovam ao abordar em um estudo de caso um tópico pouco estudado, o papel de uma intérprete surda na interpretação de programas de TV para Libras. Essa questão se vincula com o papel da dupla de intérpretes surdos na tradução entre línguas de sinais, o que tem extrema relevância no sentido do acesso de surdos brasileiros e de outros países às línguas de sinais uns dos

outros sem a intermediação de alguma língua oral, com vantagens em termos de materialidade semiótica e de interlocução.

O organizador também dá sua contribuição à abordagem que considero assumida por este livro: prático-teórica, ética e emancipatória. Vinicius Nascimento aborda a tradução audiovisual da língua de sinais (TALS) em atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, destacando que a atividade não se resume ao momento pontual da tradução, visto envolver “aspectos anteriores à circulação” como “preparação, estudo e pesquisa sobre o material a ser traduzido” e, o que é sobretudo relevante, “os embates e negociações com as equipes de edição e produção sobre o tamanho da janela na tela”. Merece destaque em seu trabalho o fato de a atividade descrita ter sido desenvolvida com e por alunos, que tiveram a oportunidade de vivenciar a TALS, e, especialmente, participar da “construção conjunta dos conceitos ligados à própria atividade”.

Na linha de atividades-meio para a atividade-fim de interpretação propriamente dita, Carolina Fernandes Rodrigues Fomin aborda a tradução de enunciados sonoros no teatro, enfocando as “notas de interpretação”, vinculadas com o “preparo, análise de roteiro e análise de um espetáculo”, e que consideram as necessidades de levar ao interlocutor tudo aquilo de que ele precisa em sua recepção. “Notas” designa indicações verbais dadas aos espectadores surdos sobre a porção não verbal da cena, ou seja, uma tradução intersemiótica entre um discurso imagético do teatro e o sistema semiótico da Libras, um procedimento essencialmente inclusivo.

Beth Brait, Amanda Assis e Luana Manini, por sua vez, se referem à importante questão do acesso dos cidadãos surdos ao sistema judiciário brasileiro, seja como partes, testemunhas, vítimas ou candidatos de concursos etc., bem como do letramento jurídico dos intérpretes. As autoras mostram os requisitos e operações que os intérpretes precisam realizar nessa interpretação intersemiótica, suas especificidades na esfera, para que os interlocutores surdos tenham suas necessidades atendidas,

sendo uma de suas propostas que a equipe de tradução envolva intérpretes surdos, o que constitui uma iniciativa que propicia a inclusão, tanto dos surdos que precisam de interpretação como dos intérpretes surdos.

Por fim, Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamlourengo e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, em seu texto “A produção e a posição discursiva do TILS no processo tradutório no campo educacional”, abordam um dos mais antigos campos de atuação dos TILS, o da educação, no caso específico, no nível superior, dialogando com a proposta de responsabilidade ética e emancipatória que mencionei. As autoras discutem a atividade com base na reflexão sobre o “lugar discursivo desses profissionais nas interações linguística, social e educacional inerentes ao processo tradutório”, enfatizando que estes devem ocupar o lugar de interlocutores ativos, como o são os indivíduos que eles traduzem e para os quais traduzem. Esses profissionais são, como vemos no capítulo, constitutivos e constituintes da rede de relações que a tradução educacional se desenvolve, assim como são nela constituídos.

Em suma, este volume organizado por Vinícius Nascimento reúne relevantes capítulos que abordam estudos da tradução e interpretação da Língua de Sinais da perspectiva dialógica. Considero o fato de a abordagem de todo o livro ser dialógica um importante marco do avanço dos estudos de tradução de/em Língua de Sinais no Brasil. Certo número de autoras e autores nele presentes vêm dando há algum tempo uma importante contribuição a esses estudos, bem como a essa perspectiva.

REFERÊNCIAS

- GERLOFF, P. Identifying the unit of analysis in translation, some uses of Think-aloud protocol data. In: FAERCH, C. & G. KASPER (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987, pp. 135-58.

- LOGUÉRCIO, S.; REIS, F. & SOBRAL, A. O ensino e a pesquisa em tradução e interpretação de um ponto de vista multicultural emancipatório. In: NUTRA. *Caderno de Resumos do II ENCONTRA* — 2.º Encontro de Tradução (Tradução e Cultura). Rio Grande: FURG, 2020, p. 59.
- SOBRAL, A. *Dizer o “mesmo” a outros*. Ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS, 2008.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

O MOVIMENTO LUGAR DA TRADUÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Neiva de Aquino Albres

PALAVRAS INICIAIS

O ato de traduzir, como uma prática social e cultural, pode estar filiado teoricamente a abordagens contemporâneas de áreas distintas (filosofia, linguística, tradução, psicologia, sociologia, história) que envolvem, notadamente, diálogos entre diferentes campos do saber. É com base em tais diálogos que emergem as reflexões acerca das possibilidades de obtenção de correspondência de sentido entre línguas e culturas.

Não obstante, concepções mais abrangentes não restringem a tradução à uma questão linguística de atividade com línguas ou como atividade meramente cognitiva, e não é com

análises puramente logocêntricas que se concebe o trabalho do tradutor, pois nas práticas tradutórias também “entram em jogo juízos de valor, «vácuos» temporais entre os textos que são objeto da tradução e os textos a serem traduzidos, bem como formas subjetivas de apreensão das determinações históricas que subjazem aos textos a serem traduzidos” (Zandwais & Tutikian, 2012, p. 1).

A partir desta premissa, portanto, a posição de Francis Aubert em *Conversas com tradutores* (Aubert, 2003), Umberto Eco em *Quase a mesma coisa* (Eco, 2007) e Adail Sobral em *Dizer o mesmo a outros* (Sobral, 2008) que a atividade do tradutor não se restringe a aplicação de teorias linguísticas, muito menos a modelos que teorias podem oferecer. A tradução está a todo momento desafiando o tradutor em mover-se, respeitando as restrições das línguas como sistemas, circunscritas a um código, e aos aspectos culturais e ideológicos que conduzem a produção de co-ocorrências semânticas entre as línguas de trabalho. O movediço lugar da tradução (título desse artigo) está no esforço do tradutor em mover-se de uma língua para outra, considerando as construções arquitetônicas e seus efeitos de sentidos, lutando para produzir semelhantes efeitos na língua de chegada.

É, pois, para refletir em torno de tais questões que este texto apresenta, primeiramente, um breve panorama dos Estudos da Tradução (ET), seguido de uma revisão de diferentes estudos baseados na perspectiva dialógica da linguagem e suas contribuições para os ET. Para finalizar, alguns apontamentos sobre os pioneiros estudos da tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e português (ETILS) baseados nesta perspectiva são apresentados. Este texto direciona-se tanto aos tradutores de português-Libras que se interessam por este tipo de pesquisa, quanto aos pesquisadores que necessitam de um panorama da área de ETILS, especialmente, os fundamentados na perspectiva dialógica da linguagem, baseados em Bakhtin e o Círculo.

OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO (ET) COMO CAMPO (INTER)DISCIPLINAR

Tanto a definição de tradução, quanto as teorias desenvolvidas em ET, como as práticas de tradução, ou seja, os modos de conduzir uma tradução são envolvidas de aspectos linguísticos e ideológicos. Dito de outro modo, tantos os estudiosos da tradução, quanto os tradutores que executam traduções são conduzidos pelas suas concepções sobre linguagem, sujeito e cultura. “As reflexões sobre a atividade tradutória têm manifestado, por mais de dois mil anos, posicionamentos por vezes radicais ou frontalmente opostos. A velha tensão entre tradução literal e livre, por exemplo, ainda não foi satisfatoriamente resolvida” (Souza, 1998, p. 51).

Cabe indicar que há diferentes abordagens teóricas sobre a tradução que contribuem com a construção do que se tem denominado de “Estudos da Tradução” (Holmes, 1998). Essas abordagens se constituíram a partir da consolidação dos ET como “disciplina que se ocupa dos problemas levantados pela produção e descrição das traduções” (Bassnett, 2003, p. 19), culminando na definição “[d]o objetivo da teoria da tradução [que] é, então, chegar a um entendimento dos processos implicados no ato da tradução e não, como é geral erroneamente entendido, fornecer um conjunto de normas para realizar a tradução perfeita” (Bassnett, 2003, p. 71).

Pode-se compreender a contribuição de diferentes áreas para a consolidação dos ET, desde a abordagem linguística, cujo propósito era a “comparação do original e da tradução com o intuito de averiguar as «perdas» e as «traições»” (Bassnett, 2003, p. 12). Todavia, a partir da virada cultural anunciada por Bassnett e Lefevere nos anos 1990, no qual rompeu-se com a fase formalista, os Estudos Culturais ganharam destaque (Bassnett, 1998). Citamos a Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1978), que tem um enfoque funcionalista e se baseia na concepção da tradução literária como parte de um sistema cultural, histórico e literário na

língua-alvo. Esse sistema participa de um sistema maior (polisistema) e relaciona-se com outros polissistemas. A cultura é um fator influenciador que determina quais obras estrangeiras serão traduzidas na língua receptora (Even-Zohar, 2004).

Por sua vez, algumas vertentes mais contemporâneas vislumbram o tradutor como autor do texto traduzido. Um exemplo é a concepção de tradução poética, que apesar de se inspirar no texto de partida e ter a sua razão de ser por causa dele, consiste na experiência artística do tradutor que originalmente produz a tradução. Então,

uma tal reflexão fundada sobre uma teoria histórico-materialista da linguagem põe fim ao reinado do sentido objetivo, imanente, imutável, a-histórico, próprio de uma concepção que perpetua conceitos como o da inferioridade da tradução frente ao original, fidelidade, transparência, apagamento do tradutor etc. (Furlan, 2013, p. 288).

Assim, como a filosofia enunciativo-discursiva da linguagem também parte de uma visão histórica e materialista ao compreender a existência da linguagem apenas em enunciados concretos, na base real de vida e interação entre sujeitos reais e situados no tempo e espaço. Algo fora deste escopo se torna uma abstração e uma formulação meramente didática.

Abordagens descritivas surgem no processo de consolidação dos ET investigando a sua própria genealogia, voltando-se para o texto, para a operação do texto de um sistema linguístico para outro. As abordagens culturais, por sua vez, conduzidas por investigações interdisciplinares considerando o elo indissolúvel entre língua e cultura tornou-se ponto de focagem do interesse acadêmico. No entanto, as abordagens pós-modernas enfatizam a desigualdade das relações de poder que caracterizam o processo de tradução. Apresentada uma breve trajetória dos ET da língua à cultura, cabe indicar Bakhtin e o Círculo como contribuições profícuas para compreender o processo de trabalho com línguas em processos de tradução e/ou interpretação.

Demarcando historicamente a produção de Bakhtin e o Círculo, temos que Mikhail Bakhtin nasceu em 1895 e “faleceu em Moscou, em 1975, após longa enfermidade” (Magalhães, 2007, p. 212). Participou de vários círculos de estudos produzindo muito conhecimento sobre linguagem.

Em meados da década de 60, Bakhtin tornou-se conhecido na Europa ocidental e, a partir de então, no resto do mundo. Tal reconhecimento deu-se por intermédio de J. Kristeva que, trabalhando no domínio dos estudos literários, via na teoria polifônica do filólogo russo uma forma de reação contra a submissão do sujeito pelas estruturas, pelo viés da história (Pires, 2002, p. 36).

No Brasil, Bakhtin é introduzido nos estudos da Teoria literária, Literatura Comparada e Comunicação e Semiótica, estudado com base em textos em língua estrangeira, e a primeira tradução para o português do Brasil ocorreu do livro “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem”,¹ no ano de 1979 (Ornellas, 1998).

Para Campos (2016), o filósofo Bakhtin tornou-se conhecido na Educação, principalmente, entre professores de língua materna da escola básica brasileira e nos materiais didáticos, a partir dos conceitos de “língua”, “linguagem”, “texto”, “gêneros do discurso” extraídos do livro *Os gêneros do discurso* (1979), inclusive registrado nas orientações oficiais do Ministério da Educação. No campo dos ET, pesquisadores que adotam a perspectiva dialógica da linguagem pautados em Bakhtin e o Círculo têm usado aproveitando-se de outros conceitos, como: enunciado, discurso, polifonia, ato, dialogismo, heteroglossia, difundidos a partir dos anos de 1990, como apresentado a seguir.

1 A primeira tradução trazia Bakhtin como autor principal, e, após investigações históricas, a nova tradução do livro pela Editora 34 atribui a autoria principal a Volóchinov (Brait & Pistori, 2020).

OLHARES SOBRE A TRADUÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DIALÓGICA²

Nessa sessão, apresentamos um panorama dos ET e os fundamentos da perspectiva dialógica para os estudiosos da tradução despontando nos anos 1990. Primeiro internacionalmente, logo depois, no Brasil.

Cabe iniciar analisando que, apesar da abordagem dialógica ser bastante interessante para estudar aspectos da tradução ou da interpretação interlingual, ainda é pequeno o número de pesquisadores que se fundamentam nessa perspectiva. No artigo publicado em 1993 por Khozan na revista *Perspectives: Studies in Translatology*, a autora discute a tradução de contos e introduz o termo *atmosphere*,³ tutelando que, para traduzir esse gênero textual, não adianta fazê-lo literalmente, e que compreender a ambientação da obra literária auxilia na tomada de decisão durante a execução do projeto tradutório, ora realizar uma tradução direcionada ao texto de partida, ora em fazer escolhas mais livres que valorizam o sentido, mantendo o estilo textual e enunciativo-discursivo (Khozan, 1993). Podemos citar também os estudos de Brian Mossop (1998), onde ele define a tradução como discurso reportado (*translating as speech reporting*), seguido por Taivalkoski-Shilov (2006) (*the translation of reported discourse*).

Há um conjunto de trabalhos que discutem sobre a voz do tradutor, baseados no conceito de vozes do discurso de Bakhtin e o Círculo. «Voz» pode ser definida como o conjunto de sugestões textuais que caracterizam uma identidade subjetiva ou coletiva

2 As expressões *pensamento bakhtiniano*, *perspectiva bakhtiniana*, *princípios bakhtinianos* e *perspectiva dialógica* correspondem à maneira como Mikhail M. Bakhtin, em diálogo com outros intelectuais russos no início do século XX, em especial Valentin Volóchinov e Pavel Medviédov, conceberam a linguagem no âmbito da cultura, da literatura, da estética, das artes e da comunicação (Brait, 2013; Nascimento, 2018). Outros autores utilizam também a denominação abordagem enunciativo-discursiva.

3 O termo *Atmosphere*, traduzido neste texto como “ambientação”, refere-se ao tom que prevalece na história narrada e está relacionada à cultura da língua de partida e a identidade da narrativa/obra.

em um texto”⁴ (Taivalkoski-Shilov, 2015, p. 60, tradução nossa). Há várias questões relacionadas aos aspectos da voz do tradutor na retradução: Como as vozes de outras pessoas (incluindo outras (re)traduções) interagem com a voz do tradutor na produção de uma tradução? Como se manifesta a voz intersubjetivamente constituída do tradutor em paratextos, no texto traduzido e, no caso dos cantores-tradutores, na voz física e interpretativa do tradutor? (*the translator’s voice in retranslation*) (Grrenal, 2015).

Alvstad et al. (2017) problematizam a concepção neutra e impessoal da tradução discutindo as vozes textuais e contextuais e apontam que a produção e recepção de uma tradução está longe de ser um processo simples e linear do tradutor, por meio do texto para o público-alvo — receptor. Em vez disso, evoca as ideias de heteroglossia (“outras palavras”) e polifonia (“múltiplas-vozes”) de Bakhtin (1981) como os princípios por detrás de qualquer arquitetura textual e discursiva. Citam as vozes dos escritores, tanto vozes quanto os mundos de origem e da cultura de chegada; vozes do editor e revisor (opiniões sobre questões linguísticas e estilísticas); vozes do autor do texto de partida, quando vivo; como também, o inventário corporativo do tradutor, com vozes de autoridade sobre questões linguísticas, literárias ou culturais (em outras palavras, seu conhecimento); bem como vozes de paratextos⁵, como dicionários ou mecanismos de busca; assim como as vozes dos membros da família, amigos e colegas tradutores. Concluem que há um número infundável de vozes que podem circular nos textos originais e nas traduções, dito de outro modo, as vozes constituem o próprio tecido dos textos.

Amith Kumar (2015) adota uma abordagem dialógica e seu foco principal é o exame de uma formulação teórica ocidental e situações culturais. Para esse autor, o conceito de dialogismo é

4 “Voice” can be defined as the set of textual cues that characterize a subjective or collective identity in a text (Taivalkoski-Shilov, 2015, p. 60).

5 Paratexto inclui “qualquer material adicional a, anexado ou externo ao texto principal que tem funções de explicar, definir, instruir ou apoiar, adicionar informações básicas ou opiniões relevantes e atitudes de acadêmicos, tradutores e revisores” (Pellatt, 2013, p. 1, tradução nossa).

essencialmente produtivo para o estudo do processo de tradução. Como o dialogismo trata das relações entre o eu e o outro que estão em um estado de fluxo contínuo, considera possível a aplicação dos seus princípios à tradução intercultural.

Isso porque o estudo do processo de tradução e encontros culturais são inevitavelmente o estudo da dinâmica do eu / outro. No caso da tradução, pelo menos três tipos de diálogos entre o eu e o outro pode ser identificado: o primeiro entre o eu do tradutor e o texto de partida ou outro; o segundo entre o eu do tradutor e o público-alvo, o segundo outro; e o terceiro entre a cultura de partida / idioma e a cultura / idioma de chegada que um tradutor estabelece por meio de sua tradução. Tradução, portanto, é um produto de um encontro dialógico onde o tradutor não apenas tenta desenhar a atenção do leitor potencial para as peculiaridades culturais do texto de partida, mas também carrega as intenções autorais como apresentadas no texto de partida para o público-alvo. É importante para nós entender que o *self* do tradutor não é uma entidade isolada. A-histórica e apoliticamente constituída, mas como um eu dialógico, é intersubjetivo e produto dos inúmeros diálogos que continuam ocorrendo em uma situação histórica particular. Isso é, o eu do tradutor é constituído apenas no processo de diálogo com o de outros⁶ (Amith Kumar, 2015, p. 19, tradução nossa).

6 “This is because the study of the process of translation and cultural encounters is inevitably the study of the self/other dynamics. In the case of translation, at least three kinds of dialogue between the self and the other can be identified: the first between the translator’s self and the source-text or the other; the second between the translator’s self and the target audience, the second other; and the third between the source culture/language and the target culture/language that a translator establishes through her/his translation. Translation, therefore, is a product of a dialogic encounter where the translator not only attempts to draw the attention of the target reader to the cultural peculiarities of the source-text, but also carries the authorial intentions as presented in the source-text to the target audience. It is important for us to understand that the translator’s self is not an isolated entity. Historically and apolitically constituted, but like a dialogic self, it is intersubjective and the product of the numerous dialogues that keep occurring in a particular historical situation. That is, the translator’s self is constituted only in the process of a dialogue with the other. It cannot have an a priori existence. It comes into being due to the dialogic encounter” (Amith Kumar, 2015, p. 19).

A polifonia é outro tema bastante recorrente nos Estudos da Tradução (Dehkordi & Rahiminezhad, 2016), e trata da criatividade do tradutor, discutindo que em um processo investigativo é necessário analisar o estilo no texto de origem e fazer uma comparação entre o texto de origem e de destino. Em estudo específico, concluem que o discurso indireto livre foi usado como o modo de narração, ocorrendo redução ou ampliação das vozes existentes no texto de origem.

Nos ET, tanto as pesquisas sobre o produto (Baker, 2000), quanto as pesquisas sobre o processo (Alves, 2003) compreendem que há a voz do tradutor ou um estilo próprio de tradução. O estilo do tradutor é, geralmente, visto como consequência das escolhas feitas pelo tradutor, resultado de sua singularidade e, portanto, há uma combinação única de padrões recorrentes de características linguísticas em diferentes níveis, apesar das características do processo de tradução, por vezes, solitário.

É o olhar sobre o tradutor e suas escolhas entre diferentes possibilidades, implicando um processo decisório, que cria um espaço individual para o tradutor, tanto no processo como no produto, concebendo a singularidade da enunciação na tradução como reenunciação. No Brasil, Paulo Bezerra (2012) e Adail Sobral (2003, 2008) despontam nos estudos sobre tradução que tomam como base os princípios bakhtinianos.

Assim, na abordagem teórica enunciativo-discursiva bakhtiniana, “[...] Bakhtin demonstra que o sentido depende por inteiro do contexto [...]”, da enunciação, das intenções do autor, de que maneira, para quem e em que circunstância é enunciado (Sobral & Giacomelli, 2018, p. 312). Desse modo, “é [...] a relação enunciativa que determina os sentidos possíveis realizados nas interações” (ibidem, p. 308).

Apesar de outras correntes teóricas dos ET se aterem ao contexto, ou melhor, aos elementos extraverbais, pouco delas articulam aspectos históricos culturais, contexto, tempo e sujeitos envolvidos na tradução. Sobral (2008) destaca o papel do tradutor, seu ato responsável e singular:

[...] todo ato de tradução envolve uma atividade de leitura de um texto numa dada língua que difere da leitura em geral porque é feita do ponto de vista de um profissional que, em vez de apenas entender o que lê ou responder/reagir ao que lê, deve enunciá-lo a outros interlocutores, tem de reconstituir/reconstituir/restituir o que lê em outra língua e que, portanto tem de penetrar em dois universos de discurso e colocá-los numa relação de interlocução [...] (Sobral, 2008, pp. 7-8).

Sobral (2008, p. 81) define o trabalho de tradução com línguas e suas “formas de expressão que usam esses elementos para criar, no âmbito de uma dada cultura, formada por diferentes expressões, sentidos que a operação de tração, pode fazer corresponder a sentidos criados em outra cultura [...]”. Trata de correspondência, pois as expressões não são iguais ou equivalentes, mas podem criar efeitos de sentido semelhantes. O autor avança em seus estudos e refina sua análise sobre a atividade da tradução, definindo-a como uma transposição cultural de discursos, em que além do trabalho linguístico ocorre a mediação entre culturas (Sobral, 2019). O autor já tinha apontado o tradutor como um leitor especial (Sobral, 2003), contudo aprofunda esse conceito de leitor-tradutor:

a leitura propriamente tradutória, uma leitura exotópica em que o tradutor fica a meio caminho entre a cultura do texto de partida e a cultura do texto de chegada — texto que ainda não existe! Nesse tipo de leitura, vê-se/lê-se o sentido dos discursos levando em conta tanto a cultura e o período histórico de que surgiram como a cultura e o período histórico a partir dos quais se vê/lê e se traduz (Sobral, 2019, p. 3).

Na perspectiva dialógica não cabe aquele antigo provérbio italiano que todo tradutor é um traidor (*traduttore traditore*), como por tradução não se entende uma reprodução fiel, literal, neutra, do original, sem interferência do tradutor, como pensado

na abordagem linguística. Então, neste caso, todo tradutor não seria um “traidor”, o que de fato é uma definição bastante reducionista. Contudo, concebe-se o sujeito singular em uma atividade consciente com a linguagem e permeado por um tempo e todo o entorno ideológico discursivo. Brincando com as palavras e com a metáfora da tradução como esse terreno movediço, arriscando-me a criar um provérbio: em terreno movediço, “todo tradutor é um tracionador”. Usamos o verbo transitivo direto «tracionar», a fim de movimentar por tração, pela ação de deslocar um enunciado com a ajuda de uma outra língua e de sua intersubjetividade para outro dado público (audiência). Esse é o sentido da contribuição da perspectiva dialógica da linguagem, o movimento e a ação do sujeito que toma para si essa tarefa tradutória na linguagem.

Nesse sentido, o tradutor assume um ato responsável e intransferível mediante sua singularidade. Para Bezerra (2012a, p. 18), “a tradução como arte é produto de uma subjetividade especial, que, mesmo traduzindo obra alheia, tem a incumbência de lhe dar vida própria na língua de chegada, isto é, de fazer do original uma obra independente numa outra língua, numa outra cultura, dando-lhe uma nova existência histórica”.

Trata-se da produção de uma dessemelhança do semelhante, pois, ainda que a obra seja a mesma, como título original e o nome original de seu autor, não é uma cópia do original porque a tradução faz dela uma obra em movimento, sujeita a diferentes interpretações, convivendo em isonomia com obras escritas na língua de chegada e sendo lida à luz de outros valores culturais, de outra psicologia da recepção, assim como das tradições da literatura dessa língua outra. Essa nova condição — a de obra em movimento — enriquece a obra traduzida com os valores que nela insere a interpretação do outro que a lê. É isso que dá vida própria a uma obra traduzida. Aí a individualidade criadora do tradutor é questão de primeira essência. Ele investe todas as suas potencialidades criadoras no empenho de recriar a seara de

sentidos que enfeixam a obra, desprezando de saída a ilusão do “dois mais dois são quatro”, forma simplista da ilusão de literalidade. O discurso literário tem como característica fundamental a diversidade ampla e profunda de sentidos que suas palavras irradiam, o que constantemente o tradutor a interpretar o sentido ou os sentidos de uma palavra ou expressão no contexto específico desse discurso e procurar a forma mais adequada de recriá-los (Bezerra, 2012a, p. 18).

A partir das contribuições de Bezerra (2012a), compreendemos o papel criador do tradutor, acrescenta ainda que:

Sentir a língua de que se traduz é compenetrar-se totalmente, embeber-se dela, vivenciar sua sonoridade, seu ritmo, pensar com seus múltiplos recursos morfológicos e sintáticos, captar e vivenciar a afetividade e também a hostilidade que emanam das falas das personagens. Em suma, entranhar-se na língua de partida, encarnar-se, “despersonalizar-se” temporariamente nela, diluir-se na dicção dos seus falantes e assumir seu gestual como um ator que representa falas alheias para reencarnar-se em sua língua de chegada, em total consonância com os seus múltiplos valores, para produzir, no caso brasileiro, uma tradução em bom português, com as formas de expressão típicas do nosso modo brasileiro de falar e escrever (Bezerra, 2012a, p. 21).

O autor conduz uma definição de tradução fluída, em movimento, determinada pelo tempo e ação do tradutor que cria direcionado ao novo público da sua tradução. Outro trabalho que precisamos mencionar é a dissertação e a tese de Silva (2008, 2018) que se baseia na perspectiva dialógica da linguagem. O autor contribui com os ET afirmando que

[...] todo enunciado é uma tomada de posição, uma vez que, no ato da enunciação, concretiza-se uma postura global em relação à língua, à visão de mundo, aos conhecimentos,

a outros discursos e a si mesmo. Sendo um enunciado, a tradução logicamente possui também essa propriedade, bem como outras propriedades do enunciado que Bakhtin aponta (Silva, 2018, p. 76).

Novamente, a abordagem dialógica volta-se para o sujeito tradutor e o seu fazer, focaliza na tomada de decisão única e singular, marcada temporalmente e culturalmente. Silva (2018) ainda estuda a tradução como uma reenuniação, como deslocamentos do sujeito, cujo duplo trabalho da tradução (interpretação/compreensão e produção de novo enunciado) ocorrem nesse processo.

Cabe ressaltar que tanto Paulo Bezerra, Adail Sobral, quanto Heber da Silva são tradutores. Experimentar-se como tradutor pode ser um modo, portanto, de olhar para as suas próprias vivências na língua do outro, permitindo-se constituir-se nessa fronteira e com a decisão de como tradutor, de como explicar, de como tornar aquele texto/discurso mais semelhante e vivendo entre sentidos, distâncias, proximidades entre línguas, culturas, audiências a quem se destinam as obras. É nesse terreno movediço da tradução que traduzem e refletem sobre o seu próprio fazer.

Concluimos que a contribuição desses estudos indica que não se pode reduzir a tradução a uma atividade cognitiva, apenas a tarefa de pensar e de decidir, de fazer escolhas tradutórias, a tradução é mais que isso. Traduzir é viver, sentir, compenetrar-se e transformar-se a cada nova atividade de forma comprometida e ética.

ESTUDOS DA LIBRAS E SUA TRADUÇÃO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

A primeira geração de pesquisadores que iniciou o estudo da Libras fundamentados em Bakhtin e o círculo focou em processos de interpretação Libras-português nos anos 2000, geralmente, sobre a esfera educacional. Ana Claudia Balieiro Lodi e

Cristina Lacerda desenvolveram estudos que relacionavam os gêneros discursivos situando, principalmente, a interpretação em contextos concretos de interação entre sujeitos (professores, intérpretes e alunos surdos e ouvintes), dando destaque ao processo de construção de sentido em detrimento dos aspectos gramaticais da língua ou de normativas abstratas para conduzir a interpretação entre Libras e português.

Importante acentuar que essas pesquisadoras idealizaram e atuaram em um dos primeiros cursos a oferecer formação em ensino superior para tradutores e intérpretes de Libras e português (TILSP) na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), em 2005, no Curso Superior de Tradução e Interpretação com habilitação em Libras-Língua Portuguesa (Gurgel, 2010, p. 59). Adail Sobral junta-se ao corpo docente desse curso e tem novas experiências, agora com a formação de TILSP aproximando-se da Libras.

Esse grupo produz as primeiras publicações brasileiras ao relacionar a perspectiva dialógica aos estudos da tradução e/ou interpretação da Libras (Lacerda, 2000; Lodi, 2007; Sobral, 2008; Lodi & Almeida, 2010; Lacerda, 2010). Estes autores passam a fundamentar teórica e metodologicamente os novos estudos da Libras na interlocução com o objeto “tradução/interpretação”, principalmente, quando assumem a orientação de pesquisas de mestrado e doutorado e a formação dos novos pesquisadores na pós-graduação. Então, esse caminho se inicia em programas de pós-graduação em Educação e não necessariamente em programas de pós-graduação em Tradução (Albres & Prieto, 2021).

Além da UNIMEP, outras instituições que trabalhavam com grupos de pesquisas fundamentados em Bakhtin e o Círculo passaram a integrar pesquisadores interessados a estudar a tradução e/ou interpretação da Libras, como a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Uma nova geração de pesquisadores tem se dedicado a estudar a Libras em processos

de tradução e/ou interpretação fundamentados em Bakhtin e o Círculo ecoando não só as vozes advindas das produções desses autores, ao problematizar novos fenômenos da linguagem, mas dando vida aos diálogos vividos em grupos de pesquisa de forma interdisciplinar.

A consolidação de grupos de pesquisas fortalece a expansão de Bakhtin e o Círculo para os ETILS, podemos citar como exemplo, o Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade e Memória,⁷ formado no ano 2000, liderado pela professora Beth Brait, que tem em seus orientandos novos orientadores já vinculados a outras universidades como Vinícius Nascimento na UFSCar e UFSC e Paulo Rogério Stella na UFAL estudando a Libras e a tradução. O Grupo de Pesquisa Surdez e Abordagem Bilingue,⁸ formado no ano 2000, liderado por Cristina Broglia Feitosa de Lacerda e Ana Claudia Balieiro Lodi também tem seus orientandos coordenando outros novos grupos de pesquisas e vinculados a outras universidades, como Neiva de Aquino Albres na UFSC, constituindo mais recentemente o Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (InterTrads).⁹ Assim, podemos mapear as redes de pesquisadores, suas articulações e interlocuções constitutivas. Novas pesquisas são provenientes destes grupos sob orientação pioneira de Cristina Lacerda (UFSCar) e de Beth Brait (PUC-SP), tomando como objetos de investigação os mais diversos fenômenos da linguagem relacionados a tradução e/ou interpretação.

Assim, Bakhtin e o Círculo adentram aos ETILS por meio do espaço da educação, com base em pesquisas sobre o intérprete educacional ou sobre formação de TILSP (Almeida, 2010; Belém, 2010; Santiago, 2013; Santos, 2013; Santos, 2014; Menezes, 2014). Nos anos 2010, a tecnologia ganha maior popularização assim como

7 Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5214291116645780>>. Acesso em: .

8 Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4294>>. Acesso em: .

9 Não tomamos como objetivo fazer um levantamento exaustivo dos grupos de pesquisas do Brasil. Os grupos apresentados foram apenas para ilustrar o movimento histórico de expansão da perspectiva dialógica por meio dos grupos e pesquisa e orientações na pós-graduação.

a legislação para a garantia de direitos e acesso à informação em Libras (Brasil, 2005; 2015), a tradução alcança espaços com a tradução de literatura, em jornais, de textos acadêmicos, entre outros. Dessa forma, além do fenômeno da interpretação Libras-português, os materiais traduzidos por meio da vídeo-gravação e os processos de tradução puderam ser documentados. Uma nova geração de pesquisadores desponta nessa década, focando seus estudos também em processos de tradução (Nascimento, 2011, 2012; Albres, 2012, 2014, 2016a, 2016b). Assim, ocorre um crescente movimento de estudos sobre os processos de tradução também.

A Libras em tradução ou em interpretação em diferentes esferas da vida humana, como o teatro, escola, jornal, literatura, poesia passa a ser investigada a partir da perspectiva dialógica (Santos, 2021; Fomin, 2022; Fomin & Santiago, 2021). No início dos anos de 2020, diante do acontecimento histórico da pandemia mundial (novo coronavírus), a tecnologia para a comunicação e interação virtual alavanca os processos de interpretação remota promovendo novos objetos para análise. Novos estudos desse complexo fenômeno são produzidos, avolumando ainda mais as produções afiliadas à perspectiva enunciativa-discursiva (Fomin, 2018, 2020; Albres & Santiago, 2021; Albres & Schlemper, 2021; Nascimento, 2021; Melo & Nascimento, 2021).

No âmbito dos Estudos da linguagem, os grupos de pesquisa têm avançado com a presença de acadêmicos surdos na PUC-SP, UFSCar, UFSC e em outras universidades, desenvolvendo seus estudos com base em Bakhtin e o Círculo, agora em Libras. Apontamos que a Libras tem ganhado status de língua de diálogo, de língua acadêmica para a instrução e reflexão científica, estando na ponta novos projetos de pesquisa, inclusive de elaboração de glossários e dicionários, sejam eles monolíngues ou bilíngues dos conceitos bakhtinianos de autores surdos (Terrazas, 2022). Outra pesquisa em andamento tem como objetivo identificar, selecionar, avaliar e sintetizar o campo científico dos ETILS no Brasil e as contribuições dos estudos dialógicos para a área (Costa, 2022).

PARA ENCERRAR ESTE TEXTO

Nos propusemos a apresentar estudos desenvolvidos sobre tradução ou interpretação que tivessem como base a perspectiva dialógica do discurso. Constatamos que os trabalhos no Brasil provêm de programas de pós-graduação em Educação, Linguística, Linguística Aplicada e Estudos da Tradução focalizando diversos aspectos da tradução ou da interpretação e situados em diferentes esferas de interação humana. Destacamos os aspectos históricos, por entender que se trata de uma área científica que já tem uma trajetória. Registramos os pesquisadores pioneiros em ETILS, e enfatizamos o papel decisivo dos grupos de pesquisa para a consolidação desse arcabouço teórico-metodológico nos ETILS.

No movimento de construção da revisão de literatura e ao comparar o objeto de estudo e as contribuições de cada autor, constatamos que o conjunto de reflexões, por sua vez, está circunscrita nos conceitos desenvolvidos na perspectiva dialógica. Vale citar Bakhtin: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (Bakhtin, 2006, p. 349). A abrangência da linguagem em perspectiva dialógica abraça a Libras como língua que corporifica e coloca em centralidade os sujeitos.

Como reconhecido por Bassnett (2003), e já referido, ao traduzir não se verte simplesmente de uma língua para outra, mas de um sistema linguístico e cultural para outro. Todavia, a perspectiva dialógica da linguagem amplia o estudo do texto para os contextos que o determinam e em que se inserem, bem como coloca na centralidade os sujeitos, principalmente, o tradutor. É por meio da ação do tradutor que a tradução acontece. Dessa forma, o cotejo entre os estudos que se fundamentam em uma perspectiva dialógica da linguagem permite-nos concluir que: i) Independentemente do pesquisador em questão,

os estudos sobre a tradução na perspectiva dialógica da linguagem apontam para a dimensão concreta, relacionado a um processo de construção de sentidos. ii) Os estudos identificam situações interativas ou de produção da tradução em que se apresentam expressões como campo, ato, dialogismo, polifonia, enunciado, criação, movimento; iii) Os estudos não se restringem à análise no nível sistêmico da língua, mas ampliam a visão para o discurso e os sujeitos envolvidos na interação concreta sem, por outro lado, desconsiderar a dimensão linguístico-composicional; iv) Quando focalizam no tradutor, tendem a tomá-lo como um sujeito singular, único, marcado histórica e socialmente. Isso é, referem-se sempre a um sujeito que atua (traduz) em um determinado tempo e lugar. Atestam o seu papel criador, reconstrutor, ativo e de autor; v) Ao focalizar no texto/discurso referem-se ao seu caráter dialógico e polifônico. Um discurso é movediço é habitado por diferentes vozes. Concebem que o texto/discurso não tem vida própria e a cada nova leitura move-se como letras em reconstrução.

Tomando como base as ideias de Volóchinov (2017 [1929]), o enunciado mobiliza a interação discursiva entre dois ou mais sujeitos, isto é, o enunciado concreto, por natureza, promove o diálogo entre as consciências distintas (locutor e interlocutor), por meio da materialidade discursiva. Essa proposta axiológica dos estudos da linguagem tem sua gênese no dialogismo que dá vida ao papel ativo dos interlocutores e o tradutor ou intérprete é um tipo de interlocutor.

A escolha dos autores que compõem esta revisão foi feita mediante um lugar singular de pesquisadora, dado o objetivo deste estudo de construir reflexões sobre as contribuições da perspectiva dialógica para os ETILS. De igual forma acontece com os tradutores, que vivenciam acontecimentos permeados por variadas situações de trabalho com as línguas, Libras e português, por exemplo, o que, naturalmente, envolve questões de mobilidade entre línguas e culturas.

Com o passar dos anos, o campo dos Estudos da Tradução, essencialmente interdisciplinar, tem se espalhado e diversificado também como um campo atrelado ao estudo do discurso, da enunciação, ampliando seu alcance e, conseqüentemente, pela demanda imposta pelos mais variados objetos de análise, o que traz à cena diferentes problemas de pesquisa e dá lugar a pesquisadores em função do interesse despertado e dos desafios impostos pela instância enunciativa-valorativa.

Assim, o título deste artigo “O movediço lugar da tradução” fundamenta-se na enunciação, pois considera tanto aquele que fala, produtor do discurso, como aquele para quem se fala, a quem se destina o discurso produzido, e ainda, o tempo e espaço desse discurso, o movimento para um outro tempo espaço da tradução ou da interpretação.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A. A construção de sinais-nome para personagens na tradução de literatura infanto-juvenil para libras. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, vol. 5, n.º 1, pp. 73-92, 2016. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v5.n1.2016a.11370. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11370>>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ALBRES, N. A. Multimodalidade e a tradução intersemiótica de livros didáticos. *Fórum*, Rio de Janeiro, vol. 31, pp. 102-21, 2016b. Disponível em: <<https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/38>>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ALBRES, N. A. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. *RBLA*, Belo Horizonte, vol. 14, n.º 4, pp. 1151-72, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/fgf3prbxtHNtdWjrMLVW3VQ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ALBRES, N. A. & SANTIAGO, V. A. A. A tradução e a interpretação para Libras em tempos de pandemia: políticas linguísticas e

- políticas de tradução. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, vol. 10, n.º 1, pp. 1–30, 2021. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v10.n1.2021.33839. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/.../belasinf.../article/view/33839>>. Acesso em: 2 mar. 2022.
- ALBRES, N. A. & SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Tradução em período de pandemia: distanciamento de crianças surdas na escola e a literatura como linguagem viva. *Cadernos de Tradução*, UFRGS, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/105900>>. Acesso em: 2 mar. 2022.
- ALBRES, N. & PRIETO, R. G. Pesquisas sobre o intérprete educacional (Libras-Português): Um panorama nacional a partir de revisão sistemática. *Letras & Letras*, [S. l.], vol. 37, n.º 2, pp. 483-503, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-24. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/.../letrasel.../article/view/57604/33772>>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- ALMEIDA, E. B. *O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.
- ALVES, F. (ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- ALVSTAD, C. et al. Introduction: Textual and contextual voices of translation. In: *Textual and contextual voices of translation*. Amsterdam: Benjamins Translations Library, 2017. p. 1-15.
- AUBERT, F. Introdução. In: BENEDETTI, C. & SOBRAL, A. *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003, pp. 7-15.
- AMITH KUMAR, P. V. Introduction: Why Bakhtin? In: *Bakhtin and Translation Studies: theoretical extensions and connotations*. United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing, 2015, pp. 1-24. Disponível em: <<http://www.cambridgescholars.com/download/sample/62068>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, vol. 12, n.º 2, 2000, pp. 241-66. Disponí-

vel em: <<http://www.jbeplatform.com/content/journals/10.1075/target.12.2.04bak#>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

- BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 337-58.
- BASSNETT, S. *Estudos de tradução*. Fundamentos de uma disciplina. Trad. Viviane de Campos Figueiredo, Rev. Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BELÉM, L. J. *A atuação do intérprete de língua de sinais no ensino médio*. Dissertação (Mestrado). 2010. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.
- BEZERRA, P. Tradução e Criação. *Linha D'Água*, [S. l.], vol. 25, n.º 2, pp. 15-23, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p15-23. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47712>>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- BRAIT, B. & PISTORI, M. H. C. Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 15, n.º 2, pp. 33-63, abr./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/Vms7Tfx9w79mkmn93xcjyC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- CAMPOS, M. I. Bakhtin e o ensino de língua materna no Brasil: algumas perspectivas. *Revista Conexão Letras*, [S. l.], vol. 11, n.º 16, 2016. DOI: 10.22456/2594-8962.70359. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/70359>>. Acesso em: 3 abr. 2022.
- COSTA, M. P. P. Teses e dissertações sobre interpretação educacional (libras-português) e a interlocução com os estudos dialógicos: análise inicial de pesquisas de mestrado e doutorado no Brasil. In: *Seminário de pesquisas em andamento*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- DEHKORDI, A. M. & RAHIMINEZHAD, V. Bakhtin's Polyphony and Translation: A Case Study of a Persian Translation of Alice Munro's Runaway. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*,

- 2016, vol. 5, n.º 2, pp. 464-74. Disponível em: <<http://european-science.com/eojnss/article/view/4633>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EVEN-ZOHAR, I. The position of the translated literature within the literary polisystem (1978/1980). In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2004, pp. 162-7.
- FOMIN, C. F. R. & SANTIAGO, V. de A. Tradução e interpretação: um ensaio sobre libras, corpo e arte. In: BRAIT, B. & GONÇALVES, J. C. (org.). *Bakhtin e as artes do corpo*. São Paulo: Hucitec, 2021, pp. 147- 200.
- FOMIN, C. F. R. Texto-som na interpretação para libras no teatro: as notas de interpretação. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, vol. 9, n.º 5, pp. 31-53, 2020. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/26438>>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- FOMIN, C. F. R. Corpo como texto e a posição da interpretação em Libras no teatro. INES. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, vol. 54, pp. 113-42, jul.-dez. 2020.
- FOMIN, C. F. R. A autoria de Tradutores intérpretes de Libras português em espetáculos teatrais. *Translatio*, vol. 15, pp. 57-81, 2018.
- FURLAN, M. Retraduzir é preciso. *Scientia Traductionis*, n.º 13, pp. 284-94, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276>>. Acesso em: 26 jul. 2018.
- GREENALL, A. K. Translators' voices in Norwegian retranlations of Bob Dylan's songs. *Target*, vol. 27, n.º 1, pp. 40-57, 2015. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/jbp/targ/2015/00000027/00000001/art00004>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- GURGEL, T. M. A. *Práticas e formação de Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais no ensino superior*. Tese (Doutorado). 2010. Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba/São Paulo: UNIMEP.
- HOLMES, J. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi. 1988.

- KHOZAN, M. The significance of atmosphere in translating the short story. *Perspectives*, vol. 1, pp. 39-46, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0907676X.1993.9961198>>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- LACERDA, C. B. F. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F. de & GÓES, M. C. R. de (orgs.). *Surdez: processo educativos e subjetividade*. São Paulo: Editora Lovise, 2000, pp. 51-84.
- LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, vol. 36, pp. 133-53, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- LODI, A. C. B. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa e sua prática em diferentes espaços sociais. In: *Congresso ibero-americano de tradução e interpretação*, 6., 2007. São Paulo. Anais... Unibero, São Paulo, 2007. ICD-ROOM.
- LODI, A. C. B. & ALMEIDA, E. Gêneros discursivos da esfera acadêmica e práticas de tradução-interpretação Libras-português: reflexões. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n.º 20, pp. 89-103, 2010. Disponível em: <<https://seer.pgsskroton.com/traducom/article/view/1986>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- MAGALHÃES, L. O. Introdução ao pensamento de Bakhtin. Resenha de FIORIN: José Luiz de. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, vol. 13, n.º 1, pp. 210-15, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20662/11075>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- MELO, L. M. E. & NASCIMENTO, V. Tradução audiovisual do português para a Libras a partir do gênero institucional de divulgação científica. *Letras & Letras (UFU)*, vol. 37, pp. 271-91, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57455>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

- MENEZES, A. M. de C. *Diálogos com tradutores-intérpretes de língua de sinais que atuam no ensino fundamental*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. 2014.
- MOSSOP, B. 1998. What Is a translating translator doing? *Target*, Amsterdam/Philadelphia, vol. 10, n.º 2, pp. 231-66. Disponível em: <<https://benjamins.com/online/target/articles/target.10.2.03mos>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretation of the Brazilian sign language in the television journalistic genre: visual-verbal elements in the production of meaning*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. 148 f. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13551>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- NASCIMENTO, M. V. B. Tradução e Interpretação Audiovisual da Língua de Sinais (TIALS) no Brasil: um estudo de recepção sobre as janelas de Libras na comunidade surda. *Cadernos de tradução*, vol. 41, pp. 163-201, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84362>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais para o português a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- NASCIMENTO, V. Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas. *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n.º 24, pp. 79-94, 2012.
- ORNELLAS, C. *A presença de Mikhail Bakhtin em dissertações de mestrado e teses de doutorado, em Letras, da USP e PUC/SP, no período de 1972 a 1996*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP.1998.
- PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Revista organon*, vol. 16, n.º 32-33, 2002. Disponível em: <ht-

[tps://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782/18403](https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782/18403)>. Acesso em: 2 fev. 2022.

- SANTOS, P. T. dos. *A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. Brasília — DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017_PatriciaTuxidosSantos.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- SANTOS, R. F. Interpretação simultânea de Libras para o Português: A entonação expressiva em uma perspectiva verbo-visual. *Letrônica*, vol. 14, n.º sup., p. e42464, 31 dez. 2021.
- SANTIAGO, V. de A. A. *Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico*. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- SANTOS, A. A. dos. *O professor interlocutor no contexto da educação de surdos: aspectos da atuação deste novo profissional*. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- SANTOS, L. F. dos. *O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações*. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. 2014. 200 f.
- SILVA, H. de O. C. e. *Tradução e Dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido*. UFPE: Recife, 2011.
- SILVA, H. de O. C. *A tradução na perspectiva dialógica: a reenunciação da teoria de Austin em português*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, Recife, 2018. 203 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30686>>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso — LemD*, Tubarão, SC, vol. 18, n.º 2, pp. 307-22, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/>

- fBjkhydCJGCqmmQRLbLwT4d/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- SOBRAL, A. U. Da valoração intralinguística à transposição tradutória: uma perspectiva Bakhtiniana. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.º spe., pp. 2-9, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/98461>>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- SOBRAL, A. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.
- SOBRAL, A. Posfácio. In: SOBRAL, A. U. & BENEDETTI, I. C. (orgs.). *Conversas com tradutores*. vol. 1. São Paulo: Parábola, 2003, pp. 201-14.
- SOUZA, J. P. Teorias da Tradução: uma visão integrada. In: *Revista de Letras*, vol. ½., n.º 20, pp. 51-63, jan./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- TAIVALKOSKI-SHILOV, K. Friday in Finnish: A character’s and (re) translators’ voices in six Finnish retranslations of Daniel Defoe’s Robinson Crusoe. *Target*, vol. 27, pp. 58-74, 2015.
- TERRAZAS, C. M. Coleta de sinais terminológicos no canal do Youtube do grupo de pesquisa InterTrads. In: *Seminário de pesquisas em andamento*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2022.
- ZANDWAIS, A. & TUTIKIAN, J. Apresentação. *Revista Conexão Letras*, [S. l.], vol. 7, n.º 7, 2012. DOI: 10.22456/2594-8962.55455. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55455>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

ATIVIDADES DE TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E GUIA-INTERPRETAÇÃO: O ÉTICO E O ESTÉTICO

Vânia de Aquino Albres Santiago

Tradução

*Este poema
em outra língua
seria outro poema
um relógio atrasado
que marca a hora certa
de algum outro lugar
uma criança que inventa
uma língua só para falar
com outra criança
uma casa de montanha
reconstruída sobre a praia
corroída pouco a pouco
pela presença do mar
o importante é que
num determinado ponto
os poemas fiquem emparelhados
como em certos problemas de física
de velhos livros escolares*

Ana Martins Marques

INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos a atividade de tradução e interpretação sob uma perspectiva linguístico-enunciativo-discursiva. Para tanto, trazemos Bakhtin e o Círculo e situamos a atividade de trabalho do Tradutor e Intérprete de Libras (TILS) e do Guia-intérprete (GI) como ato ético e estético. Os autores do Círculo construíram um pensamento sobre a língua e sobre a linguagem que nos ajuda a estudar e compreender as atividades de tradução e de interpretação com um olhar mais apurado sobre as relações empreendidas nesse fazer e no entendimento de que representações axiológicas do mundo existem e se reelaboram na prática e nas vivências. Bakhtin expõe o pensamento sobre a criação estética, referindo-se à linguagem, à *palavra* em todos os campos da comunicação, no que diz respeito a seu *conteúdo-sentido*, que se compreende como ato ou atividade determinada pela sua realidade histórica e sua existência como acontecimento único, expressão específica dessa realidade e da atividade cultural, no “ser” e no “dever ser” (Bajtín, 1997).¹⁰

A “palavra”, referida aqui, não é somente a escrita, mas a palavra como signo, incluindo qualquer tipo de produção verbal ou verbo-visual, criadora de tema no processo de interação social. Para Volóchinov (2017), a *palavra* é fenômeno ideológico por excelência e toda sua realidade é integralmente concentrada na sua função de ser signo. Assim, a *palavra* é o material signico da vida interior, a consciência, e ao ser expressa no exterior sofre a intervenção e é significada pelo contexto e posição social ocupada por aquele que a produz. Na concepção dos principais autores do Círculo, a linguagem tem natureza ideológica, justamente porque reflete e refrata os valores sociais daqueles que a põem em funcionamento.

Nos constituímos nas interações de que participamos, por meio de enunciados, de discursos, na *palavra* como fenômeno ideológico, como signo cultural da comunicação cotidiana, o que

10 Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora.

nos obriga a pensar a língua a partir do outro e para o outro. Portanto, pensamos sobre ética nas atividades de tradução, de interpretação e ainda de guia-interpretação de língua de sinais, como atividades estéticas distintas que demandam inúmeras tomadas de decisão, envolvem língua, linguagem, consciência que dialoga com outras consciências, na vida dos surdos, surdos-cegos e ouvintes, surdos e não surdos, ouvintes e não ouvintes, sob diferentes pontos de vista.

Assim sendo, a atividade de tradução, a atividade de interpretação e de guia-interpretação, cada uma delas dentro da sua dimensão estética, estabelecem com a comunidade surda uma relação ética de alteridade. A presença ou a ausência do público-alvo, o distanciamento ou a proximidade durante o fazer tradutório — no sentido geral de mobilizar um conteúdo/discurso de uma língua para outra — implica diferentes dimensões de alteridade e, por consequência, diferentes relações éticas e estéticas. O outro, enquanto parte constitutiva do eu, é quem dá a completude do Ser. Se esse outro está apenas no plano idealizado e presumido de público e não real e concreto, uma dimensão ética/estética se materializa de forma distinta de quando ele é perceptível visualmente, do ponto de vista empírico, diante de si (Santiago, 2021a).

ÉTICA EM BAKHTIN

Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato ético*, explica que uma filosofia teórica não pode pretender ser uma doutrina, que não se ocupa de observar a criação cultural em sua unidade. Assim, para ele, todos os sistemas éticos acabam por se dividir entre sistemas materiais e formais.

A ética material, se encarrega de conhecer e fundamentar as principais normas morais que são às vezes universais, às vezes relativas, e que se apresentam como um conglomerado de princípios e valorações, desarticulados, entretanto, com seu objetivo

de afirmar a existência de normas éticas. A ética formal, se ocupa do pressuposto de que o “dever ser” é uma categoria da consciência teórica, que não pode ser descrita por completo sem perder a característica de ato individual, que se realiza na sua historicidade, que, tanto pelo conteúdo semântico quanto pela característica de facticidade efetiva e histórica, realiza-se responsabilmente, em dado momento concreto e único. Para o filósofo, a expressão, a linguagem posta em funcionamento, distorce e impulsiona a significação semântica em si (Bakhtin, 1997).

O ato ético responsável, para Bakhtin, só pode resultar de um *pensamento participativo* [concepção emocional e volitiva do ser], ou seja, engajado, compromissado, interessado, que revela como nos orientamos em relação ao mundo (Sampaio, 2009).

Sobral (2019, p. 43) explica que “o centro da filosofia primeira de Bakhtin é a vida-como-ato, lugar dos atos-como-atos, e não a transcrição teórica/técnica dos atos”. Conforme o autor, a concepção de ato responsável de Bakhtin está no reconhecimento da singularidade irrepetível dos atos, que se vincula a uma “unidade histórica singular” da vida, em que se é possível admitir o componente teórico, formulado, o conteúdo-sentido, não mais apresentado como totalidade e sim como parte do ato, que existe na vivência concreta dos sujeitos.

Posteriormente a essas reflexões sobre o papel da linguagem na vida do ser ético e estético, em que o centro é a vida irrepetível e singular, enquanto Bakhtin formulava seus estudos, ensaiava uma importante reflexão sobre a *metodologia das ciências humanas* entre os fins de 1930 e início de 1940. Nas proposições sobre a literatura, a cultura e as ciências humanas, Bakhtin se preocupa com a historicidade, com os limites entre texto e contexto, com a palavra alheia assimilada, com o movimento dialógico de interpretação nas ciências humanas, em que, para ele, toda resposta gera uma nova pergunta. Para Bakhtin, “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (Bakhtin, 2017, p. 79).

Bakhtin, em consonância com outros pensadores do Círculo, Volóchinov e Medviédev, tomam a *palavra* como objeto de estudo, assumindo a força da linguagem como ponto fundamental da perspectiva linguístico-enunciativo-discursiva, que em Bakhtin estabelece o vínculo essencial entre o conteúdo e seu tom emocional e volitivo. E é com base na filosofia bakhtiniana da dialogicidade da vida que nos propomos a descrever e refletir sobre as atividades do TILS e GI.

ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO E O PENSAMENTO BAKHTINIANO

Seja na atividade de interpretação ou de tradução de e para língua de sinais, seja na atividade de pesquisa como teorização dessa prática, o movimento dialógico de interpretação dos sentidos postos em funcionamento pela linguagem permite-nos existir-agir no mundo, e é sob essa perspectiva que propomos olhar o campo da atividade do TILS e GI.

Conforme Nascimento, o arcabouço epistemológico bakhtiniano da enunciação, do gênero, da esfera, do discurso, pode ser utilizado para a compreensão de todas as atividades humanas que se fundam na linguagem, dentre elas a tradução e a interpretação, e pode ser colocado em diálogo com outras perspectivas que as abordem, como, por exemplo, as que se dedicam ao estudo do trabalho e que analisam, dimensionam, enfrentam e buscam transformar o agir-no-mundo do homem pela/na atividade laboral (Nascimento, 2016).

Observamos as atividades de tradução, de interpretação e de guia-interpretação como atividades distintas dentro de um mesmo campo de trabalho, compreendendo que as condições de produção, circulação e recepção dos enunciados, dos discursos, ora traduzidos, ora interpretados, ora guia-interpretados, implicam diferentes produtos, situados em diferentes esferas da atividade humana, e nessas, em diferentes gêneros do discurso.

A partir desse pressuposto, vamos nesse tópico discorrer sobre essas atividades, de tradução, de interpretação e de guia- interpretação, estudos, constituição, concepções, modalidades, movimentos, descrição e especificidades.

Os “estudos da tradução”, de um modo geral, já contam com uma história de registro e pesquisa bastante importante, que antecede os “estudos da interpretação”, disciplina mais contemporânea, no que se refere às línguas vocais-auditivas (Português, Espanhol, Inglês etc.). Observamos que a maior parte das línguas vocais-auditivas são facilmente registradas pelo texto escrito desde tempos remotos. Por consequência disso, a tradução literária, por exemplo, tem uma grande tradição.

Observamos que os “estudos da interpretação de línguas de sinais” foram pioneiros relação aos estudos da tradução de línguas de sinais no Brasil, e mais recentemente vemos especificamente a “o campo da tradução de/para língua de sinais” como uma jovem disciplina a depender de recursos tecnológicos e midiáticos para seu desenvolvimento, envolvendo a tradução audiovisual que discutiremos também nos tópicos a seguir. Quiçá essa questão tenha relação com história da atuação do TILS primordialmente na mediação face a face em especial na esfera comunitária e educacional. Albres (2005, p. 36) expõe que “as primeiras experiências, com a presença do intérprete de língua de sinais em sala de aula inclusiva, estão marcadas na década de 1990”. Lacerda (2010) explica que apesar de a figura do TILS não ser nova nas experiências das comunidades surdas, aparece pela primeira vez em documentos oficiais no Brasil apenas no final da década de 1990, que descrevem o TILS como o profissional responsável pela acessibilidade de sujeitos surdos em espaços públicos e educacionais.

Hoje, observando as atividades de tradução e de interpretação que envolvem línguas de sinais, as situações sociais que demandam a interpretação simultânea face a face ainda são infinitas e cotidianas em maior incidência em comparação às demandas pelo trabalho tradução, mas esse cenário tende

ao equilíbrio a partir do uso de tecnologias e mídias de registro que atendam às necessidades da modalidade de língua das línguas de sinais.

Sobre o aspecto da modalidade de língua, McBurney apud Rodrigues (2018a) define *modalidade* como os meios biofisiológicos pelos quais uma língua é realizada. De modo geral, podemos explicar que línguas de sinais, de *modalidade gestual-visual* (*manual-visual, espaço-visual*), contam com um sistema gestual de produção e sua recepção por meio da percepção visual, contrastando-se às línguas de *modalidade vocal-auditiva* (*oral-auditiva*), que contam com um sistema de articulação vocal na produção linear de fonemas e um sistema prioritariamente auditivo de recepção e compreensão. Por essa razão, a produção articulatória das línguas de sinais envolve parâmetros como: configuração de mão, orientação, locação, movimentos e expressões não manuais — faciais e corporais (Quadros, 2004; Xavier, 2006; Rodrigues, 2018^a; 2018^b).

Não obstante, a atividade de guia-interpretação para pessoas surdos-cegas também se organiza como disciplina em estudos mais recentes, ora como especialização da atividade de interpretação considerando o uso da *língua de sinais tátil e língua de sinais em campo reduzido*, ora como disciplina independente, a depender das diferentes formas de comunicação com a pessoa surdo-cega (Santiago, 2022). Gabarró-López & Mesch (2020, p. 157), que pesquisam sobre interpretação para a Língua de Sinais Tátil Sueca, concordam com autores norte-americanos e europeus, e descrevem que as línguas de sinais táteis são uma adaptação das línguas de sinais visuais usadas pelas diferentes comunidades surdas e que o grau e o tipo de adaptação vão depender do interlocutor surdo-cego e da língua de sinais da comunidade em que ele vive.

Propomos, como parte dos estudos da tese de doutoramento (Santiago, 2021a), uma leitura diferente das condições de produção, registro e circulação dessa atividade em três principais formas de atuar, as atividades de *traduzir*, de *interpretar* e

de *guia-interpretar*, que se distancia das leituras e das descrições comuns nos estudos gerais.

Salientamos que, em todas as esferas de atividade humana que possuem falantes de comunidades linguísticas e culturais diferentes, são necessárias e demandadas tanto a atividade de tradução de conteúdos e de discursos (registrados em textos escritos, em áudio ou audiovisuais), quanto a interpretação de interações face a face (de forma presencial ou remota), e que neste estudo não temos o intuito de hierarquizar ou definir grau de importância ou de complexidade entre as atividades, apenas compreender diferenças e similaridades.

Aclaremos ainda que a descrição das atividades de interpretar e de traduzir como distintas é essencial para compreender as condições de atuação do TILS e, conseqüentemente, as relações dialógicas a partir das formas de operacionalização de cada atividade. Ressaltamos, também, que importa inserir nessa discussão a atividade de guia-interpretação, que existe em todas as esferas nas quais a tradução e a interpretação acontecem, porém com estudos ainda incipientes no Brasil. Assim, a leitura e a descrição dessas atividades neste estudo passam por um olhar mais apurado em relação às dimensões ética e estética, partindo do pressuposto de que cada atividade estabelece uma estética e ética específica engendrada nos modos de operacionalização, em relação às esferas de atividade e gêneros do discurso específicos, e uma ética e estética em relação a cada situação que é única, vivenciada por pessoas, por gente de verdade.

A partir do exposto, a descrição sistematizada das atividades colabora para a compreensão do fazer do TILS e do GI, como conhecimento teórico-prático, no âmbito linguístico, enunciativo e discursivo.

INTERPRETAÇÃO DE E PARA LÍNGUA DE SINAIS

A *atividade de interpretação*, seja simultânea, intermitente ou consecutiva, exige do profissional atuar no limite do tempo da enunciação na língua de fonte, no limite de alguns segundos ou minutos, e no limite da sua própria compreensão do processo de mediação entre línguas e sujeitos, entre sujeitos e suas vidas.

Na interpretação, o discurso a ser interpretado se realiza concomitantemente à atividade de mediação linguística, que é discursiva. No caso da interpretação, o gênero do discurso se realiza durante a atuação do intérprete; portanto, as decisões durante a atuação são tomadas de forma instantânea e com base em uma certa imprevisibilidade. A interpretação acontece na mediação imediata, situação em que os sujeitos se encontram visual e fisicamente, e mais recentemente, também virtual e remotamente, interação passível de gravação e arquivo.

Imagem 1: Interpretação simultânea (Português — Libras) — Seminário Internacional Arq. Futuro — A Cidade e a Água — Insper — São Paulo, 2018



Fonte: Acervo da autora — Registro: Renato Rodrigues.

Para Nascimento (2016), a interpretação, enquanto atividade mediadora de interações face a face arbitra no plano do imprevisível, na concepção de que a linguagem é concreta e condicionada ao seu contexto. Nessa mesma direção, Dean & Polard (2020), que estudam as demandas específicas da atividade de interpretação e questões éticas de nível teleológico e deontológico, afirmam que “a prática profissional *in vivo* apresenta múltiplas demandas, competindo continuamente por nossa atenção e, mais importante, interagindo umas com as outras para apresentar um conjunto complexo de dinâmicas” (p. 279).

Imagem 2: Interpretação simultânea em cabine (Libras — Português) — I Congresso Internacional de Lexicologia Lexicografia e Terminologia e Terminografia de Línguas de Sinais — UNB — Brasília, 2018



Fonte: Acervo da autora — Registro: Renato Rodrigues.

Na *Interpretação Simultânea*, muito comum em diferentes situações, o orador produz seu discurso em um fluxo contínuo, enquanto a interpretação está acontecendo concomitantemente também em fluxo contínuo; a simultaneidade é relativa, porque o intérprete sempre produz o texto equivalente com alguns segundos de atraso em relação ao orador, recurso que chamamos de *lag time*. A *Interpretação intermitente* é modalidade menos comum em conferências e mais recorrente na esfera comunitária¹¹ em diferentes âmbitos, como jurídico e de saúde, também chamada de interpretação *sentence-by-sentence*. Como característica principal dessa modalidade, temos a alternância de blocos extremamente breves entre a expressão do orador na língua fonte e a expressão do intérprete na língua-alvo; nela, não há concomitância e não há tomada de notas. Na *Interpretação consecutiva*, comum na esfera de conferências internacionais, o intérprete se posiciona lado a lado com o orador/conferencista, enquanto o orador se expressa na língua fonte, o intérprete toma notas para, a intervalos de em torno de cinco a dez minutos, depois fazer a interpretação de forma não concomitante para a língua-alvo. Por esse motivo, essa modalidade faz com que a duração do evento necessite de dobro de tempo (Russell, 2002; Rosa, 2008, Pagura, 2003; 2015; Pochhacker, 2010; Nogueira, 2016; Santos, 2016; Santiago, 2016).

Dessas três modalidades de interpretação — simultânea, intermitente e consecutiva — derivam tantas outras que envolvam pelo menos uma língua de sinais, que se diferem não pela questão tempo, mas por outras características, como contexto ideológico, posicionamento, recursos e equipe. Podemos citar Interpretação

11 Pöchhacker (2010), propõe uma concepção da interpretação como um contínuo conceitual com duas grandes distinções a respeito da interpretação em conferências e comunitária: primeiramente a distinção entre internacional e intrassocial (baseada em cenários comunitários); e, em segundo lugar a distinção com relação ao formato da interação (prototipicamente multilateral) como acontece em conferências, versus diálogos face a face. Para o autor, compreender essas duas dimensões conceituais permite levar em conta muitas diferenciações intermediárias, incluindo eventos similares a conferências dentro de comunidade (especialmente envolvendo surdos) ou interpretação de diálogos, em diplomacia.

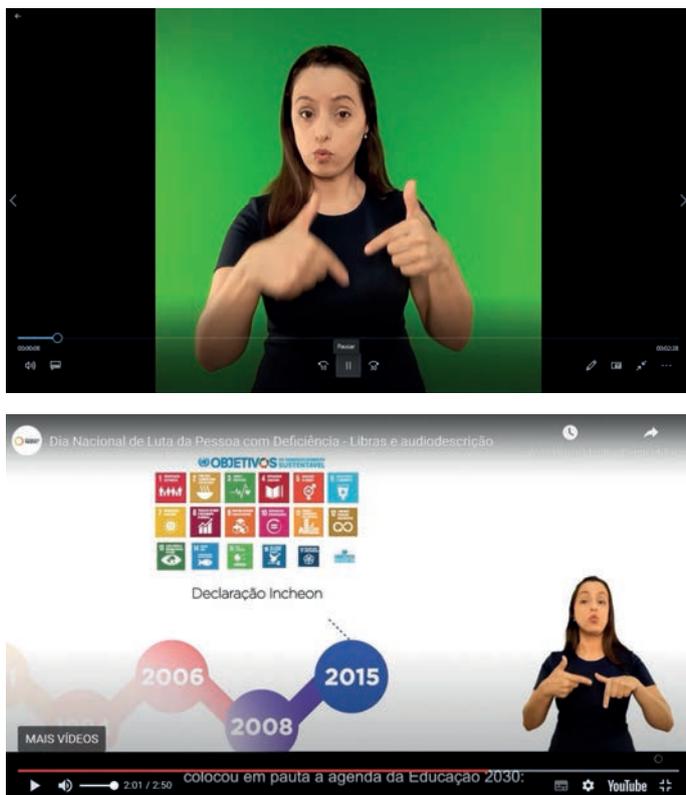
simultânea sussurrada; Interpretação de cabine; Interpretação simultânea com texto; Tradução oral a *prima vista*; Interpretação simultânea com superposição visual; Interpretação oral — *voice over* (fala ampliada para surdos-cegos); Guia-interpretação com comunicação háptica; Interpretação simultânea com dublagem em equipe; Interpretação relay/multitarefa; Interpretação feeder de línguas de sinais; Interpretação intermitente com performance; Interpretação intermitente em júízo com revisão etc. (Rodrigues 2010; Nogueira 2016; Santos, 2016; Santiago, 2017; 2019; Canuto et al., 2019; Santiago & Lourenço, 2019).

TRADUÇÃO DE E PARA LÍNGUA DE SINAIS

Agora, passamos a descrever a *atividade de traduzir*, que também é discursiva, também influenciada pelo contexto histórico e social, porém, tem como principal característica a produção do texto traduzido apartada do momento enunciativo de produção na língua fonte. Essa condição permite ao tradutor um tempo maior de reflexão para estudo, controle na produção e no registro, com a possibilidade de pesquisas, consultas e refação do trabalho. A atividade de tradução também proporciona um distanciamento do texto, se comparada com situações de interpretação (de mediação imediata) considerando que o tradutor tem em mãos o texto (escrito, em áudio ou videogravado) finalizado.

Obter o material finalizado para a execução da tradução possibilita uma contemplação ética e estética do texto a ser traduzido e, conseqüentemente, do produto final da sua atividade. Essa contemplação é inerente às condições de produção e registro e também à possibilidade de informações sobre as formas de circulação e sobre os destinatários presumidos do produto da tradução, produto que é planejado e organizado a partir desse conhecimento.

Imagem 3: Tradução audiovisual (Português — Libras) — Animação sobre Dia internacional de Luta da Pessoa com Deficiência, 2020



Fonte: Acervo da autora.

Sobre a atuação do tradutor, Peluso (2015) cunhou o conceito de “*textualidad diferida*” ao se referir ao processo de registro ou de representação de uma língua oral [vocal] ou de sinais, em especial na atividade de tradução que envolve línguas de sinais, tendo o texto *diferido* como um texto planejado e controlado, que chamaremos provisoriamente de *textualidade transferida*. Para o autor, “por um lado as tecnologias se aplicam as línguas, e, por outro lado, as línguas se aplicam a tais tecnologias”. Peluso explica que o uso de tecnologia para produção e registro exerce sobre o

texto uma operação física que o transforma em objeto material, assim como a textualidade transferida se reflete em uma mudança na relação de poder entre as línguas envolvidas na tradução e afirma que, na tradução, pelo fato de os textos serem construídos para serem lidos fora do momento de enunciação existe uma objetificação, uma vez que materializam o texto e o transformam num objeto manipulável externo ao falante (Peluso, 2015).

Sobre a atividade de tradução de e para línguas de sinais, esclarecemos que requer um aparato tecnológico midiático e de audiovisual, e que atualmente existem estudos e desenvolvimentos para atender à necessidade de registro da língua de sinais em vídeo, o que não era comum nas atividades de interpretação simultânea cotidianas. No entanto, o novo cenário estabelecido pela pandemia da Covid-19 a partir de março de 2020, multiplicou-se a produção de conteúdo traduzido e a transmissão de videoconferências e de vídeos de conteúdos informativos, acadêmicos e de entretenimento cultural e artístico, as chamadas *Lives*, com interpretação simultânea gravadas e ao vivo.

Observamos, assim, na atividade de tradução o *processo sistematizado de vídeo-registro* e o *registro automático em vídeo* da interpretação simultânea. Nesse sentido, a possibilidade de registro passa a não ser mais um ponto de distinção, e sim de hibridização entre tradução e interpretação de e para línguas de sinais, sendo comum às duas atividades, e submetendo o corpo do tradutor e do intérprete ao direcionamento à câmera e ao espaço do enquadramento do vídeo.

E talvez, surgindo novas categorias ou subcategorias, como por exemplo o que podemos descrever como *tradução ininterrupta gravada*, o tipo de trabalho em que se recebe o material audiovisual para estudo, mas que no momento da captação da tradução não é possível fazer a gravação por trechos, então o registro final da tradução se assemelha a uma interpretação simultânea que acompanha o tempo e velocidade do material audiovisual traduzido.

Nos estudos da Tradução Audiovisual (TAV), Nascimento & Nogueira, (2019) discutem sobre a atividade tradutória em meios audiovisuais para línguas de sinais, fazendo uma discussão sobre os diferentes produtos da tradução e sobre os processos que envolvem as línguas de sinais, explicam que janela não é sinônimo de tradução, e propõem que o termo *janela de Libras* seja substituído por *tradução audiovisual da língua de sinais* (TALS), considerando que a janela de libras corresponde a um dos lócus de apresentação da tradução, e considerando a TALS a prática tradutória em si.

Verificamos também estudos sobre tradução técnica e o registro em escrita de sinais, outro campo de investigação também recente e profícuo (Stumpf, 2003; Campos & Stumpf, 2012). Conforme Lima (2018) a forma de registro em escrita da língua de sinais em algumas situações é mais eficaz do que a captura em vídeo, em relação à agilidade no procedimento é possível fazer um “rabisco” da escrita (manual) como forma de anotação técnica em qualquer momento, em especial na situação de sala de aula. Observamos que as anotações em escrita de sinais também no processo de estudo e preparação para uma tradução ou uma interpretação é bastante conveniente, pois evita o uso de glosas em português o que pode interferir na construção sintático-semântica dos enunciados em língua de sinais.

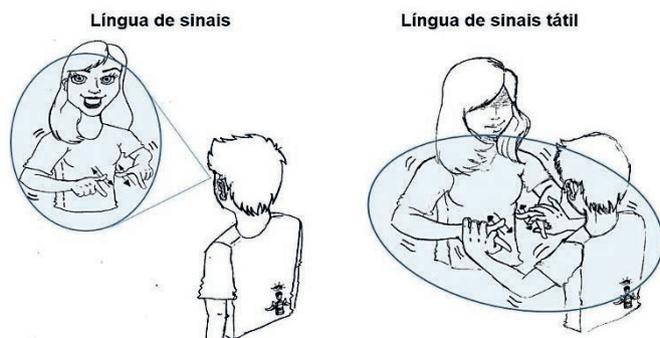
A GUIA-INTERPRETAÇÃO PARA LÍNGUA DE SINAIS TÁTIL

A atividade de *guia-interpretação* para pessoas surdos-cegas, além de agrupar as características da atividade de interpretação já descritas, concebe um contato corporal mais próximo com seu interlocutor, por motivo de a modalidade de língua ter como base de um sistema de percepção tátil e sinestésico ou por trabalhar com adaptações da língua de sinais para um campo reduzido, de tal modo que se operacionaliza como trabalho individualizado e específico para a forma de comunicação e interação da pessoa

surdo-cega. Hoje muitos surdos também exercem essa atividade, versando da Libras para a Libras Tátil, ou do português escrito para a Libras Tátil.

A modalidade de língua de sinais tátil se refere ao uso da língua de sinais do país ou localidade com algumas adaptações ou *continuum* (Gabarró-López & Mesch, 2020; Randin, 2020). Pois na língua de sinais tátil, a atenção da recepção está na articulação das mãos e braços, em movimento coativo de percepção sinestésica, deixando de ser possível a percepção do parâmetro expressão facial, enquanto na língua de sinais (modalidade gestual-visual) o interlocutor focaliza o todo do corpo do sinalizante sem a aproximação dos corpos do locutor e do interlocutor (Santiago, 2022).

Ilustração 1 — Distinção entre língua de sinais e língua de sinais tátil



Fonte: Santiago (2022) — Ilustração: Erik Romão.

A guia-interpretação também é responsável pela orientação e mobilidade do surdo-cego; portanto, exerce alto grau de valorização da situação de interação e do contexto pelo guia-interpretador, responsável pelo desenvolvimento de interações por meio da interpretação de ligação e pela integridade física do surdo-cego (Santiago, 2016, 2022). Em consonância, Lourenço (2012) indica que qualquer proposta de formação de guia-interpretador só tem sentido se pensada no contexto maior da formação de intérpretes.

Na guia-interpretação, para além da atividade de verter de uma língua para outra, a atividade de guia-interpretação reside em uma linha tênue entre favorecer a autonomia da pessoa surdo-cega e induzir consciente ou inconscientemente suas impressões e decisões a partir da atividade valorativa e de questões ideológicas que permeiam as vivências do guia-intérprete. A atuação ética a partir desses aspectos ganha outras camadas e, por si só, merece uma investigação específica. Por esse motivo, o significado da interpretação ganha outros contornos na atuação do guia-intérprete, a partir da sua compreensão sobre a língua de sinais tátil e sobre como a condição da surdo-cegueira afeta a produção e a compreensão de enunciados nessa língua em cada contexto e situação de atuação específicos.

Imagem 4: Interpretação Simultânea para Surdos-cegos (Espanhol — Libras Tátil) — 10th Hellen Keller Word Conference — Encontro internacional de Surdos-cegos — Tagaytay, Philippines, 2013



Fonte: Acervo da autora — Registro: Renato Rodrigues.

Adicionalmente, nos estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais (ETILS), no Brasil, para além dos efeitos de modalidade de língua no que se refere ao seu sistema de produção e percepção, faz-se necessário olhar para a questão da modalidade e seus efeitos e pensar nas influências e relações entre a Libras e

o português, por exemplo, entre as línguas de sinais e como essas materialidades distintas se organizam no fazer do tradutor e do intérprete no que diz respeito às interferências, predominâncias, relações de poder entre línguas em contato e seus sujeitos.

Não somente a modalidade de língua tem efeitos sobre a tradução e a interpretação de/para línguas de sinais, já que outros aspectos sociais e históricos envolvendo as línguas de sinais e as comunidades surdas, minoria linguística e cultural, também marcam esses processos interlinguísticos e interculturais. Os intérpretes e os tradutores de línguas de sinais têm sido responsáveis por um duplo movimento que, se por um lado, possibilita que informações e conhecimentos cheguem às comunidades surdas, por outro, transporta os saberes produzidos por essas comunidades da margem ao centro do debate atual (Rodrigues, 2018b, p. 305).

Consideramos importante, portanto, apresentar outros aspectos de atuação, que envolvem a relação entre as línguas e direcionalidade, aspectos que não devem ser considerados unicamente do ponto de vista linguístico, mas na dialogicidade desses encontros.

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ENTRE LÍNGUAS DE SINAIS

Na tradução e interpretação entre línguas de sinais, atividade intramodal, executada comumente por intérpretes e tradutores surdos, a língua de sinais carrega as vivências que são visuais e culturais do povo surdo. Inicialmente essas atividades aconteciam em reuniões e encontros esporádicos, na esfera acadêmica ou em encontros de federações e associações de surdos e de intérpretes que reuniam participantes surdos de vários países, envolvendo apresentações na língua de sinais do país e a interpretação para o sistema de Sinais Internacionais (SI), ou também a interpretação para língua de sinais de outros países, como por exemplo

a *Langue des Signes Française* (LSF), a *American Sign Language* (ASL), a *British Sign Language* (BSL) a *Lengua de Señas Argentina* (LSA), *Lengua de Señas Ecuatoriana* (LSEC) etc.

O sistema de Sinais Internacionais (SI) tem sido utilizado como língua franca em eventos internacionais, é um modo de comunicação eficaz para surdos em contextos transnacionais. Os SI foram também utilizados no movimento político global pela Federação Mundial de Surdos (WFD), em Roma em 1951. SI inicialmente foram descritos como um fenômeno de contato e pidgin situacional e não tem uma forma única e globalmente estabelecida, embora exista algum léxico organizacionalmente estabelecido (Stone & Russell, 2015). Hoje com a facilidade de interação à distância e de encontros internacionais cada vez mais frequentes, vemos sistema de SI em grande desenvolvimento. Mas é importante salientar que cada país tem a sua língua de sinais nacional específica, ainda que utilizem o mesmo idioma falado oralmente em outro país, como por exemplo a maioria dos países da América Latina que são *hispanohablantes* ou que tem o espanhol como uma de suas línguas oficiais, mas que possuem línguas de sinais totalmente distintas.

É possível observar internacionalmente o crescimento dessas demandas interpretativas intermodal e intramodal, principalmente, em contextos de conferências. Os eventos que reúnem surdos falantes de diferentes línguas de sinais têm requerido, cada vez mais, a atuação de intérpretes surdos, os quais realizam, principalmente, a interpretação interlingual intramodal gestual visual, assim como entre uma língua de sinais e o sistema de Sinais Internacionais (SI) (Rodrigues & Ferreira, 2019, p. 112).

Esclarecemos também que a interpretação e tradução para Sinais Internacionais é uma prática já consolidada no contexto de organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), em que trabalham equipes de intérpretes surdos e não-surdos, também na Federação Mundial de Surdos

(WFD) e na Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais (WASLI). Lugares em que a atividade de mediação e mobilização de discursos tratam também de temas sensíveis, políticos, culturais e demandas específicas de cada nacionalidade, de cada cultura.

Não nos aprofundaremos nessa temática da modalidade e direcionalidade, mas esclarecemos que também merece uma atenção específica na pesquisa e na formação de TILS e GI surdos e não surdos, seja para trabalhar em equipe de surdos ou equipes mista com a interpretação *relay*, ou seja, a interpretação de alimentação em diferentes direções entre no mínimo três línguas, com pelo menos duas línguas de sinais e uma ou mais línguas vocais, atividade também chamada de interpretação multitarefa, em que pode haver ainda a alternância entre modalidade e direcionalidade entre língua A, B e C.

Imagem 5: Interpretação simultânea remota com relay
(Espanhol — Libras — SI) — ONU Mujeres México, 2021





Fonte: Acervo da autora — Registro: Rose Santos.

Conforme a Associação internacional de Intérpretes de Conferências (AIIC, 2018), as línguas de trabalho dos intérpretes são classificadas em três categorias, denominadas “A”, “B” e “C”: Línguas ativas: A: a língua materna do intérprete (ou outra língua estritamente equivalente a uma língua materna), B: língua diferente da língua materna do intérprete, da qual ela ou ele tem um domínio perfeito. Línguas passivas: C: Línguas, das quais o intérprete tem um entendimento completo e a partir das quais ele interpreta para a língua A ou B.

Assim como na mobilização de discursos entre línguas de sinais e na multitarefa, a interpretação que envolve concomitantemente o processamento de três línguas para um mesmo intérprete pode ser vista em reuniões e conferências em no contexto comunitário e no de conferências e envolve multiculturalidade e pluralidade de interações realizadas em cada encontro, que é linguístico, discursivo e ideológico, e que determinam as relações de alteridade, intrínsecas às condições e contextos de atuação e que indicam outras tantas camadas éticas e estéticas.

ESFERAS / CONTEXTOS / GÊNEROS DE ATUAÇÃO DO TILS

A partir do exposto, das diferentes atividades, situações e encontros, compreendemos cada uma dessas atividades como atos enunciativo-discursivos; e, para tanto, faz-se necessário compreender as relações que se colocam em funcionamento quando um TILS e GI trabalha mobilizando discursos para e por diferentes sujeitos, de e para diferentes línguas/culturas, em diferentes condições de produção e diferentes situações que permeiam relações dialógicas que interferem nas tomadas de decisão em qualquer que seja o contexto. Brait (2012) explica que, para falar de texto e de discurso como realidade dos estudos da linguagem na visão do Círculo de Bakhtin, diferentes elementos situados nas dimensões semióticas e ideológicas são combinados no pensar sobre a linguagem em suas múltiplas manifestações.

Conforme mapeamento sobre a atividade de TILS e GI realizado em 2021, em sequência à pesquisa de doutoramento, diversos são os contextos de atuação desses profissionais, constatamos e as pesquisas acadêmicas *stricto sensu* não dão conta de descrever todas as situações de trabalho. Assim, o estudo buscou fazer um mapeamento das esferas de atuação do TILS a partir dos contextos de produção, circulação e recepção dos enunciados e das estéticas e coerções instauradas pelos gêneros do discurso. Foram analisados dois grupos de textos: 141 textos de dissertações e teses; e 55 textos de artigos, notícias, debates, *lives* e outras publicações.

Nas teses e dissertações, observamos que a variedade de campos de atuação do TILS é tão grande que a contextualização/descrição se torna condição para a organização das pesquisas. Também no segundo grupo de textos, dos artigos, notícias, debates, *lives* e outras publicações, houve narrativas com apresentação das situações e descrição do contexto, assim como características, dificuldades/ dilemas das situações de tradução e/ou interpretação. De tal modo, observamos que a comunicação sobre a atuação do TILS ou GI depende da contextualização/ descrição do campo de

atuação, depende da descrição da situação ou contexto de atuação, evidenciando o a dialogicidade das relações no fazer do TILS e GI.

Independente da abordagem teórico-metodológica das pesquisas de doutorado ou mestrado ou do tema, quase a totalidade dos trabalhos apresentou a descrição do contexto, do conteúdo ou da situação de tradução e/ou interpretação, com análises que se organizaram vinculadas à essa contextualização, verificamos que mesmo que o trabalho de investigação tratasse estritamente de análise linguística, como por exemplo análise contrastiva entre línguas, e não tratasse especificamente das relações entre os participantes na determinada esfera, uma descrição do contexto, dos participantes, do ambiente estava presente no texto ou do capítulo de metodologia ou do capítulo de análise.

Nesse sentido apresentamos no quadro 1 os contextos de atuação de TILS descritos em pesquisas de doutorado e mestrado entre os anos 2010 e 2021. O campo da educação foi o lócus com o maior número de pesquisas, um total de 87 dissertações e teses, mas estas pesquisas estão organizadas em 03 esferas: Esfera acadêmica (41); Esfera da educação básica (27); e a Esfera educacional (19) que contempla outros cursos e modalidades.

Quadro 1: Esferas de atuação de TILS descritos em pesquisas de doutorado e mestrado



Fonte: Santiago (2021) — InPLA.

Nessas esferas, diferentes contextos/gêneros foram identificados, a partir da descrição feita pelos pesquisadores, conforme ilustramos na nuvem de palavras (quadro 2).

Quadro 2: Contextos / gêneros de atuação de TILS teses e dissertações



<https://infogram.com/app/#edit/364bcb56-948b-4bd7-baf6-d9eda76a3c3a/theme>

Fonte: Santiago (2021) — InPLA.

Para além das pesquisas acadêmicas, resultantes de investigações de mestrado e doutorado, as discussões sobre a atuação do TILS e GI permeiam diferentes discursos, grupos e redes. É um saber fazer que para além da formação acadêmica, tem sua sistematização nos encontros e nos discursos sobre o seu fazer. Para Martins (2022) o processo de qualificação do TILS abrange tanto a formação acadêmica quanto a vivência/prática na comunidade surda, sendo ambas complementares e resultando em profissionais preparados para executar seu trabalho. “É através das vivências com a comunidade surda que o TILSP “internaliza” as características dos discursos surdos, quando o enunciado do sujeito surdo passa pela voz do TILSP ele reproduz em sua interpretação aspectos de suas vivências e da cultura surda” (Martins, 2022, p. 45).

Nesse sentido, faz-se necessário olhar para os discursos sobre TILS em circulação em outros textos, não *strictu sensu*, que muitas vezes colocam em debate questões emergentes e atuais da atividade do TILS e GI, como podemos ver no quadro 3, mesmo que não com o devido rigor científico, colocam em discussão as demandas da profissão, conjunto de textos publicados também entre os anos de 2010 e 2021.

Quadro 3: Contextos / gêneros de atuação de TILS descritos em artigos, notícias, debates e outros

ESFERA EDUCACIONAL	ESFERA DA SAÚDE	ESFERA CRIMINAL	ESFERA JURÍDICA	ESFERA POLÍTICA	ESFERA EMPRESARIAL	ESFERA FINANCEIRA
Gêneros	Gêneros	Gêneros	Gêneros	Gêneros	Gêneros	Gêneros
Aulas	Consulta médica	BO Roubo/ furto	Julgamento	Audiência pública	Workshop	Abertura de conta
Expositivas	Especialidades	BO Estelionato	criminal	pública	Recrutamento e seleção	Negociação de dívida
Atividades escritas	Exames ginecológicos	BO Imp. Sexual	Audiência de custódia	Conferência pública	Admissão	Solicitação de empréstimo
Atividades em grupo	Exames laboratoriais	BO assédio	Juizados em aeroportos	Propaganda política	Exames periódicos	Financiamentos
Reunião de pais	Exames de imagem	BO Lesão corporal	Investigação de paternidade	Pesquisa de intenção	Treinamentos	Consórcio
Conselho de classe	Acompanhamento pré-natal	Notificação de desaparecimento	Adoção	Debate	Reuniões de feedback	Seguros
Formatura	Parto	Depolimento	Apadrinhamento afetivo	Palestras e mesas	Reuniões de equipe	Previdência privada
Visita	Emergência	Detenção	Pedido de pensão	Café filosófico	Tradução de material	Plano de saúde
conselho tutelar	Internação Covid	Transferência de prisão	Associação de bairro	Associação de bairro	Tradução de institucional	...
Feira de ciências culturais	Procedimentos cirúrgicos	...	Violência Doméstica	Associações diversas	Tradução de informações de segurança	...
Feiras culturais	Tratamento paliativo	...	Falências	Manifestações	Planos de carreira	...
Passaios	Óbito	...	Audiências trabalhista	Manifestos
...	Testamento	Carta de repúdio
...

Fonte: Santiago (2021) — InPLA.

Em um dos textos desse segundo grupo, vemos a discussão da diferenciação entre a *esfera criminal* (delegacias/ penitenciárias) e *esfera jurídica* (audiências/ discussões jurídicas), uma das observações feitas para essa distinção é o locus de atuação do intérprete de Libras, “são duas esferas difíceis de se trabalhar, mas a diferença de interpretar presencialmente na delegacia e presencialmente em uma audiência no fórum é muito grande, na delegacia é sempre um ambiente pesado, muito tenso”, conforme descrito, no fórum ou em uma consulta jurídica já não é

sempre tenso, vai depender da vara, do processo, da equipe, e de outros fatores, e a dificuldade maior pode ser linguística com os termos jurídicos dos processos, por isso para os TILS que atuam nesse campo, descrevem como duas esferas diferentes a *criminal* e a *jurídica* (Vieira, 2022).

Os contextos/ gêneros de atuação de TILS se inter-relacionam criando a cada trabalho uma condição específica de atuação no que se refere as condições de produção, circulação e recepção dos enunciados (Santiago, 2021b). As atividades de interpretação, tradução e guia-interpretação envolvem o encontro de diferentes sujeitos, que, ante sua diferença linguística/cultural/histórica, carregam nas palavras um caráter individual ao mesmo tempo que exprimem vozes sociais. Os TILS e GI ideologicamente travam uma batalha com o reconhecimento do diferente, e se colocam subjetivamente perante as diferenças ao traduzir ou interpretar de/entre/para língua de sinais. No entanto, no dia a dia, quem solicita a presença do TILS nem sempre concebe a complexidade de sua tarefa. Conforme Santos (2014, p. 37), “o mito de que o tradutor e o intérprete devem apenas realizar a transposição entre línguas, atendo-se somente às questões linguísticas, deve ser explorado e questionado”.

Para Bakhtin (2017), o primeiro momento da minha atividade estética consiste em identificar-me com o outro, colocar-me em seu lugar, coincidir com ele, e é no gênero do discurso que os enunciados se organizam, em cada esfera de atividade humana.

Considerando que a tradução e a interpretação de e para língua de sinais é produto da interação discursiva em interlocução com determinado campo de atividade humana, podemos considerar essas atividades como práticas discursivas. E, não obstante, na compreensão de que a atividade de traduzir e de interpretar se constitui e se materializa nos enunciados como ato responsável, ético e estético, podemos considerar que, no sentido de um fazer técnico, também se coloca como fazer participativo e representativo, pensado e vivenciado nas diferentes esferas da atividade e gêneros do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que é principalmente a situação concreta de recepção e produção da interpretação ou da tradução que diferencia as atividades. Na *atividade de interpretação*, a produção do texto na língua/cultura alvo é síncrona à apresentação do texto na língua/cultura fonte, condicionada às relações dialógicas e ideologias subjacentes a esse dado momento concreto. Na *atividade de tradução*, a produção/construção do texto na língua/cultura alvo está apartada em condições de tempo e de lugar da situação de produção na língua/cultura fonte, a construção do texto da tradução também é influenciada pelas relações dialógicas, contudo o acesso ao texto finalizado muda completamente as condições de reflexão e de produção da tradução.

Ainda assim, a distinção entre tradução e interpretação não é tranquila, tampouco estanque, posto que na operacionalização da atividade de tradução existe a condição de interpretação, ainda que mais controlada; e que na atividade de interpretação residem características da atividade de tradução; e esclarecemos ainda que, exceto à situação concreta enunciativa de produção em relação ao tempo e ao espaço, podemos dizer que há um certo hibridismo, marcado pela materialidade da língua de sinais e condicionada a sua forma de produção e de registro.

Poderíamos afirmar então, que é a situação de encontro com o texto a ser traduzido, interpretado ou guia-interpretado que diferencia e organiza cada atividade, é esse encontro com o texto, o encontro com o discurso, e, portanto, o encontro com o outro que instaura o procedimento, a atividade, sempre em relação ao tempo/espaço, constituída também pelo destinatário e pela realidade material das línguas envolvidas na atividade de tradução, de interpretação e de guia-interpretação. É esse encontro com o outro, em cada situação concreta, que instaura as dimensões ética e estética do fazer do TILS e do GI.

Este estudo se coloca na cadeia discursiva das reflexões e dos mapeamentos já existentes. O breve mapeamento colabora

com o reflexões e com a construção de uma formação profissional mais consistente e menos generalista, e colabora para o reconhecimento da atuação do TILS e do GI como prática discursiva por meio de relações de alteridade de cada situação de trabalho em diferentes campos da comunicação humana, observando a necessidade da compreensão da atividade de TILS e do GI de forma mais aprofundada em colaboração com os ETILS para o desenho curricular de novas formações e também de delineamentos éticos para a profissão com base em uma perspectiva dialógica da linguagem.

REFERÊNCIAS

- AIIC. Association Internationale des Interprètes de Conférence. *Regulation governing admissions and language classification*. Version amended at the 2018 Assembly (Valencia). Published: February 26, 2014 Last updated: August 8, 2018. Disponível em: <<https://aiic.org/document/4256/Regulation%20governing%20admissions%20and%20language%20classification%20-%20ENG.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- ALBRES, N. A. *A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores*. Dissertação de mestrado — Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/795/1/Neiva%20de%20Aquino%20Albres.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BAJTIN, M. Hacia una filosofía del acto ético. In: BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Comentários de Iris M. Zavala, Augusto Ponzio; tradução do russo por Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthophos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.

- BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Org. trad. posf. e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1930-40], pp. 57-79.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B. & SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs.). *Texto ou Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 9-29.
- CANUTO, B.S.; SANTANA JR, C. A.; ARAÚJO, H. F. & LOURENÇO, K. R. C. Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdo-cegueira. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.
- CAMPOS, D. W. & STUMPF, M. R. Cultura surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, G. & STUMPF, M. R. (orgs.). Curitiba: CVR, 2012, pp. 177-85.
- DEAN, R. K. & POLLARD JR. R. Q. Raciocínio ético baseado no contexto da interpretação: uma perspectiva do esquema de controle de demanda. Tradução: Layla Cesaro Penha e Vinícius Nascimento. *Belas Infieis*, Brasília, vol. 9, n.º 5, p. 269-299, out./dez., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/28282/278788>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- LACERDA, C. B. F. de. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação* — FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, vol. 36, pp. 133-53, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/issue/view/156>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- LIMA, E. da S. Traduzindo do Português para a Escrita de Sinais um Material Didático do Curso Técnico em Mecânica do Instituto Federal do Paraná. Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras. Professora orientadora: Dr^a. Marianne Rossi Stumpf. Joinville: UFSC, 2018.

- GABARRÓ-LÓPEZ, S. & MESCH J. Conveying Environmental Information to Deafblind People: A Study of Tactile Sign Language Interpreting. *Front. Educ.*, vol. 5, p. 157, 2020. Disponível em: <<https://www.readcube.com/articles/10.3389/educ.2020.001577>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- LOURENÇO, S. M. E. Guia-intérprete de Libras para pessoa com surdo-cegueira: reflexão sobre as tendências e perspectivas de sua formação. In: ALBRES, N. de A. & SANTIAGO, V. de A. A. (orgs.). *Libras em Estudo: Tradução / Interpretação*. São Paulo: Feneis, 2012, vol. 1, pp. 109-40.
- MARTINS, C. da S. *O valor da cultura e comunidade surda para o tradutor e intérprete de Libras: constituição do profissional e desenvolvimento de competências*. Trabalho de Conclusão de Curso — Instituto Superior de Educação de São Paulo — Singularidades. Professora Orientadora: Dr^a Vânia de Aquino Albres Santiago — Pós-graduação em Tradução e Interpretação de Libras/Português. São Paulo, 2022.
- NASCIMENTO, V. Presença da tradução e da interpretação das línguas de sinais no “grande tempo” da cultura. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 13, n.º 3, pp. 5-15, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-457320180003000055>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- NASCIMENTO, V. *Formação de intérpretes de Libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. Tese de Doutorado — Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19562>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- NASCIMENTO, V. & NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], vol. 9, n.º 21, pp. 105-32, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. Dissertação de Mestrado — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina — Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1676199>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- PAGURA, R. A. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*. São Paulo: vol. 19, n.º spe, p. 209-236, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/13.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- PELUSO, L. Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguaya videograda. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol. 35, n.º especial 2, pp. 479-504, jul.-dez., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p479>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- PÖCHHACKER, F. Conexões fundamentais: Afinidade e convergência nos estudos da interpretação. *Scientia Traductionis*, n.º 7, pp. 61-75, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- QUADROS, R. M. de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa*. 2.ª ed. Secretaria de Educação especial. Brasília: MEC/SEESP, 2007 [2004].
- RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: *Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, 2010. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues_avaliacao.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa.

Revista da Anpoll, vol. 1, n.º 44, p. 129, 2018a. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146/0>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 57, n.º 1, pp. 287-318, 2018b. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132018000100287&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 30 nov. 2021.

RODRIGUES, C. H.; FERREIRA, J. G. D. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência. *INES — Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n.º 51, jan.-jun. 2019. Disponível em: <<https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/604/734>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ROSA, A. *A alteridade como fundamento ético para a tradução e interpretação da língua de sinais na sala de aula*. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em educação. Universidade Metodista de Piracicaba — Unimep, 2016. Disponível em: <http://ieapp.unimep.br/biblioteca_digital/visualiza.php?cod=MT-gxOQ==>. Acesso em: 30 nov. 2021.

RUSSELL, D. L. *Interpreting in legal contexts: Consecutive and simultaneous interpretation*. Burtonsville. MD: Linstock Press, 2002, 256 p.

SAMPAIO, M. C. H. A linguagem como experiência pensante e ensino: diálogos entre M. Bakhtin e M. Heidegger. In: BRAIT, B. & PISTORI, M. H. C. (orgs.). *Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)*. Campinas: Pontes Editores, 2019.

SANTIAGO, V. A. A. A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo. In: *Anais do 5.º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua portuguesa*. Florianópolis: UFSC — CCE, 2016. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3626.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- SANTIAGO, V. A. A. Esfera de conferências: o olhar para o intérprete de apoio na interpretação de Língua Brasileira de Sinais para português. In: *Anais do 7.º Seminário Internacional de Linguística — 7.º SIL*, III Congresso Interdisciplinar de Cortesia e o II Simpósio de Linguística Textual — UniCSul: São Paulo, 2017.
- SANTIAGO, V. A. A. & LOURENÇO, G. A atuação do intérprete relay em contextos de línguas de sinais como língua-A e língua-C. (Simpósio). In: *Internacional da ABRALIN — Linguística na contemporaneidade: Desafios, Debates e Propostas*. Maceió, 2019.
- SANTIAGO, V. A. A. Estudo descritivo da atuação do intérprete de Libras na esfera de conferências no contexto da Grande São Paulo. In: *I Jornada de traducción e Interpretación en Lenguas de Señas — Español AAILS*, Buenos Aires, AR, 2019.
- SANTIAGO, V. A. A. *Palavra, vozes e memória discursiva: concepções sobre ética do tradutor e intérprete de língua de sinais*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2021a. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23662>>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- SANTIAGO, V. A. A. O olhar para a tradução e interpretação de língua de sinais e guia-interpretação a partir da perspectiva dialógica: esferas e contextos de atuação. In: *Simpósio “Perspectiva dialógica nos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais” 22º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP) 2021b. Disponível em Libras em: <https://drive.google.com/file/d/1QNewwJCKe1bZYE_VR14cpKDEy5k9Ek-A/view?usp=sharing>._Acesso em: 30 nov. 2021.
- SANTIAGO, V. A. A. A Entonação Expressiva na Interpretação para Língua de Sinais Tátil em Conferências. *Cadernos de Tradução UFSC*, Florianópolis, Brasil, vol. 42, n.º 01, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/>

- view/75883/48323>. Disponível em Libras em: <<https://youtu.be/O9e2NmA18O44>>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- SANTOS, L. F. dos. *O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Educação Especial — PPGEEs — UFSCar — São Carlos, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2930?show=full>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- SANTOS, S. A. dos. Questões emergentes sobre a interpretação de Libras- português na esfera jurídica. *Belas Infiéis*, vol. 5, n.º 1, pp. 117-29, 12 jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/113722>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- SOBRAL, A. U. *A Filosofia Primeira de Bakhtin: Roteiro de Leitura Comentado*. São Paulo: Mercado da Letras, 2019.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Sign Writing: línguas de sinais no papel e no computador*. Tese de Doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2003, 330 p.
- VIEIRA, B. R., *Codas TILS: diálogos sobre caminhos, histórias e profissão*. Trabalho de Conclusão de Pós-graduação em Tradução e Interpretação de Libras/Português. Professora Orientadora: Dr^a Vânia de Aquino Albres Santiago — Instituto Superior de Educação de São Paulo — Singularidades, 2022.
- VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e& Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)*. Dissertação de mestrado — FFLCH-USP. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18122007-135347/pt-br.php>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

GÊNEROS DO DISCURSO EM LIBRAS VIDEOSSINALIZADA DA ESFERA ACADÊMICA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Rodrigo Custódio da Silva

INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo visibilizar os estudos sobre os gêneros do discurso, produzidos em Libras videossinalizada,¹² que circulam na esfera acadêmica; e acentuar a importância (e possibilidade) da evolução desses gêneros para a atual e próxima geração da comunidade surda acadêmica e da Libras, principalmente no contexto de formação, tanto no nível escolar como no nível universitário.

12 O termo *Libras videossinalizada* será explicado na parte teórica.

Para a discussão se tornar mais minuciosa, faço um recorte da tese de doutorado de minha autoria,¹³ que foi defendida e apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina em 2019.

Neste capítulo, apresento uma primeira parte destacando as fundamentações teóricas sobre o assunto com base na perspectiva bakhtiniana e em outros autores que são considerados por mim como importantes na construção coletiva de discussões. Na segunda parte, apresento uma coleta de gêneros que circulam na esfera acadêmica, produzidos em Libras videossinalizada, disponibilizados em domínio público, de acordo com a metodologia de minha tese de doutorado. Na parte final, apresento uma breve consideração refletindo sobre o papel do pesquisador de gêneros do discurso em Libras videossinalizada, principalmente na esfera acadêmica.

FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

INTRODUÇÃO À DEFINIÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO

Neste capítulo usarei a definição de gênero do discurso tal como foi adotada em minha pesquisa de doutorado. Assim, nas palavras de Silva (2019, p. 36):

Ao longo de meu percurso investigativo e leituras realizadas sobre teoria de gênero, deparei-me com pertinentes vertentes teóricas da área dos Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada; vertentes importantes de serem aqui mencionadas para fins de contextualização sobre a escolha daquela que melhor sustenta teoricamente o foco do meu trabalho. Embora me identifique bastante com a vertente teórica dos gêneros textuais, sobretudo quando me proponho a pensá-los a partir da dimensão do ensino de Libras em minha prática

13 Tese intitulada *Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise*, de Silva (2019).

docente, a teoria empregada para sustentar a presente pesquisa, principalmente no seu foco final, é a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2011 [1979]).

Apesar de a definição de *gênero do discurso* ser trazida como foco, trago neste texto algumas citações que se valem do termo *gêneros textuais* devido às teorias de Marcuschi, em quem me inspirei no início dos estudos dos gêneros textuais,¹⁴ bem como outros autores.

Para compreender os gêneros do discurso é importante resgatar o que Bakhtin (2011 [1979]) fala sobre o uso da linguagem e as atividades humanas. Bakhtin (2011 [1979], pp. 261-2) afirma, por exemplo, que todos os campos¹⁵ da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Com base no autor, cada campo da atividade humana está ligado ao uso da linguagem e o uso da linguagem, por sua vez, compreende três elementos inseparáveis (conteúdo temático, estilo e construção composicional).

Esses elementos, representados nos retângulos do centro da imagem, convergem para a circunferência da direita, que representa os gêneros do discurso. Os gêneros do discurso influenciam os campos da atividade humana. São os eventos comunicativos ativos e em circulação.

Quadro 1: Processo de formação dos gêneros do discurso com base em Bakhtin



Fonte: quadro extraído de Silva (2019, p. 46).

14 Para conhecer a discussão sobre diferenças entre *gêneros do discurso* e *gêneros textuais*, consultar Silva (2019).

15 O termo *campo* é usado na tradução do livro de Bakhtin (2011 [1979]) que corresponde ao termo *esfera*, que, por sua vez, é empregado em outros autores e traduções da obra de Bakhtin publicada em 1997.

Bakhtin (2011 [1979]) entende que a evolução dos gêneros do discurso está relacionada à história da sociedade e à história da linguagem. Para o autor, “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (Ibid., p. 268).

ESPECIFICAÇÃO DOS FORMATOS DE REGISTRO

Segundo apresentado em Silva (2019), é importante especificar os formatos de registro na Libras, uma vez que a discussão e a análise precisam ser adequadas e coerentes, considerando o foco de análise referente aos três elementos bakhtinianos — conteúdo temático, estilo e construção composicional — que podem ser diferentes considerando as diferenças de materialidade.

No início da construção de minha tese de doutorado, foi possível observar uma problemática definição:

De modo mais simples e acessível, o termo audiovisual, com base na denominação da ANCINE, é usado para referir-se a qualquer meio de comunicação cinematográfica (ou videofonográfica), com ou sem som. Assim, tem-se, por exemplo, em uso: “O gênero foi produzido em Libras audiovisual”, ou seja, “o gênero foi filmado em Libras”. Porém, esse termo pode ser problemático e gerar confusão na sua compreensão, pelo fato de o prefixo “audio” se referir automaticamente ao conceito de “som” (Silva, 2019, p. 70).

Como a Libras é caracterizada pelo aspecto essencialmente visual e não sonoro, é comum perceber vídeos em Libras gravados no modo silencioso. Portanto, o termo *videossinalizado* foi sugerido e discutido durante a defesa final da tese. Tanto eu, autor do trabalho, como ao demais membros da banca concordamos com o termo proposto.

Assim, proponho especificar os formatos de registro em Libras da seguinte forma:

Quadro 2: Especificação dos formatos de Libras

LIBRAS		O texto em Libras refere-se ao que é produzido em Libras face a face ou sem especificação do tipo de registro e formato ou refere-se à generalização.
LIBRAS VIDEOSINALIZADA		O texto em Libras videossinalizada refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo, e o sinalizante estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais.
LIBRAS ESCRITA		O texto em Libras escrita refere-se ao que é produzido em <i>Sign Writing</i> , ELiS, entre outros sistemas de escrita de sinais.
LIBRAS AVATAR		O texto em Libras avatar refere-se ao que é produzido/apresentado pelo personagem/sinalizante criado em 3D, por exemplo: aplicativos <i>HandTalk</i> , <i>ProDeaf</i> (extinto) e <i>VLibras</i> .
LIBRAS TÁTIL		O texto em Libras tátil refere-se ao que é produzido ou comunicado com o contato tátil nas mãos entre surdos-cegos enquanto interlocutor (ver TATEISHI, SANTOS e JINHUI, 2010; ARAÚJO, PEREIRA e JÚNIOR, 2014).

Fonte: quadro extraído da tese de Silva (2019, p. 71).

Esclareço sobre a proposta trazida a respeito do termo *Libras videossinalizada*, “que se refere ao texto gravado em vídeo com a presença de um ou mais sinalizantes de Libras, tendo ciência de que a câmera deve estar direcionada a ele, e sua sinalização está visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico” (Silva, 2019, p. 71).

Um tipo de formato de registro pode motivar uma influência nas características de determinado gênero do discurso, por consequência, as diferentes compreensões são levadas nas discussões e observações.

REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAIS EM LIBRAS

É importante que referências e materiais de apoio didático sejam elaborados e empregados em práticas educacionais e atividades pedagógicas voltadas ao ensino de Libras, uma vez considerando as diferentes situações de aprendizagem. Para Celani (2008, p. 29), “a produção de materiais especialmente preparados para situações específicas de aprendizagem tem sido indicada como a mais eficaz para se atender às necessidades psicológicas e sociais de diferentes tipos de alunos”.

No Brasil, apesar de ainda enfrentarmos certa carência de materiais didáticos para o ensino de gêneros do discurso/textuais na área de Libras com diferentes tipos de formatos, está crescendo o trabalho e a divulgação de materiais didáticos nessa língua, aos poucos, por motivo das políticas linguísticas movimentadas pela comunidade surda e da expressividade crescente de profissionais formados ao trabalho na área de Libras.

Na próxima seção apresento a coleta de gêneros do discurso produzidos em Libras videossinalizada para conhecimento de professores de Libras, visando também a oportunidade de esses profissionais acessarem recursos à qualidade da produção de materiais didáticos.

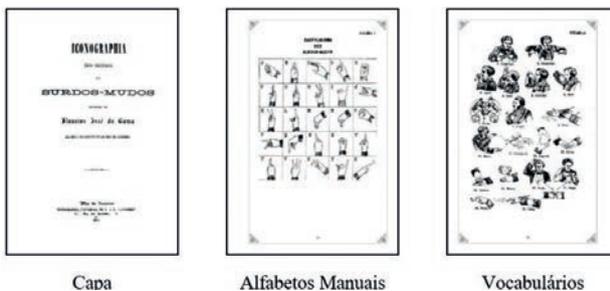
COLETA DE DADOS: OS GÊNEROS DO DISCURSO, PRODUZIDOS EM LIBRAS VIDEOSINALIZADA, NA ESFERA ACADÊMICA

Uma das três perguntas de pesquisa de minha pesquisa foi: *quais são os gêneros emergentes da esfera acadêmica em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público?* Identifiquei sete (7) tipos de gêneros do discurso de forma mais significativa e evidente, o que me levou a encontrar respostas interessantes para esta questão. Na próxima seção, apresento diferentes tipos de gêneros do discurso coletados.

DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS

Na história da comunidade Surda brasileira, é provável considerar o dicionário como talvez um dos primeiros gêneros a ser publicado, especificamente no ano de 1875, para os fins educacionais de Surdos no país. Porém essa publicação da qual me refiro é no formato impresso e refere-se à obra: “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”, sob a autoria do ex-aluno Surdo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Flausino José da Gama (cf. Felipe, 2000; Rocha, 2009; Campello, 2011; Diniz, 2011; Mandelblatt & Favorito, 2016). Observam-se os recortes ilustrativos a seguir, retirados de Gama (2011 [1875]):

Figura 1: Dicionário de Flausino José da Gama (2011 [1875]).



Fonte: Gama (2011 [1875]).

Em se tratando de dicionários no formato videossinalizado, vale mencionar, por exemplo, o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*, sob a responsabilidade da plataforma *Acessibilidade Brasil* e equipe de profissionais especialistas. Trata-se de um dicionário bastante conhecido e acessado pela comunidade Surda brasileira. Talvez um dos primeiros a serem elaborados e disponibilizados em forma digital que se encontra disponível na internet (ver Mandelblatt & Favorito, 2016). A última versão desse dicionário é do ano de 2011. A seguir, alguns recortes ilustrativos desse dicionário mencionado:

Figura 2: Dicionário Digital de Libras Acessibilidade Brasil.



Fonte: Dicionário Digital de Libras Acessibilidade Brasil (2011).

Além do dicionário acima mencionado, também foi identificado no levantamento o *Glossário de Libras*¹⁶ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo contribuir para o acesso de alunos, pesquisadores, professores e demais interessados na área no contexto brasileiro a conhecer e aprender sinais técnicos de áreas determinadas.

É importante que eu mencione que, em razão de o presente capítulo não comportar espaço, não é possível listar demais diferentes dicionários identificados em Silva (2019). Para conhecer os diferentes dicionários, o leitor pode acessar o trabalho na íntegra.

16 Disponível em: <<http://glossario.libras.ufsc.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Para fins de exemplificação desse gênero em especial, apresento nessa subseção em ordem cronológica, alguns *materiais didáticos* em Libras videossinalizada identificados no levantamento e circulados pelas comunidades Surdas brasileiras. O primeiro que apresento aqui é o *material didático* produzido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) que é uma instituição do Rio de Janeiro de referência em produção videossinalizada com recursos multimodais voltada para Educação de Surdos.

Até a data de defesa da minha pesquisa, o INES contava com um acervo¹⁷ expressivo de vídeos em Libras. Um dos materiais didáticos mais importantes dessa instituição é intitulado: *Gramática de Libras I*, produzido em 2005, disponível para livre acesso na plataforma virtual da instituição. Destaco que, até a data de finalização deste capítulo, não foi possível acessar o acervo do INES. A plataforma, encontra-se com problemas técnicos da empresa TVINES, responsável pelo controle do acervo.

O curso de Letras-Libras foi promovido e oferecido pela primeira vez pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), inicialmente em 2006, na modalidade à distância (QUADROS e STUMPF, 2009). O curso veio desde então disponibilizando os materiais didáticos de cada disciplina em seu portal de acesso ao público pela internet. Abaixo, para fins elucidativos, segue alguns recortes ilustrativos de materiais didáticos produzidos pela UFSC.

17 Disponível em: <<http://tvines.org.br/?cat=39>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Figura 3: Materiais didáticos em Libras videossinalizada da UFSC.



Fonte: Repositório UFSC.¹⁸

É interessante notar que os materiais mencionados ficam também disponíveis no portal os textos bilíngues (Libras videossinalizada e em português escrito) de cada disciplina. Entende-se que isso é fundamental para o desenvolvimento e formação dos estudantes, uma vez que permitem com que eles assistam ao vídeo em Libras e leiam também o texto escrito em português.

Entre outros materiais didáticos que também foram complementados no trabalho de Silva (2019).

TESES E DISSERTAÇÕES

No Brasil, reconheço a dissertação de Nelson Pimenta de Castro (2012) como a primeira a ser publicada em Libras videossinalizada em nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da UFSC. O acadêmico publicou sua dissertação em dois formatos, em Libras em vídeo (DVD anexo ao texto) e em língua portuguesa escrita (impressa em papel, também disponível em formato digital na biblioteca universitária).¹⁹

18 Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104071>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

19 Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100721>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Além da dissertação de Nelson Pimenta de Castro (2012), vale mencionar também a dissertação de mestrado da Fernanda de Araújo Machado (2013) que foi publicada em dois formatos, em Libras em vídeo (DVD anexo ao texto) e em língua portuguesa escrita (impressa em papel),²⁰ pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da UFSC. Destaco que a tese de doutorado da Fernanda de Araújo Machado (2017) foi publicada apenas em vídeo, sendo possível acessá-la pelas pessoas que não sabem Libras por meio de áudio, uma vez que a tese da referida pesquisadora foi publicada com áudio (dublagem) para língua portuguesa. A seguir, segue alguns recortes ilustrativos da tese de doutorado em Libras videossinalizada de Machado (2017).

Figura 4: Tese de doutorado em Libras videossinalizada.



Texto sinalizado



Menu



Multimodal

Fonte: Machado (2017).

20 Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107555>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Sobre a publicação de dissertações e teses em Libras, é possível refletir sobre a seguinte questão: para que mais teses e dissertações sejam publicadas diretamente em Libras videossinalizada, é necessário fortalecer as políticas linguísticas relacionadas ao direito de os surdos produzirem conhecimento diretamente em sua primeira língua (L1) e registrar seu pensamento original em seu idioma natural. Políticas linguísticas nesse sentido poderiam passar a ser criadas e implementadas, por exemplo, na dimensão dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, sobretudo aquelas cuja participação de Surdos é expressiva, como é o caso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que já vem demonstrando essas políticas gradativas em seus cursos de pós-graduação.

MONOGRAFIAS

Em Silva (2019) apresento também a existência do gênero *monografia* da esfera acadêmica publicado em Libras videossinalizada. Por hora, percebe-se que talvez a única instituição que disponibilize esse gênero em Libras videossinalizada em domínio público virtual seja o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Segundo Taveira et al. (2015) e Taveira e Rosado (2018), os alunos do curso de graduação em Pedagogia Bilíngue, do Departamento de Ensino Superior do INES desenvolvem suas *monografias* em Libras e as publicam na plataforma YouTube. O canal na plataforma tem caráter institucional e é vinculado à instituição.

Durante meu levantamento, sobre os gêneros emergentes da esfera acadêmica considerando a Libras videossinalizada, identifiquei algumas monografias publicadas em 2016 que são exemplificadas a seguir por meio dos seguintes recortes ilustrativos:

Figura 5: Monografias em Libras videossinalizada vinculadas ao INES.



Nóbrega (2016 [2015]).²¹



Cruz (2016 [2015]).²²



Delmar (2016).²³

É importante ressaltar a existência também de orientações técnicas sobre a produção de *monografias* em Libras videossinalizada elaboradas e disponibilizadas pelo INES.²⁴ Para conhecer mais detalhes desta seção, consultar Silva (2019).

21 Disponível em: <<https://youtu.be/XH4BnmuOQUE>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

22 Disponível em: <<https://youtu.be/CzfB54x5Ir4>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

23 Disponível em: <<https://youtu.be/GV0wYRe7WF8>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

24 E-book de DESU/INES (2015) intitulado: *Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e língua portuguesa do DESU/INES*^o. Para ver fonte completa na seção 5.1. **Sites consultados.**

ARTIGOS CIENTÍFICOS

Vale dar ênfase à Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras, criada com base nas discussões do Grupo de Pesquisa sobre Vídeo-Registro em Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A Revista foi concebida no ano de 2011 e teve como idealizador o professor Rodrigo Rosso Marques que, juntamente comigo e com o professor Alexandre Bet da Rosa Cardoso — professores da UFSC — foi pioneira no trabalho de elaboração de normas, publicação e disponibilização de *artigos científicos* em Libras.

Vale mencionar que a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras já tem número de ISSN²⁵ e, de acordo com a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), referente aos anos 2013-2016, a Revista é qualificada como Qualis B5, contando atualmente com uma equipe de profissionais especialistas na área na comissão científica de avaliação dos artigos submetidos. A seguir, um recorte ilustrativo do layout disponível para acesso via internet de domínio público:

Figura 6: Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras.



Fonte: página extraída do site, disponível em:
<<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

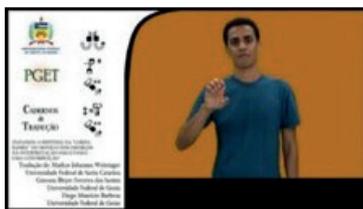
25 ISSN: 2358-7911.

De acordo com Marques e Oliveira (2012, p. 1), os pesquisadores do Grupo de Pesquisa sobre Vídeo-Registro que discutiram sobre as normas de formatação dos artigos que embasaram as regras publicadas pela Revista “buscam legitimar essa forma de registro mostrando que é possível padronizar a produção do gênero acadêmico em Libras”. Os autores entendem que “há necessidade de sistematização e organização para evitar que ela [língua — adendo meu] caia no informalismo” (Marques & Oliveira, 2012, p. 6).

RESUMOS

Oliveira (2012, p. 108) considera as vantagens do resumo consideradas por aspectos a saber: reduz o texto sem implicar no conteúdo essencial; possibilita a participação ativa na aprendizagem; e economiza o tempo de pesquisa. É possível entender o resumo como um dos gêneros da esfera acadêmica talvez mais solicitados no universo da língua portuguesa. Durante meu levantamento, em Silva (2019) identifiquei alguns *resumos* disponíveis em plataformas de domínio público. Esses resumos foram aqui trazidos como exemplos, a saber: resumos da *Revista Cadernos de Tradução*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC; resumos dos capítulos que compõem o livro *Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã*; e, por fim, *resumos* em Libras que compõem a *Revista Fórum INES*, são exemplificados a seguir por meio dos seguintes recortes ilustrativos:

Figura 7: resumos em Libras videossinalizada.



Revista Cadernos de Tradução.²⁶



Livro “Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã”.²⁷



Revista Fórum INES.²⁸

Além dos *resumos* mencionados, não identifiquei, conforme apresentado em Silva (2019), mais exemplos disponíveis em plataformas na internet de domínio público.

26 Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCP2MbnZZHjh2Zb4DUad-TXkA>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

27 Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132498>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

28 Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/issue/view/3/showToc>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PROVAS

O gênero *prova* é um dos gêneros observados com maior expressividade de quantidade e continuidade de publicação e difusão na esfera acadêmica, disponível em domínio público na internet, e de grande circulação na comunidade surda. Para ver a coleta completa dos dados referente às provas identificadas com Libras videossinalizada, é possível observar o que trago em Silva (2019).

A *prova em Libras videossinalizada* pode ser considerada talvez como um dos primeiros gêneros da esfera acadêmica produzido por instituições de ensino superior no Brasil. Para respaldar essa informação, vale lembrar que no ano de 2006, houve a elaboração e aplicação de dois tipos de provas produzidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A prova de exame de proficiência linguística, conhecida como Prolibras e as provas de exame de seleção para ingresso no primeiro curso de graduação em Letras-Libras oferecido na modalidade à distância pela UFSC. Ambas as provas citadas desde quando publicadas, estão disponíveis na internet para acesso livre em domínio público.

Nas imagens abaixo, trago para ilustrar dois recortes das provas mencionadas acima produzidas pela referida instituição. Na esquerda, um recorte da prova de vestibular do curso de Letras-Libras realizado em 2006 na modalidade à distância, e na esquerda, um recorte do exame de proficiência linguística, Prolibras, também realizado em 2006.

Figura 8: Provas em Libras videossinalizada produzidas pela UFSC.



Vestibular Letras-Libras 2006.²⁹



Prolibras 2006.³⁰

29 Disponível em: <<http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2006/libras/provasegabaritos.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019

30 Disponível em: <<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2006/provasegabaritos.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

É válido mencionar que, nos dias de hoje, os direitos linguísticos e os direitos de acessibilidade dos Surdos brasileiros implicam o aumento da elaboração e aplicação de provas em Libras videossinalizada, de maneira que seja possível promover a igualdade de acesso às informações. Por essa razão, esse gênero da esfera acadêmica foi, portanto, escolhido para que uma análise aprofundada fosse realizada na segunda etapa de minha pesquisa de doutorado.

Conforme já mencionado, os três elementos que de acordo com a perspectiva bakhtiniana caracterizam os gêneros do discurso, são: *conteúdo temático, estilo e construção composicional* e, tais elementos foram considerados em minhas análises durante o estudo, para identificar as características da *prova* em Libras videossinalizada.

A escolha das *provas*, elaboradas e disponibilizadas pela UFSC, referentes aos anos de 2012 e 2019 se deu para fins comparativos e de observação da evolução do gênero de maneira que verifique e discuta sobre como os elementos relativamente estáveis se apresentaram em cada uma das edições e como evoluíram ao longo de sete anos na esfera acadêmica. Para observar os resultados mais detalhados, veja na parte seccionada “V. CAPÍTULO — *Análise e discussão de resultados*” da tese de Silva (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bakhtin (2011 [1979]) observou que a evolução dos gêneros do discurso está relacionada à história da sociedade e à história da linguagem. Por essa razão, o presente capítulo apresenta 7 tipos de gêneros, produzidos em Libras videossinalizada, na esfera acadêmica, com base nos dados da tese de Silva (2019), portanto, o conhecimento desses existentes serve para incentivar o trabalho na produção de materiais didáticos e para compartilhar o conhecimento de como faz cada gênero do discurso

em Libras, bem como Marcuschi (2010, p. 34) destaca sobre o quanto é importante conhecer o funcionamento dos gêneros e suas dimensões discursivas, tanto para a produção, como para a compreensão textual.

A existência de diversos eventos comunicativos nas comunidades surdas é fundamental para os surdos e sinalizantes de Libras se desenvolvam e amadureçam suas habilidades de produzir e reproduzir textos com base em conhecimento dos gêneros existentes em circulação. “Quanto maior for o número de produções textuais materializadas e disponibilizadas ao público, mais os usuários da língua terão oportunidade de acessar, perceber e aprender a língua; sua estrutura, as particularidades linguísticas de cada gênero textual etc.” (Silva, 2017, p. 119). Bem como, “terão mais acesso à informação e ao conhecimento. Isso contribui com uma circulação da língua significativamente fortalecida, bem como de suas produções a partir dela gerada” (Silva, 2017, p. 119).

É preciso que todos, junto às autoridades, construam e elaborem orientações pedagógicas para a produção de gêneros acadêmicos e científicos em Libras videossinalizada, de forma a incentivar uma produção maior.

Enfim, ao responder ao objetivo proposto neste capítulo, é importante incentivar o papel do pesquisador sobre os gêneros do discurso/textuais para fortalecer e visibilizar o levantamento de estudos e trabalhos existentes, como os trabalhos de Marcus Vinícius Batista Nascimento,³¹ Neiva de Aquino Albres,³² Jonatas Rodrigues Medeiros,³³ além de mim e outros. Quanto maior o número de gêneros existentes na esfera, melhor será para os sinalizantes produzirem mais e outros gêneros, tendo como base os já existentes anteriormente, uma vez que “os gêneros do discurso são modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva” (Bakhtin, 2011 [1979], p. 334).

31 Professor da UFSCar.

32 Professora da UFSC.

33 Tradutor e Intérprete da UFPR.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, H. F. de; PEREIRA, R. C. & SANTANA JÚNIOR, C. Comunicação háptica complementando a informação através do toque. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2014. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2936.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. [1979; introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6.ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CAMPELLO, A. R. e S. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CAMPELLO, A. R. e S. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. *Revista Mundo & Letras*, José Bonifácio/SP, vol. 2, pp. 8-25, jul. 2011.
- CELANI, M. A. A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M. & TOMITCH, L. M. B. (orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. 2.ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- DESU/INES. *Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e língua portuguesa do DESU/INES*. Rio de Janeiro: DESU/INES, 2015. E-book disponível em: <<http://www.ines.gov.br/images/desu/Manual-de-Monografia-em-Libras-e-LP-2015.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2019.
- DICIONÁRIO *Digital da Língua Brasileira de Sinais*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Acessibilidade Brasil, 2011. Disponível em: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

- DINIZ, H. G. *A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
- FELIPE, T. A. De Flausino ao Grupo de Pesquisa da FENEIS — RJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES: DESAFIOS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO, 5., 2000, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: INES, 2000, pp. 87- 9.
- GAMA, F. J. da. *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. [1875]. vol. 1. Rio de Janeiro: INES, 2011. E-book atualizado e disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vJt7-BiHOSyJTWk5n2gxwA1xpEYCum7i/view> . Acesso em: 01 jan. 2023.
- MACHADO, F. de A. *Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. V-book disponível em: <<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- MANDELBLATT, J. & FAVORITO, W. Aspectos da trajetória histórica da dicionarização da Língua Brasileira de Sinais: da Iconografia de Sinais a um Manuário Acadêmico. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (COLUMBE), 11., 2016. Atas [...]. Porto/Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), 2016. Disponível em: <<http://web3.lettras.up.pt/columbe/actas/eixo1.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.
- MARQUES, R. R. & OLIVEIRA, J. S. de. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2012. ISSN: 2316-2198.

Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

- OLIVEIRA, J. L. de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica*. 8.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- QUADROS, R. M. de & STUMPF, M. R. *O primeiro curso de graduação em letras Língua Brasileira de Sinais: educação a distância*. ETD — Educação Temática Digital, Campinas, vol. 10, n.º 2, pp. 169-85, jun. 2009.
- ROCHA, S. M. da. *Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)*. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SILVA, R. C. da. *Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- SILVA, R. C. da. *Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras*. *Revista Leitura*, Maceió, vol. 1, n.º 58, pp. 107-23, jan./jun. 2017.
- TATEISHI, B.; SANTOS, I. & JINHUI, Z. *A inclusão de portadores de surdo-cegueira*. *Revista Pandora Brasil*, n.º 24, nov. 2010. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/inclusao/inclusao_portadores.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

INTERPRETAÇÃO NA ESFERA TELEVISIVA: O INTÉRPRETE SURDO EM FOCO

Natalia Francisca Frazão
Ana Claudia Balieiro Lodi

INTRODUÇÃO

O trabalho de tradutores e intérpretes de língua de sinais — língua oral não é recente no mundo e os poucos registros existentes indicam que os primeiros intérpretes foram amigos e familiares de surdos que realizavam a mediação entre surdos e ouvintes em diferentes situações cotidianas (Almeida, 2008). Foi, porém, nos educacionais que essa prática foi mais bem descrita. No contexto americano, Frishberg (1990), conforme apresentou Almeida (2008), reconheceu que a história da interpretação teria sido iniciada por Thomas Gallaudet, que se responsabilizou pela interpretação do e para o surdo francês Laurent Clerc, levado

àquele país para pensar e organizar a educação de crianças surdas; no sistema educacional, as primeiras práticas datam de 1815, com a fundação do *American Asylum for the Deaf* (atual *American School for the Deaf*), em Connecticut.

Foi também nos espaços educacionais que se reconhece o início de práticas de interpretação no Brasil. Segundo Campello (2014) e Frazão (2022), o primeiro registro data do século XIX, no então Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), e diz respeito à prática de um intérprete surdo — Flausino José da Costa Gama —, que após produzir um dicionário de língua de sinais, publicado em 1875, atuou como repetidor para os alunos surdos. Essa aproximação entre a prática de Flausino Gama e de outros repetidores do Instituto com a de um intérprete de Libras — língua portuguesa foi realizada, pela primeira vez, por Laguna (2015), que, após análise de documentos, fotografias, textos sobre os anos finais do século XIX no contexto do INES, concluiu que a função do repetidor antecede ao que hoje conhecemos por intérprete de língua de sinais — língua portuguesa. Para a autora, ambos os profissionais teriam, com seu trabalho, um objetivo em comum: repassar os conteúdos de aula para o aluno surdo. No caso dos repetidores, essa prática visava atender àqueles que não conheciam a língua de sinais e/ou preferiam estudar a partir a língua oral, e no caso dos intérpretes, àqueles que eram/são usuários da Libras.

Leitura distinta foi realizada por Rocha (2008), para quem a presença dos primeiros intérpretes de língua portuguesa — língua de sinais no INES ocorreu apenas na década de 1950, prática realizada a partir da iniciativa de professores ouvintes de Educação Física. Segundo a autora,

a proximidade comunicativa era tamanha que eles atuavam como intérpretes dos alunos nas cerimônias realizadas na Instituição e em eventos particulares dos alunos [em um] tempo em que a comunicação gestual era desestimulada nas salas de aula (p. 98).

Além dessas pesquisas que se voltam ao campo educacional, outros trabalhos descreveram práticas de interpretação propulsoras da atividade que hoje reconhecemos como de tradutores e intérpretes de Libras — língua portuguesa (TILSP),³⁴ vinculadas à esfera religiosa (Rosa, 2005). Eram profissionais que, embora sem uma formação propriamente dita, desenvolviam seus conhecimentos da Libras e ganhavam fluência na língua no contato com as comunidades surdas, que, cotidianamente, auxiliavam os profissionais em relação às formas de interpretar — uma formação, portanto, construída na prática.

Reconhece-se, porém, que foi na década de 1990, a partir da maior intensificação dos movimentos surdos em relação ao reconhecimento da sua língua e a uma educação pensada e organizada a partir da Libras, que a figura do TILSP ganhou destaque e, nesse contexto, alguns surdos acabaram assumindo também este lugar, principalmente em eventos envolvendo uma língua de sinais distinta da Libras. Apenas na década seguinte os direitos linguísticos dos surdos passaram a ser assegurados por intermédio de uma série de dispositivos legais. No ano 2000 foi publicada a Lei 10.098, primeira a prever a necessidade de se formar TILSP visando promover a eliminação de barreiras na comunicação, assegurando aos surdos “o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer” (Brasil, 2000, art. 17). Foi também nesta legislação que se previu a necessidade de adoção de plano de medidas técnicas pelos serviços de radiodifusão, “para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva” (idem, art. 19), seja por meio da Libras seja por intermédio da subtítuloção.

34 Embora os profissionais sejam assim denominados nos documentos legais brasileiros, considera-se “que as atividades de tradução e de interpretação são operacionalizações diferentes da translação de um “material linguístico de uma língua a outra” (Rodrigues & Beer, 2015, p. 20) demandando dos profissionais, portanto, competências diferentes” (Nascimento & Nascimento, 2021, p. 130). Será então mantida esta nomenclatura quando as discussões envolverem documentos da esfera oficial; quando os debates estiverem relacionados as práticas de interpretação, os profissionais serão denominados apenas intérpretes.

Segundo Nascimento & Nascimento (2021), este primeiro documento foi o propulsor para que discussões voltadas à garantia dos direitos linguísticos dos surdos em esferas específicas começassem a ser enfrentadas, por meio da oferta de serviços de TILSP. Ao se pensar em produções audiovisuais, por exemplo, uma das formas de se pensar este serviço seria por intermédio da janela de interpretação, compreendida como “o espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais [...] no qual o conteúdo [...] é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela, exibido simultaneamente à programação” (Naves, 2016 apud Nascimento & Nascimento, 2021, p. 129).

Dois anos após a Lei de Acessibilidade (Lei n.º 10.098/00), a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras (Lei n.º 10.436/2002), e quase três anos e meio depois, foi publicado o Decreto Federal n.º 5.626/2005, documento que, entre vários ganhos em termos legislativos em prol dos direitos dos surdos, previu a formação de TILSP em cursos superiores. Nele se reconheceu também os surdos como um possível profissional para atuar no campo, “com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos” (Brasil, 2005, art. 19, inciso III).

Neste mesmo ano de 2005 foi criada, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, a NBR 15.290 — Acessibilidade em comunicação na televisão, cuja função, segundo Nascimento e Nascimento (2021), foi a “de orientar a presença das diversas formas de inclusão em produções televisivas. Nesta há um capítulo para cada diretriz e forma de acessibilidade. O sétimo é o responsável por definir as regras referentes à janela de Libras” (pp. 129-30). No entanto, ainda conforme os autores, apesar destes documentos, o serviço de interpretação na esfera televisiva não era adotado, em especial na TV aberta, até a metade da década passada; este cenário começou a se alterar no ano de 2015 com a publicação da Lei n.º 13.146, “que tornou a janela de Libras

obrigatória em produções audiovisuais nacionais em diferentes setores, especialmente em debates e propagandas político-eleitorais” (p. 130).

Observa-se assim que por meio destes dispositivos legais, os TILSP foram ganhando reconhecimento, inicialmente nas esferas educacionais e, posteriormente, mesmo que de forma tímida, em outras esferas de atividade, como pode ser observado nos trabalhos envolvendo a interpretação de diferentes gêneros do discurso da esfera televisiva (Nascimento, 2011; Harrison; Nascimento, 2013; Nascimento & Nascimento, 2021; Frazão, 2022).

Ainda mais escassos, ao se considerar o corpo significativo de discussões envolvendo a interpretação Libras — português — Libras nas diferentes esferas de atividade humana desde a década de 2000, são aqueles trabalhos envolvendo a prática de TILSP surdos, apesar de ele já ser uma realidade e de estar ocorrendo de forma sistematizada há alguns anos. Destaque a esta prática, considerando os objetivos deste capítulo, pode ser dado à TV INES, webTV em Libras, com legenda e locução em português, lançada no dia 24 de abril de 2013,³⁵ e à TV Cultura, emissora de TV aberta, com programação em língua portuguesa, que é interpretada por uma equipe composta por profissionais intérpretes ouvintes e por uma intérprete surda.

Este trabalho se insere neste último contexto e visa apresentar e discutir como se constitui o trabalho realizado por uma intérprete surda que apoia a equipe de intérpretes de Libras ouvintes na construção da interpretação do programa “#Provoca” da TV Cultura. Acredita-se que com este estudo seja possível contribuir e ampliar as discussões no campo da tradução e da interpretação e, para desenvolvê-las serão inicialmente apresentados alguns estudos envolvendo o trabalho do intérprete surdo e sua atuação em equipe de interpretação; posteriormente, será descrito o campo da pesquisa, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste texto e a pesquisa propriamente dita.

35 Infelizmente, no ano de 2021, a TV INES teve suas atividades encerradas por iniciativa do Governo Federal.

O INTÉRPRETE SURDO: UMA PRÁTICA AINDA POUCO ESTUDADA

A atividade de interpretação realizada por pessoas surdas nos contextos cotidianos e educacionais não é nova em nosso país, mas foi a partir da década de 1990, em decorrência dos movimentos das pessoas surdas, que essa atuação cresceu e ganhou cada vez mais reconhecimento na esfera acadêmica. Segundo Campelo (2014), o reconhecimento de tal prática, ocorreu, pela primeira vez, em 1993, no contexto dos cursos que antecederam o II Congresso Latino-americano de Bilinguismo para surdos, ministrados pelos professores surdos Ken Mikos, dos Estados Unidos, e Mats Jonsson, da Suécia, interpretados, à época, pelo intérprete surdo de ASL/Libras, Nelson Pimenta de Castro. Posteriormente, no ano de 2010, vários intérpretes surdos trabalharam na interpretação simultânea da língua de sinais americana (ASL) para a Libras, assim como nas atividades enunciadas a partir do sistema internacional de sinais³⁶ para a Libras, no contexto do *5th Deaf Academics and Researchers Conference* (Campello, 2014).

Silveira (2017), interessada em compreender a dinâmica de atuação envolvendo intérpretes surdos em conferências, observou que, no período de 1999 a 2015, quinze eventos contaram com a presença do profissional. Nestes eventos, segundo a autora, os intérpretes surdos atuaram em duplas, sendo um aquele que se mostrava visível ao público e outro que trabalhava como apoio. Como exemplo, Silveira descreveu a interpretação realizada por uma intérprete surda envolvendo o par linguístico sistema internacional de sinais/Libras, em um determinado evento. Para a realização da prática, a intérprete surda se posicionou ao lado do palestrante surdo e, à sua frente, sentado, encontrava-se um segundo profissional (no caso ouvinte), que ora copiava os sinais

36 Embora não seja considerado uma língua, o sistema internacional de sinais constitui-se em uma forma de “comunicação visual entre pessoas surdas de países diferentes que não compartilham uma única língua de sinais” (Crasborn & Hiddinga, 2011, p. 492 apud Granado, 2019, pp. 212-3). Tal sistema é utilizado, principalmente, em eventos e encontros internacionais de surdos.

realizados pelo palestrante, ora interpretava diretamente dos sinais internacionais para a Libras. A intérprete surda ou realizava a interpretação propriamente dita ou adequava os enunciados do intérprete ouvinte para uma forma surda de enunciar em Libras. Um segundo exemplo apresentado por Silveira (2017) diz respeito a uma palestra proferida em Libras. Sentado e à frente do palco encontrava-se um segundo profissional, também surdo, que atuava como apoio da intérprete surda, que interpretava da Libras para o sistema internacional de sinais.

Observa-se assim, a partir dos exemplos apresentados por Silveira (2017), que quando atuam na equipe intérpretes surdos e ouvintes ou apenas intérpretes surdos, há um profissional que realiza a interpretação direta (aquela que é visível aos participantes), com apoio de outro, que trabalha com a interpretação indireta (não visível para quem assiste à interpretação). Constitui-se, portanto, em uma prática “em que o produto da interpretação de alguém serve como fonte para a interpretação de outro intérprete, também chamado de «intérprete-feed», do inglês, «feed-interpreter» (Almeida-Silva & Russo, 2016, p. 77). Segundo explicaram os autores, *feed*, da língua inglesa, significa alimento; no campo da interpretação, um intérprete-feed pode ser compreendido como aquele que “alimenta” de conteúdo o intérprete surdo para que ele entregue a interpretação final ao público.

As práticas descritas até aqui dizem respeito à atuação do intérprete surdo e do intérprete-feed na esfera acadêmica, campo que passou a ser investigado de forma mais sistemática, na última década. No entanto, acredita-se que, guardadas as devidas especificidades em termos genéricos, aproximações podem ser feitas em relação à organização do trabalho em conferências envolvendo o intérprete surdo e aqueles desenvolvidos ou em desenvolvimento em outras esferas, como a focalizada neste capítulo — a esfera televisiva. Antes, porém, de apresentar e discutir a prática em foco, torna-se necessário contextualizar o trabalho que será analisado.

A TV CULTURA: BREVE HISTÓRICO

A TV Cultura iniciou suas atividades em 1969 na cidade de São Paulo e, desde sua concepção, tinha-se como proposta construir uma emissora com propostas direcionadas à divulgação cultural, fato que ocorreu desde seu primeiro dia no ar. No decorrer dos anos 1980 e 1990, a esse compromisso somou-se uma agenda de jornalismo que se propunha diferenciado em relação às emissoras comerciais existentes, a veiculação de programas de debates e de fundo educativo, além de atrações de caráter pedagógico voltadas ao público infantil e juvenil (Costa, 2019). Esse compromisso perpassou e perpassa a história da TV Cultura, que, mesmo com períodos marcados por grandes problemas institucionais de ordem política e financeira, sempre buscou caminhos alternativos para o enfrentamento de suas dificuldades.

Este comprometimento com uma proposta de qualidade cultural e educacional pode ser observada ainda atualmente, ao se considerar a preocupação da emissora em assegurar acessibilidade a sua grade de programação a diferentes grupos socioculturais minoritários que necessitam de recursos de comunicação diferenciados ou por meio da interpretação da programação para outra língua, como é o caso das comunidades surdas brasileiras. Conforme apresentado por Frazão (2022), a preocupação com recursos de acessibilidade na emissora teve início no ano de 2013, e estes se voltaram, inicialmente, para a implantação do serviço de *Closed Caption*; no ano seguinte teve início o trabalho com audiodescrição. A interpretação para a Libras iniciou no ano de 2017, após a contratação de dois intérpretes ouvintes; no ano seguinte, uma profissional surda passou a compor a equipe. Naquele momento, apenas as reprises de alguns programas da emissora eram interpretadas e postas no ar em horários após a meia-noite.

No ano seguinte, a equipe e o trabalho dos intérpretes foi revisto e decidiu-se que o serviço de interpretação envolveria programas inéditos, previamente gravados ou transmitidos ao vivo.

O trabalho a ser iniciado focalizava, principalmente, os programas do campo jornalístico e educativo. Naquela época, conforme descreveu Frazão (2022), a equipe de interpretação não tinha um estúdio próprio, atuando em outros voltados a fins diversos; paralelamente, a emissora ganhava visibilidade juntos aos surdos. Em meados de 2018, a emissora passou a receber demanda por programas de animação interpretados para Libras e, dada a linguagem bastante específica — a infantil, a equipe incentivou a intérprete surda para que ela própria fizesse a interpretação. Começava outra prática na emissora e para a equipe: o desenho *Boris e Rufus* ganhou uma versão em Libras enunciada diretamente por uma profissional surda.

Ainda segundo Frazão (2022), no segundo semestre de 2019, o novo diretor de Programação da TV Cultura, ao reconhecer a importância de se investir em espaços que assegurassem a acessibilidade a diferentes grupos socioculturais minoritários, reformou o espaço físico da emissora a fim de ser criado o Núcleo de Acessibilidade, que se tornou realidade no dia 13 de dezembro de 2019. Tal núcleo era constituído por “três estúdios para gravação de Libras, dois ProTools com cabines de locução para audiodescrição e, para a produção do *Closed Caption*, duas cabines para Via Voice e uma máquina de estenotopia” (Librasol, 2019); além de atender a demanda da própria emissora, o Núcleo oferecia também serviço de acessibilidade à outras instituições e empresas.

O núcleo ganhou o nome de Flicts em homenagem à história, de mesmo nome, criada pelo escritor e ilustrador Ziraldo. Em sua história, Flicts, era uma cor que, por ser pouco conhecida, não podia ser nomeada. As demais cores, por serem conhecidas e reconhecidas, se achavam mais importantes, ignorando Flicts; ela, abalada, voou para longe e se tornou a cor da lua. A partir daí, todas as cores passaram a admirá-la e, arrependidas do comportamento preconceituoso assumido, uniram-se a ela. Houve, com isso, reconhecimento da diferença, apoio e oportunidades iguais de participação social entre as cores. Este seria o princípio também da inclusão no qual o Núcleo de Acessibilidade Flicts se

baseia, ao buscar assegurar a presença e participação de profissionais surdos à equipe de interpretação.

Atualmente todos os Programas apresentados pela emissora são interpretados para a Libras; alguns programas são previamente gravados e em outros a interpretação ocorre de forma simultânea por serem programas ao vivo. Para este capítulo optou-se por discutir um programa gravado — #Provoca — dadas suas características peculiares em termos de organização e desenvolvimento, bem como da linguagem nele utilizada.

O PROGRAMA “#PROVOCA”

O programa #Provoca é uma reformulação do programa “Provocações”, criado em agosto do ano 2000 por Antônio Abujamra. Ele consistia em um programa que transcendia ao modelo de perguntas e respostas, embora assim se constituísse, ao buscar, na interação entre entrevistado e entrevistador, promover a análise do espectador sobre temas polêmicos em discussão em diferentes esferas sociais. Para isso, Abujamra, ao mesmo tempo em que instigava os entrevistados a refletirem sobre acontecimentos das respectivas vidas, sobre questões sociais e sobre discursos por eles enunciados em outros tempos e espaços, tratava os fatos em tela de forma sensível, nada preconceituosa, articulando as temáticas de forma inteligente. No site comemorativo dos dezesseis anos do programa encontra-se, como alguns aspectos privilegiados pelo programa, a preocupação em “reverter a aparência do mundo, vislumbrar facetas de outra realidade [...] [e] colocar o comportamento social sob novos parâmetros” (TV Cultura, 2016). Este programa foi ao ar no período de 08/2000 a 07/2015, em um total de 705 episódios, tendo sido interrompido em função da morte do apresentador, em abril de 2015.

No ar desde o ano 2019, o programa #Provoca propõe-se a dar continuidade ao programa de Abujamra, porém de maneira reformulada. Segundo a apresentação do programa na grade de

programação da emissora, o “#Provoca promete romper o véu entre a alta cultura e a cultura pop — trazendo nomes diversos e inusitados” (TV Cultura, 2022). Atualmente ele é apresentado por Marcelo Tas, que descreve, como pilares de sustentação do programa, “entrevistas, filosofia e interação” e, para seu desenvolvimento, além de entrevistas provocativas sobre questões e discursos polêmicos, da mesma forma como ocorria com o programa *Provocações*, há também a participação de pessoas comuns, que comentam e se posicionam em relação ao tema abordado, por meio de diálogos com jornalistas e/ou por intermédio das redes sociais do programa/emissora. O programa, que é previamente gravado, vai ao ar uma vez na semana e é reapresentado aos domingos.

Nesse sentido, pode-se dizer que, além das múltiplas vozes constitutivas dos discursos em circulação no Programa, cabe à equipe de intérpretes refletir em suas práticas sobre o heterodiscurso materializado nos enunciados produzidos pelos distintos participantes, que se constituíram com base em diferentes horizontes socioculturais.

CONSTRUINDO A PESQUISA

Para ser possível refletir sobre o processo da equipe responsável pela interpretação da programação da TV Cultura, aqui discutido a partir do programa #Provoca, optou-se pela realização de um diário de campo, produzido pela intérprete surda e primeira autora deste capítulo. Entende-se, em consonância com Falkembach (1987), que por intermédio do diário de campo, o pesquisador pode registrar o ambiente da pesquisa, por meio de “um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexões — para uso individual do investigador no seu dia a dia” (p. 3); uma descrição dos eventos vividos e observados para posterior reflexão.

O uso deste instrumento, por sua vez, implica na necessidade de a pesquisadora assumir uma posição *extraposta* àquela da intérprete surda, ou seja, a pesquisadora analista da prática de

interpretação do programa #Provoca e a pesquisadora intérprete, embora sejam a mesma pessoa, ocupam tempo e espaço diversos, fato que implicará no desenvolvimento de visões sobre os eventos enunciativos de maneira ímpar e, algumas vezes, divergente. Isso porque, compreende-se que “cada enunciado ocupa um espaço único e singular na existência. Desse lugar, somente uma única visão de mundo e um único ponto de vista podem ser projetados; nele, igualmente, cabe um único ser” (Machado, 2001, p. 225).

Para a construção do diário de campo, considerando tratar-se de um trabalho em equipe, foram levados em conta três momentos que constituem a prática de interpretação: os eventos que antecedem a gravação, a gravação propriamente dita, e a análise da prática já realizada. Esta mesma divisão temporal para a compreensão da prática de interpretação desenvolvida por uma equipe de intérpretes foi também descrita por Nogueira e Gesser (2018) ao discutirem o processo envolvendo a prática de intérpretes de turno (o visível) e o de apoio (o não visível) em contexto de conferência acadêmica.

Inicia-se com conversas prévias entre os membros da equipe, com o objetivo de se pactuar questões sobre o trabalho, sobre a experiência de cada um, explicitando conhecimentos linguísticos e culturais bem como observando o contexto em que a atuação ocorrerá, estudando e se preparando para o trabalho. Nessa fase, os intérpretes mobilizam competências que contribuam para a sua atuação durante a interpretação. De modo geral, essa mobilização consiste desde solicitar o material que será interpretado e estudá-lo, até chegar minutos antes da interpretação para verificar e se ambientar com o local de atuação. O segundo momento é o da interpretação em si, em que os intérpretes contam um com o outro para que possam realizar um trabalho colaborativo e interdependente (Hoza, 2010). Neste ponto da interação, os intérpretes estão atentos e prontos a colaborar com a interpretação, fazendo o uso de sua concentração máxima para atuarem em sintonia uns com os outros. O terceiro momento seria o de avaliação do trabalho pelos membros

da equipe, verificando o que funcionou ou não durante a atuação, observando pontos que podem ser aperfeiçoados para melhores performances na interpretação dos próximos desafios em equipe (Nogueira & Gesser, 2018, p. 123).

Segundo os autores, o trabalho de uma equipe de interpretação tem início antes do evento e não termina com ele, algo pouco discutido na literatura, que tende a analisar e debater a prática da interpretação em si, o momento da atuação. Para Nogueira & Gesser (2018), a presença do intérprete de apoio pode ser entendida como “uma ação dentro do trabalho em equipe que corresponderia a uma ação maior de atuação e envolveria outras atividades durante o processo de interpretação” (p. 128). Como exemplo, os autores destacam situações que envolvem uma longa prática de interpretação e, neste caso, o necessário apoio físico, emocional e de raciocínio, a fim de ser mantida a qualidade do trabalho, ao mesmo tempo em que ressaltam a importância de um grupo de trabalho que atue em equipe, essencial para a construção de uma interpretação que assegure a compreensão dos surdos a respeito das temáticas abordadas.

Embora se reconheça a proximidade entre a prática descrita acima no campo da conferência acadêmica e aquela desenvolvida na esfera televisiva no que diz respeito ao necessário trabalho em equipe e a uma atuação que não se limita ao momento da interpretação propriamente dita, mas que também a antecede e a sucede, três aspectos diferenciam as duas experiências: o fato da descrita por Nogueira & Gesser (2018) constituir-se em uma modalidade de interpretação simultânea,³⁷ algo que não acontece no #Provoca, na medida em que a interpretação é pensada a partir da gravação prévia do programa; o espaço temporal diferenciado, pois o evento envolve alguns dias de convivência e um trabalho na

37 Segundo Pagura (2003), entende-se por interpretação simultânea aquela em que os intérpretes recebem mensagens em uma língua e as repassam para outra e forma (quase) concomitante. Ou seja, apesar de ser assim denominada, essa modalidade de interpretação não ocorre simultaneamente de fato, porque os profissionais necessitam de um breve espaço de tempo “para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão” (pp. 211-2).

esfera televisiva implica em uma relação cotidiana; e a presença de uma intérprete surda como parte da equipe.

Essas particularidades do trabalho desenvolvido há dois anos na TV Cultura — uma interpretação construída de forma partilhada, pensada e discutida entre os intérpretes ouvintes e entre ouvintes e a intérprete surda, possibilita o olhar atento da equipe a fim de assegurar que os enunciados em Libras atendam aos sentidos do discurso em português e de garantir significativa qualidade na interpretação. Soma-se ainda o fato de a interpretação realizada transcender os aspectos linguísticos ao envolver também perspectivas socioculturais de surdos e ouvintes.

A gravação da interpretação do programa #Provoca analisado neste texto ocorreu no dia 11 de abril de 2022. Para isso, dois intérpretes ouvintes fizeram a interpretação e a intérprete surda atuou como apoio aos dois. O programa teve a duração de 55 minutos e foi dividido em três blocos. A atriz entrevistada foi Maria Fernanda Cândido que atuou no filme internacional “Animaís Fantásticos: os segredos de Dumbledore”, da série de filmes de Harry Potter. O programa foi transmitido no dia seguinte e pode ser acessado na Plataforma *YouTube*.³⁸

O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO PROPRIAMENTE DITO

Todos os programas gravados da emissora que são interpretados para Libras possuem um roteiro com os conteúdos que serão abordados, que é disponibilizado aos intérpretes por meio da intranet da TV Cultura, software GV Stractus,³⁹ ENPS⁴⁰

38 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cDXOWCSnYGA>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

39 Chama-se, em inglês, GV STRACTUS, o sistema de programa que consiste em um conjunto de ferramentas da produção de vídeo e gerenciamento de conteúdos. Para maiores informações, acessar: <<https://www.grassvalley.com/products/media-asset-management/gv-stratus/>>. Acesso em: abr. 2022.

40 Chama-se, em inglês, AP ENPS NEWS PRODUCTION SYSTEM, o sistema de pro-

ou pasta de arquivos de roteiros de *Closed Caption*. No entanto, pode acontecer do vídeo de algum programa ainda estar em produção, o que inviabiliza sua disponibilização para a equipe de interpretação com antecedência. Nesses casos, para se iniciar o trabalho, torna-se necessário contato com a supervisora do Núcleo de Acessibilidade Flicts a fim de saber quem será a pessoa entrevistada. A partir do nome, a intérprete de apoio pode pesquisar informações referentes a vida da pessoa e sobre papéis, atividades, compromissos atuais, visando, por meio das anotações feitas, a construção de uma breve biografia da entrevistada; a partir daí, inicia-se um processo de reflexão da equipe sobre os respectivos conhecimentos sobre a pessoa em tela e sobre o assunto que mobilizou o convite que será, portanto, debatido no programa. Constrói-se assim uma preparação em grupo do que será enfrentado para a interpretação do programa gravado.

O DIÁRIO DE CAMPO: ANTES DA GRAVAÇÃO

Ao chegar no Núcleo de Acessibilidade, sento-me na cadeira para ligar o computador, ver se a pasta de Closed Caption tem textos de roteiro do programa #Provoca. Nesse momento, não tinha texto completo, só mostrou o texto do primeiro bloco desse programa, porque outros profissionais ainda estavam trabalhando com outros dois blocos para Closed Caption. O texto do primeiro bloco aborda mais o tema de filme recente que a atriz Maria Fernanda, participou [...] [e foi organizado na forma de roteiro], quer dizer, os textos mostram o nome de pessoas e o que aconteceu: TAS pergunta e Maria Fernanda responde. Com base no texto, preciso saber [...] o que o entrevistador e a entrevistada estavam dialogando. Faço isso em anotação, com glossário em Libras, em papel,

grama constituído por jornalistas, para facilitar a narrativa e os recursos para organizar conteúdos que eles vão usar para o seu trabalho. Para maiores informações, acessar <<https://www.ap.org/media-solutions/enps/the-ap-enps-advantage>>. Acesso em: abr. 2022.

para discutir depois com os intérpretes de Libras. A primeira expressão, no texto que li, era Dumbledore, ao mesmo tempo comecei lembrar personagens dos livros e filmes de Harry Potter que li e assisti várias vezes no decorrer dos anos. Assim que fui aproveitar a aprofundar a pesquisa na internet para saber o que tem no filme novo que a atriz Maria Fernanda fez, ver se tem sinais de cada personagem dos filmes de Harry Potter nas redes sociais — Instagram e YouTube — e encontrei exclusivamente o sinal de Dumbledore, o diretor famoso da escola de bruxa de Harry Potter.

Após as anotações, converso com os dois intérpretes para lhes passar os conteúdos e discutirmos um modo de interpretar essas informações em Libras. Essa discussão também pode acontecer quando há algum assunto pouco conhecido, e todos nós, juntos, pensamos nas possibilidades de interpretar. Por exemplo, percebi que um intérprete não conhecia muito bem as histórias de Harry Potter, assim que aproveitei para resumir em Libras essa história para ajudá-lo entender quem é Dumbledore, referente ao filme novo que a atriz Maria Fernanda fez. Outro exemplo: percebi que o outro intérprete não conhecia a atriz e também mostrei resumo da trajetória profissional dela para ajudá-lo a conhecer uma breve biografia da atriz. Esses resumos parecem simples, mas importantes porque vão estar no assunto que Marcelo Tas e Maria Fernanda vão dialogar bastante no primeiro bloco. Também aproveitamos para ver alguns sinais específicos em relação à bruxaria, Harry Potter e estúdio de cinematografia para os dois intérpretes. Essa discussão durou um pouco mais de quinze minutos... (Grifos adicionados).

Destacam-se três pontos no texto escrito no diário de campo da intérprete de apoio sobre o cuidadoso trabalho de preparação para a prática de interpretação. Para tecê-los, é necessário considerar que a prática de interpretação é um evento interacional e discursivo, logo dialógico, e que, portanto, envolve um trabalho

de e com a linguagem (Almeida, 2008). Desse modo, a leitura do roteiro, mesmo que ainda incompleto, possibilitou à interprete o estabelecimento de um diálogo com os livros de Harry Potter lidos e com o conjunto de filmes deles decorrentes que ela assistiu, base para que ela pudesse conversar com a equipe e compartilhar seus conhecimentos com aqueles que não tinham a mesma vivência que ela, a fim de ser possível a construção de modos de interpretar, de sentidos em Libras do que poderia vir a ser enunciado em português. Pode-se mencionar a mesma situação em relação ao necessário conhecimento daquele que será entrevistado, pois sua história também comporá os eventos discursivos do programa e este conhecimento será importante para a construção dos sentidos do que será interpretado. Histórias, portanto, que são postas em diálogo, corroborando com a ideia de que intérpretes não são meros facilitadores da comunicação, como muitas vezes se pensa, mas constituem-se em participantes do evento discursivo, envolvendo-se neles ativamente.

No que se refere ao processo de conhecimento de sinais específicos, destaca-se o trabalho construído em equipe, ao se considerar que os sinais, assim como as palavras da língua portuguesa, só podem adquirir sentidos quando enunciados em um contexto concreto, socio-historicamente situado e culturalmente determinado; uma relação que depende do contexto imediato em que os enunciados estão sendo enunciados, além do contexto social em sentido amplo, envolvendo a relação entre línguas/linguagens/culturas (Sobral, 2008).

Este trabalho que antecede a gravação da interpretação e que pode ser compreendido como uma preparação da atividade interpretativa a ser desenvolvida, foi ainda descrito por Nogueira (2020) como um momento para se avaliar o que e como interpretar, de maneira que dê maior segurança ao intérprete em relação à prática que irá iniciar. Esse momento é importante ao se considerar o grande número de telespectadores ou internautas envolvidos se em comparação à outras esferas e, assim, “a probabilidade de alcance de um erro de interpretação seria mais

abrangente acarretando para o TILSP e para a produção audiovisual interpretada problemas futuros, inclusive de cunho institucional” (Nascimento, 2011, p. 81).

Ainda segundo o autor, dada a especificidade da atuação da equipe de intérpretes na esfera televisiva, estes profissionais demandam uma preparação específica que atenda as exigências da esfera e, por este motivo, é importante que o mesmo profissional que preparou os intérpretes e a interpretação previamente, mantenha-se na atividade no momento da gravação.

O DIÁRIO DE CAMPO: O MOMENTO DA GRAVAÇÃO

Fomos ao primeiro estúdio de gravação, que é composto por uma parede pintada de azul royal que utilizamos como Chroma Key, iluminadores, câmera, palcos, suportes e duas televisões. Uma das TVs fica acima da câmera e é para o intérprete de Libras ver melhor e saber em que configuração estão os personagens para melhor posicioná-los (replay), além de ver as outras imagens. A outra televisão fica ao lado da câmera e é onde eu, intérprete de apoio, vejo a janela de Libras, personagens e conteúdos do #Provoca, entendendo o que está passando. Nesse momento procuro saber o que preciso complementar na interpretação da intérprete de Libras, que fica na minha frente [...] e caso algo não esteja claro, posso sinalizar expandindo os enunciados a fim de facilitar a compreensão dos surdos dessa interpretação.

Como exemplos:

- *Percebi por meio dos olhares e expressões faciais da intérprete de Libras, que ela está pedindo apoio [...], tentei entender e complementar, no caso ela fez soletração manual de “Dumbledore” para eu ver e mostrei o sinal deste personagem. Ela viu e inseriu na interpretação.*
- *Em outro momento, percebi que a intérprete ficou perdida com a posição de entrevistador e entrevistada, mostrei com o*

dedo indicador para o lado direito ou esquerdo para ajudá-la a entender e se posicionar no lugar de quem está falando.

- Posteriormente, o apresentador Marcelo Tas leu uma mensagem, que apareceu na tela, sobre uma pergunta de internauta, fiz leitura rápida e tradução de português para Libras para a intérprete ver e interpretar em Libras

- No decorrer do programa, apareceu a legenda em português de um áudio estrangeiro, de um filme Francês no qual a atriz Maria Fernanda participou, fiz leitura rápida e a tradução de português para Libras para a intérprete ver e interpretar.

- Em momentos em que foram discutidos assuntos não presentes no roteiro, como a imagem de um cenário de filme, em referência ao filme adaptado do livro “A paixão segundo GH”, de Clarice Lispector. Por eu ter conhecimento desse livro e também da escritora, pude apoiar a interpretação. A intérprete fez soletração manual de “Clarice”, na hora lhe mostrei o sinal da autora (Grifos adicionados).

A descrição dos processos implicados na gravação da interpretação do #Provoca presente no diário de campo, especialmente os exemplos citados, demonstra a complexidade da prática da equipe de interpretação, que tem que lidar com enunciados produzidos por distintas pessoas, e que, por vezes, são constituídos também por informações visuais (filmes, imagens, legendas) e/ou por textos enunciados em outras línguas. Assim, a atenção e a expertise da intérprete de apoio surda foram fundamentais para a intérprete de turno nos momentos em que ela tinha que lidar com informações por ela desconhecidas; para alterar a interpretação realizada, visando com isso a produção de um discurso mais compreensível para os surdos; e para a orientação do posicionamento do intérprete no espaço, de maneira que respeite o enunciador do discurso.

Para este processo ocorrer no momento da gravação, intérprete de turno e intérprete de apoio interagiram por meio de enunciados não-verbais (expressões faciais e direcionamento do

olhar), comunicação possível dada a proximidade entre ambas as profissionais, ao se considerar a convivência cotidiana da equipe. Destaca-se ainda o necessário respeito e confiança construída entre ambas as profissionais, pois, em alguns momentos, o discurso enunciado pela intérprete de turno tinha que ser reenunciado pela intérprete de apoio surda, em um processo que pode ser compreendido como sendo de interpretação cultural.

Concebe-se, neste texto, que “cultura é um discurso que une seus membros, levados a acreditar que, apesar de todas as suas diferenças — sociais, econômicas, sexuais, religiosas — pertencem a um mesmo grupo” (Pires, 2008, s/p.). Se compreendemos que discurso é a “língua em sua integridade concreta e viva” (Bakhtin, 1997, p. 181), a língua/discurso torna-se, portanto, “um dos elementos mais fortes da cultura” (Pires, 2008, s/p.)

Compreende-se ainda, em diálogo com Pires (2008), que discute os processos implicados nos atos tradutórios, mas que aqui foram relidos para se refletir sobre a interpretação da língua portuguesa para a Libras, que este diálogo, sempre tenso, entre culturas, inerente às práticas de tradução e de interpretação, implica em escolhas (no caso de sinais e de informações) e em leituras feitas a partir do lugar daquele que interpreta. Leituras que, por serem feitas por uma profissional sócio-histórica e culturalmente situada, não podem ser entendidas como fechadas e únicas. Um encontro entre culturas que, além de ocorrer no momento da interpretação, se dá também no diálogo entre as intérpretes surda e ouvinte, justificando-se assim a necessidade de ajustes interpretativos de alguns enunciados interpretados, a fim de aproximá-los da forma como os surdos os enunciarão.

Nesse contexto intercultural insere-se ainda o necessário cuidado com as expressões e com o posicionamento do corpo do intérprete ao enunciar em Libras, na medida em que o programa é constituído por discursos enunciados por, pelo menos, duas pessoas. Desse modo, o intérprete deve, para compor seus enunciados e a fim de identificar os enunciadore, mover seu corpo sutilmente para as mesmas posições em que os interlocutores se encontram

no programa, aspecto que, embora reconhecido e realizado pelos intérpretes, no fluxo discursivo do programa, às vezes, acaba sendo negligenciado. Nesse momento, o apoio da intérprete surda torna-se fundamental a fim de assegurar que esta informação seja também compreendida pelo público surdo que acompanha o #Provoca.

O DIÁRIO DE CAMPO: APÓS A GRAVAÇÃO

Quando o primeiro bloco terminou, a supervisora de acessibilidade pediu para a equipe continuar a gravação do segundo e do terceiro bloco no dia seguinte, pois precisava que um dos intérpretes interpretassem outro programa urgente em Libras no outro estúdio.

Percebi que a expressão da intérprete, que é nova no trabalho em equipe e começou a trabalhar conosco há apenas três meses, e tinha interpretado o primeiro bloco era explicitamente de medo e demonstrava preocupação, porque ela fez interpretação em Libras para o programa #Provoca pela primeira vez. Primeiramente, parabenei, porque ela aceitou o desafio dessa interpretação, depois orientei o que ela precisava melhorar em interpretação, também mostrei para ela formas de interpretar aspectos enunciativos de fala de cada pessoa em contexto de espaços mentais... Também pedi desculpa para ela por não conseguir traduzir tudo em Libras, como a segunda legenda em português para ela ver, porque essa legenda apareceu e apagou por uma fração de segundo... também foi desafio para eu ajudar a intérprete.

Observa-se, por intermédio do relato do diário de campo, que após a gravação do programa, a equipe se reúne para conversar sobre as dificuldades, os momentos de apoio que ocorreram ou não, sobre as estratégias utilizadas a fim de ser possível a interpretação em Libras dos discursos enunciados em português, entre outros aspectos. É um momento em que, conforme relatado,

a intérprete de apoio surda pode acolher os profissionais que enunciam em sua língua, destacando os pontos positivos de sua atuação, bem como apontando momentos em que a interpretação deixou a desejar. Este diálogo não é e não pode ser compreendido como um momento de avaliação, mas de coconstrução da atividade, de trocas de conhecimentos, de diálogos, nem sempre harmônicos, entre culturas.

Este momento de partilha é avaliado por Nascimento & Nogueira (2021) como sendo de extrema importância, por permitir “o alinhamento das experiências e o aperfeiçoamento da prática sendo, nesta direção, um importante espaço de caráter formativo e colaborativo” (p. 7023). Conforme concluem os autores, é um momento que torna possível o encontro do eu e do outro, no qual um intérprete dá acabamento e completude ao outro, na medida em que ambos vivenciaram a atividade de interpretação.

SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE ENTRE INTÉRPRETES SURDOS E OUVINTES

Ao se analisar uma prática de interpretação, compreende-se que o intérprete é o profissional que está sempre entre línguas/linguagens, logo entre culturas, a fim de construir sentidos aos discursos dos outros expressos em outra língua. É uma prática, portanto, que

introduz uma informação nova em outra cultura; explica uma cultura para outra [...]; modifica o saber e fertiliza o conhecimento, graças à associação de ideias das duas culturas, porque, com o contato com o diferente, a criatividade acaba gerando uma outra via, que não pertence nem à cultura de origem, nem à de chegada (Pires, 2008, s/p).

Estabelece-se assim uma prática que não se desvincula da vida; um processo no qual são postos em diálogo a história e os

conhecimentos tanto daquele que enuncia quanto do intérprete; conhecimentos em Libras e em língua portuguesa que entram em relação a fim de se construir sentidos aos enunciados interpretados. É, portanto, um trabalho que transcende o conhecimento linguístico ao envolver formas de significar o mundo que são distintas, já que esta leitura se faz com base em línguas diferentes; línguas que não carregam “apenas fatos e informações, mas sim a forma de pensar e de valorar da outra cultura” (Pires, 2008, s/p). A visibilidade deste diálogo ao se considerar que ele está ocorrendo em uma emissora de TV de alcance nacional deve também ser ressaltado.

Ganha relevância assim a presença de uma intérprete de apoio surda na equipe que atua nesta emissora, ao se considerar ser esta a profissional que vive a língua/cultura surda cotidianamente, que se relaciona com ela nos mais diversos campos de atividade humana e, portanto, sua materialização nas diferentes linguagens sociais que constituem a língua. Sua importância e responsabilidade é também grande, uma vez que, conforme discutiram Nascimento & Nascimento (2021), ela, na relação com a equipe, transita discursivamente, muitas vezes, entre a posição de profissional e de público, assumindo um papel “praticamente duplo: a de contribuir com a interpretação como apoio e a de dar feedbacks sobre a interpretação enquanto público-alvo daquela produção” (p. 142). Nesse processo, ela ainda vive o desafio de auxiliar na construção de sentidos a enunciados produzidos em uma língua que não é a sua, mas que é a dos demais profissionais, que, assim como ela, transitam entre as diferentes linguagens constitutivas do português, enunciadas nos diferentes campos de atividade.

Nesse sentido, é fundamental a parceria e confiança entre os profissionais que compõem a equipe, que transitam entre as diversas linguagens constitutivas de ambas as línguas e que se dispõem a se encontrar e a dialogar com outra cultura, a fim de ser possível a construção de um trabalho colaborativo que assegure aos surdos o acesso às discussões em igualdade de condições dos ouvintes.

REFERÊNCIAS

- ABNT. NBR 15.290. *Acessibilidade em comunicação na televisão*. Rio de Janeiro: ABNT, 2005. Disponível em: <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_17.pdf>. Acesso em: maio 2022.
- ALMEIDA, E. B.de. *O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais*. 2010. 104p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo.
- ALMEIDA-SILVA, A. & RUSSO, A. Diferenças e similitudes entre a “Interpretação Indireta” e a “Interpretação Indireta Sinalizada”: uma análise sobre a posição de “Interprete-Feed”. In: ALMEIDA-SILVA, A.; ALBRES, N. de A. & RUSSO, A. (orgs.). *Diálogo em Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*. Curitiba: Editora Prismas, 2016, pp. 76-106.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2.^a ed. rev. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1997.
- BRASIL. Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial de União*, Brasília, 20 de dez. de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm>. Acesso em: maio 2022.
- BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: dez. 2021.
- BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 2005.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: dez. 2021.

CAMPELLO, A. R. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio. *Cadernos de tradução*, vol. 1, n.º 33, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v-1n33p143>>. Acesso em: jan. 2022.

CAVALLO, P. A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues. *TradTerm*, São Paulo, vol. 25, pp. 61-81, ago. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/download/103054/101337>>. Acesso em 26 jun. 2022.

COSTA, F. TV Cultura, 50 anos: a história da emissora de televisão mais respeitada do Brasil. *Observatório da TV*. 2019. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/tv-cultura-50-anos-a-historia-da-emissora-de-televisao-mais-respeitada-do-brasil>>. Acesso em: maio 2022.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e Educação*, n.º 7, Jui: Inijui, 1987. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/silvana.marinho/disciplina-instrumentos-e-tecnicas-de-intervencao/unid-2-instrumentos-de-conhecimento-intervencao-e-registro/texto-7-falkembach-elza-maria-fonseca-diario-de-campo-um-instrumento-de-reflexao-in-contexto-e-educacao-no-7-jui-inijui-1987/view>>. Acesso em: jan. 2022.

FRAZÃO, N. F. *O trabalho do intérprete surdo no jornalismo televisivo: o caso da equipe de interpretação da TV Cultura*. 2022. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Tradução e Interpretação Libras/Português). Instituto Superior de Educação de São Paulo — Singularidades. São Paulo.

- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Arte e Cultura. Provocações comemora 16 anos. 2016. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/126_programa-provocacoes-comemora-16-anos.html>. Acesso em: maio 2022.
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Grade de Programação. 2022 Disponível em: <<https://cultura.uol.com.br/grade/26042022.html#a-tual>>. Acesso em: maio 2022.
- GRANADO, L. F. G. W. Sinais Internacionais e a formação para intérpretes de sinais internacionais. *Belas Infieis*, vol. 8, n.º 1, pp. 211-28, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/12984/20483>>. Acesso em: maio 2022.
- HARRISON, K. M. P. & NASCIMENTO, V. Verbo-visualidade no gênero jornalístico televisivo: leituras para a construção de estratégia de interpretação da língua de sinais. *Bakhtiniana*, vol. 8, n.º 2, pp. 202-19, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14005/12928>>. Acesso em: maio 2022.
- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. TV INES. Disponível em: <<https://debasi.ines.gov.br/tv-ines>>. Acesso em: maio 2022.
- LAGUNA, M. C. V. *Moralidade, Idoneidade e Convivência: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910 que incidem na atuação profissional dos tradutores-intérpretes de língua de sinais da atualidade*. 2015. 157 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LIBRASOL. TV Cultura inaugura núcleo de acessibilidade com homenagem a Ziraldo. 2019. Disponível em: <<https://www.librasol.com.br/tv-cultura-inaugura-nucleo-de-acessibilidade-com-homenagem-a-ziraldo/>>. Acesso em: maio 2022.
- MACHADO, I. A. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, C. A. TEZZA, C. & CASTRO, G. de (orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. 3.ª ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, pp. 225-71.

- NASCIMENTO, V. Alteridades, discursos e saberes na formação de intérpretes de Libras-Português experientes. *Belas Infieis*, Brasília, n.º 2, vol. 10, 0. 01-26, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/28504>>. Acesso em: jan. 2022.
- NASCIMENTO, V. & NOGUEIRA, T. C. Interpretação simultânea remota em conferências durante a pandemia de Covid-19: dimensões de uma prática emergente. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, vol. 18, n.º 4, pp. 7006-28, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/81143/48297>>. Acesso em: mar. 2022.
- NASCIMENTO, V. & NASCIMENTO, N. Interpretação do português para a Libras no Programa Roda Viva da TV Cultura: aspectos e estratégias do trabalho em equipe. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, vol. 15, n.º 32, p. 128-48, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35913>>. Acesso em: fev. 2022.
- NOGUEIRA, T. C. Atividades de preparação para intérpretes de Libras-Português em Conferências. In: RODRIGUES, C. H. & QUADROS, R. M. de (orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC: Ed. Insular, 2020.
- NOGUEIRA, T. C. & GESSER, A. As pessoas não sabem o significado de apoio: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. *Translatio*. Porto Alegre, n.º 15, pp. 122-58, jun. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/84221/48578>>. Acesso em: maio 2022.
- PAGURA, R. A interpretação de conferência: interfaces com a tradução escrita e implicâncias para a formação de intérpretes e tradutores. *Delta*, vol. 19, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/46vXjxRxNSgjjK73DyHjbHD/?lang=pt>>. Acesso em 26 jun. 2022.

- PIRES, M. K. Tradução Cultural através da literatura: entre o mundo árabe e o ocidente. *XI Congresso Internacional da Abralic — Tesituras, interações, Convergências*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/MONICA_PIRES.pdf>. Acesso em: maio 2022.
- ROCHA, S. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. Rio de Janeiro: INES, 2008.
- ROSA, A. da S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Campinas, 2005. 199p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- SILVEIRA, B. Intérprete surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil. In: ALBRES, N. de A. (org.). *Libras e sua Tradução em Pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias*. Florianópolis, Biblioteca Universitária da UFSC, 2017, pp. 14-37.
- SOBRAL, A. *Dizer o 'Mesmo' a Outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services, 2008.

O DESENVOLVER DO NOVELO CONCEITUAL BAKHTINIANO NA FORMAÇÃO DE TRADUTORES AUDIOVISUAIS DE LIBRAS

Vinícius Nascimento

INTRODUÇÃO

*Por que a gente é desse jeito
criando conceito
pra tudo que restou?*

O Teatro Mágico

A perspectiva bakhtiniana, ou perspectiva dialógica, que dá origem ao que hoje se denomina no Brasil de Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme defende Brait (2008), contribui de maneira significativa com as pesquisas e estudos que enfrentam a linguagem, com base em múltiplas materialidades semiótico-ideológicas, em situações reais e concretas.

Essa perspectiva, que pode ser compreendida a partir da maneira como Mikhail Bakhtin e outros intelectuais no contexto russo no início do século XX conceberam a linguagem, a comunicação, as artes, a literatura, a filosofia e outras dimensões da produção cultural humana (Brait & Campos, 2008), oferece aos pesquisadores que nela se ancoram conceitos fundamentais para leitura, descrição, análise e interpretação de *corpora* proveniente das interações entre o humano e o mundo.

Nos Estudos da Tradução e da Interpretação da Língua de Sinais (ETILS) não poderia ser diferente. Esse campo em ascensão no Brasil vem permitindo a investigação dos processos tradutórios e interpretativos, bem como da tradução e da interpretação enquanto produtos, com base em diferentes abordagens reunindo pesquisas descritivas, bibliográficas, empírico-experimentais etc. A perspectiva bakhtiniana se soma à pluralidade epistemológica que vem dando sustentação teórico-metodológica a esse campo emergente e contribui por permitir ao pesquisador, e ao próprio tradutor e intérprete, um raciocínio metadiscursivo sobre o que significa mediar a comunicação de falantes e não falantes de línguas de sinais.

Nesse sentido, neste capítulo, apresento reflexões sobre como o pensamento bakhtiniano, especialmente as contribuições de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, podem contribuir para a formação de tradutores audiovisuais da Libras. Para tanto, elenco um projeto de tradução audiovisual realizado no âmbito de uma atividade de extensão na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e demonstro como os conceitos bakhtinianos de enunciado concreto, gêneros do discurso e alteridade podem contribuir de maneira significativa para a construção do processo tradutório e para o processo formativo de tradutores audiovisuais da Libras.

LÍNGUA, LINGUAGEM E TRADUÇÃO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UM NOVELO?

Difícilmente o pesquisador, o estudante, o professor, o tradutor que se arvora a trabalhar com a perspectiva bakhtiniana consegue lançar mão de apenas um conceito para fundamentar sua pesquisa, seu estudo, sua análise, sua tradução. A maneira como os conceitos estão emaranhados, arraigados uns nos outros, impele aquele que decide ir por esse caminho a achar o fio inicial e puxá-lo, tal como um novelo de lã. E ao puxar o fio, se percebe que ele é longo e faz todo o emaranhado conceitual se movimentar.

Não é possível, por exemplo, falar de gêneros do discurso sem mobilizar, inicialmente, o conceito de enunciado concreto, visto que, conforme o próprio Bakhtin (2016, p. 12) afirma, os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Essa definição pode levar o leitor, de imediato, ao questionamento sobre o que, então, nessa perspectiva, se compreende por enunciado. Uma das respostas é encontrada no ensaio inacabado que apresenta essa definição e que recebe o título do conceito, “Os gêneros do discurso”, publicado inicialmente na coletânea *Estética da Criação Verbal*, quando Bakhtin afirma que o enunciado é a “real unidade da comunicação discursiva” e que eles são “definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela *alternância dos falantes*” (p. 28). Nas palavras do autor:

Todo enunciado — da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico — tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade

convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante conclui sua fala (Bakhtin, 2016, p. 29).

A definição de enunciado, como se vê, logo no início da citação acima, extrapola e ultrapassa a visão tradicional presente em algumas correntes de estudos linguísticos que, conforme evidenciam Brait e Melo (2008), equivalem à frase ou sequências frasais. Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é concebido “[...] de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (Brait & Melo, 2008, p. 65).

Encontramos em “O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica” de Pável N. Medviédev (2012) uma reflexão dessa mesma natureza. Ao discutir os elementos da construção artística em um conflituoso debate com os formalistas russos, o autor analisa a relação entre os gêneros e a realidade e afirma que

são as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. [...] Pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, não pode ser compreendido como um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas (Medviédev, 2012, p. 198).

Na mesma direção de Bakhtin e Medviédev, Valentin Volóchinov, o linguista do Círculo, aprofunda essa questão no ensaio “Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado”, publicado recentemente no Brasil a partir de tradução direta do russo, quando diz que “nunca poderemos compreender a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento,

uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (Volóchinov, 2019, p. 267). Assumindo, também, o enunciado como “unidade real do discurso” (p. 268), Volóchinov (2019, p. 269) reafirma o seu caráter dialógico e interativo ao salientar que “toda situação organizadora do enunciado pressupõe inevitavelmente os seus atuantes: o falante ou os falantes” chamados por ele de “auditório do enunciado”.

Na perspectiva dialógica todo discurso pressupõe um interlocutor, um sujeito que, concreto ou presumido, determinará as formas de produção discursiva do falante. Volóchinov (2019) atenta para esse fato ao afirmar que todo enunciado leva em conta um auditório que responderá ao que foi produzido pelo locutor independente da esfera em que ele se encontra. Nas palavras do autor:

todo discurso é um discurso dialógico orientado para outra pessoa, para sua *compreensão e resposta* real e possível. [...] O *auditório* do enunciado (presente ou presumido, fora do qual, como já vimos, não ocorreu nem pode ter ocorrido nenhum ato de comunicação discursiva) reflete-se justamente na orientação social (Volóchinov, 2019, pp. 280-1, grifos do autor).

No desenrolar desse novo, percebe-se, aqui, a necessidade de uma parada para uma investigação mais apurada sobre o que é definido como alteridade, pois o enunciado, como visto, é compreendido justamente a partir da sua mobilização por sujeitos sociais e históricos. Conceito central nas formulações do Círculo para pensar a linguagem e a comunicação, a alteridade pode ser definida a partir das relações que são estabelecidas entre o *eu* e o *outro* na trama ideológica, social e histórica da linguagem. Esse conceito é o terreno onde a árvore do pensamento bakhtiniano se enraíza e floresce e pode ser encontrado a partir da leitura de praticamente todos os textos do denominado Círculo.

Nessa perspectiva não há possibilidade de instauração do sujeito sem a presença e instituição de um outro. O “eu”, nesse caso, é constituído pela existência do “outro” que o define e o completa. Segundo Bakhtin (2010, grifos do autor), “na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural e único”. A constituição do sujeito, nesse sentido, não é individualizada, solitária, mas coletiva, visto que “somos simultaneamente o que vemos de nós mesmos e o que vemos que os outros veem de nós, em sua parcialidade enriquecedora [...]” (Sobral & Giacomelli, 2018, p. 21).

A trama conceitual exposta forma, inevitavelmente, uma concepção de linguagem ampla que considera a dimensão social, histórica e ideológica das relações estabelecidas entre diferentes sujeitos e a dimensão material, sónica, simbólica, semiótica, dos sistemas que permitem a promoção das interações. Essa dupla dimensão não é, e nem pode, ser vista de modo separado porque, aqui, o semiótico é sempre ideológico e o ideológico é sempre apresentado por alguma semiose, tal como defende Volochínov (2017).

Nessa direção, os gêneros do discurso, conceito que foi a ponta do fio no início desse tópico, correspondem às formas como a linguagem é organizada pelos seus falantes. Não existe possibilidade de comunicação fora dos gêneros porque, também, não existe comunicação sem interação entre sujeitos. As relações interlocutivas, nesse caso, são aspectos centrais que determinam a organização dos enunciados (Lima, 2014) que não podem ser observados, apenas, do ponto de vista sistêmico, mas, sim, a partir das relações estabelecidas no ininterrupto fluxo da comunicação discursiva. Devido à responsabilidade (possibilidade de geração de resposta) constitutiva da comunicação humana, todo enunciado está ligado ao que veio antes dele e, conseqüentemente, gera resposta em enunciados futuros. Bakhtin (2016) salienta que a

organização por similaridade dos gêneros é realizada com base em três aspectos: i) a construção composicional, que revela as condições específicas para a produção do enunciado; ii) o estilo, que corresponde à seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e que podem ser compreendidos pela imposição do gênero e pela autoria do falante; e iii) o conteúdo temático, que responde tanto à situação imediata da interação quanto ao contexto mais amplo de produção do enunciado.

A partir dessa concepção de linguagem, que resvala, conseqüentemente, na concepção de língua, assumo uma postura dialógica para encarar a tradução e a interpretação em atividades de ensino, de pesquisa e de extensão em consonância com alguns autores dos Estudos da Tradução, tal como Sobral (2008), Bezerra (2012) e Kumar (2015; 2018), no qual a concepção de língua e de linguagem é central para compreender as tarefas do tradutor e do intérprete. Na perspectiva dialógica da tradução, o tradutor não é neutro e nem se limita a analisar e atuar com a dimensão sistêmica, abstrata, das línguas envolvidas na atividade, mas é agente histórico, atravessado e constituído de vozes, discursos e valores, que mobiliza o texto em constante diálogo com ele e com as diferentes culturas imbricadas nesse fazer. Nesse processo, ele toma posições e busca encontrar correspondências, e não equivalências, porque, “[...] cada língua, ainda que tenha semelhanças com as outras, difere delas porque surge e se desenvolve num dado contexto social e histórico que não tem equivalência em outros contextos” (Sobral, 2008, p. 81). Desse modo, compreendo que

todo ato de tradução e de interpretação são constitutivamente movimentos de encontro com o *outro* porque promovem a mediação de diferentes sujeitos, línguas, linguagens e culturas. O tradutor e o intérprete, agentes protagonistas dessas atividades, assumem uma posição de mediação e podem, devido ao conhecimento aprofundado das línguas e culturas dos envolvidos na interação a ser estabelecida pelo seu ato discursivo, construir pontes entre diferentes mundos e realidades. Podemos, nessa direção, conceber a tradução e

a interpretação interlíngua como atividades discursivas que promovem a aparição da alteridade, ou seja, fazem aparecer, para os participantes da interação mediada, o *outro*, pela linguagem, outrora inacessível devido ao desconhecimento total ou parcial do plano linguístico utilizado pelo parceiro da interação (Nascimento, 2018, p. 112).

DO CAMPO PARA A UNIVERSIDADE E VICE-VERSA: A EMERGÊNCIA DA TALS

É a partir dessa concepção teórico-metodológica que venho trabalhando na formação de tradutores e intérpretes de Libras nos últimos anos. Na UFSCar venho trabalhando no ensino, na pesquisa e na extensão com o tema da tradução audiovisual desde 2015. Popularmente sintetizada no sintagma “janela de Libras” (JL), a tradução audiovisual da língua de sinais (TALS) vai muito além do espaço destinado à sua exibição na tela (Nascimento & Nogueira, 2019) e envolve aspectos anteriores à circulação e que vão desde a intensa preparação, estudo e pesquisa sobre o material a ser traduzido até os embates e negociações com as equipes de edição e produção sobre o tamanho da janela na tela.

Com a emergência da temática no cenário nacional que foi impulsionada por uma série de políticas voltadas à inclusão social das pessoas com deficiência e para a comunidade surda, a necessidade de oferecimento do serviço da TALS em produções cinematográficas, televisivas, publicitárias e de outras naturezas vem crescendo significativamente, bem como a importância da formação de tradutores e intérpretes para atuarem nesse contexto.

No ano 2000, com a Lei n.º 10.098, já havia determinação da inserção da interpretação de língua de sinais em produções televisivas, mas sem muito adensamento sobre como essa inserção deveria acontecer. Nesse documento, inclusive, a expressão adotada foi a de “intérprete de *linguagem de sinais*” para designar a atividade do profissional que deveria promover a acessibilidade comunicacional em produções audiovisuais. Entretanto, com a

promulgação da Lei n.º 10.436/2002, que reconheceu a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, esse sintagma não foi mais utilizado em documentos oficiais, como se lê em publicações legislativas subsequentes, tais como o Decreto n.º 5.296/2004, que regulamentou a Lei n.º 10.098/2000 e o Decreto n.º 5.626/2005 que regulamentou a Lei de Libras.

Um importante passo na direção da ampliação do mercado audiovisual para tradutores e intérpretes foi a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei n.º 13.146/2015, que criou o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Nesse documento, é possível ler, especialmente no artigo 67 do Capítulo II — Do acesso à informação e à comunicação — que “os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I — subtítuloção por meio de legenda oculta; II — janela com intérprete da Libras; III — audiodescrição” (Brasil, 2015 p. 37). No artigo 76 do Capítulo IV — Do Direito à Participação na Vida Pública e Política — lemos também que o poder público deve promover a participação social das pessoas com deficiência por meio da “garantia de que os pronunciamentos oficiais, a propaganda eleitoral obrigatória e os debates transmitidos pelas emissoras de televisão possuam, pelo menos, os recursos elencados no art. 67 desta Lei” (Brasil, 2015, p. 39).

A LBI instituiu, desse modo, uma abertura no campo da tradução e da interpretação da Libras para o audiovisual na esfera política ampliando a participação das pessoas surdas na democracia representativa brasileira, uma vez que elas, ao acessar propagandas político-partidárias com tradução e debates entre os candidatos ao executivo com interpretação para a Libras, podem, com informações acessadas em sua língua de conforto, escolher melhor seus candidatos. Desde 2016, ano seguinte à publicação da LBI, os candidatos, partidos, redes televisivas e justiça eleitoral tem disponibilizado conteúdos com tradução e interpretação para Libras e essa disponibilização vem crescendo tanto em quantidade quanto em qualidade.

Uma outra ampliação pode ser observada no campo da cultura audiovisual. Com a publicação das instruções normativas (I.N.) 114 e 128 da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em

2014 e em 2016 determinando que todas as produções audiovisuais financiadas pelo órgão deveriam apresentar os três recursos de acessibilidade determinados na legislação — Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), Audiodescrição (AD) e JL — houve uma ampliação da atuação profissional de tradutores e intérpretes nesse contexto. Entretanto, Emiliano e Nascimento (2022) mostram que essas obras não são facilmente acessadas pelo público por não serem exibidas com acessibilidade em nenhum meio de veiculação público e nem disponibilizadas para o acesso do grande público depois de efetivado o depósito legal na Cinemateca Brasileira. Para analisar os padrões de janelas de Libras das obras que foram enviadas para o depósito legal, os autores conseguiram acesso à algumas delas após contato direto com produtores que estavam listados em documento disponibilizado pela ANCINE. Na análise, atestaram que as janelas de Libras não seguem o padrão estipulado pela NBR 15.290 da Associação Brasileira das Normas Técnicas (ABNT) e nem a proposta do Guia para produções audiovisuais acessíveis (Naves et al., 2016) publicada pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura.

Segundo Nascimento & Nogueira (2019), a TALS segue na rasteira de outras atividades tradutórias para o audiovisual como a LSE e a AD que, há algum tempo, são estudadas no campo dos Estudos da Tradução e inseridas em produções televisivas e cinematográficas. Por ser extremamente recente no cenário da fruição de obras audiovisuais, a TALS, também, vem galgando lugar no contexto acadêmico. Os autores mostram que a temática ainda é pouco — ou nada — incorporada em publicações sobre o campo, como é o caso do mapeamento realizado por Frederic Chaume (2018) que, apesar de considerar o surgimento do subcampo da Tradução Audiovisual Acessível (TAVA) como fenômeno de uma virada sociológica nos Estudos em Tradução Audiovisual (TAV), não apontou a tradução de língua de sinais como elemento presente no cenário.

Tamayo (2022) reitera essa discussão ao afirmar que a tradução e a interpretação audiovisual da língua de sinais (TIALS)

é, infelizmente, uma área ainda esquecida, pouco explorada ou debatida nos Estudos da Tradução, nos Estudos da Tradução Audiovisual e nos Estudos das Mídias Acessíveis: Segundo a autora,

Além disso, muitas publicações conceituadas sobre tradução audiovisual (TAV) e acessibilidade não mencionam, muito menos estudam, a tradução e interpretação da língua de sinais (T)(I)(LS) como uma forma de mídia acessível (MA); os programas de formação atuais em TAV e MA geralmente não incluem módulos em língua de sinais; e publicações de prestígio e atualizadas frequentemente falham em incluir até mesmo um capítulo ou artigo sobre (T)(I)(LS) dentro da mídia AV (Tamayo, 2022, p. 130)

Atualmente, no Brasil, é possível notar a presença da TALS em diferentes produções audiovisuais, tais como vídeos publicitários governamentais, de instituições financeiras, de redes de supermercados, farmácias e de outros setores. Com a ampliação da inserção dessa atividade em diferentes produções audiovisuais, algumas lacunas formativas precisam ser supridas já que a formação desses profissionais não tem acompanhado a velocidade da ampliação das políticas públicas para os direitos linguísticos e sociais dos surdos (Nascimento, 2011; 2017). E é nesse cenário que a universidade se apresenta como um espaço importante de articulação entre a produção de conhecimento, a formação de profissionais e a garantia de direitos de minorias linguísticas, como a comunidade surda.

A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO E FORMAÇÃO DE TRADUTORES AUDIOVISUAIS DA LIBRAS

A formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais em nível de graduação no Brasil é extremamente recente. O primeiro curso ofertado foi em 2008 pela Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC) e, atualmente, são mais nove instituições públicas que ofertam, ao todo, dez cursos de graduação presenciais e a distância. A emergência desse cenário tem mobilizado os docentes a pensarem estratégias de ensino da tradução e da interpretação com base em uma articulação teórico-prática que soma a experiência desses professores no campo profissional às diferentes abordagens teóricas mobilizadas nos Estudos da Tradução e nos Estudos da Interpretação.

Com a demanda crescente de profissionais para realizar as atividades de tradução e de interpretação, as universidades que oferecem os cursos de graduação vêm sendo procuradas por diferentes setores e instituições públicas e privadas para oferecer esses serviços em diferentes contextos, especialmente o audiovisual. A fim de permitir a atuação nessa frente, desde 2018 a UFSCar conta com o Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (Latravis) vinculado ao Departamento de Psicologia que foi construído a partir do projeto de pesquisa “Tradução de Libras em materiais audiovisuais: usabilidade de janelas e sincronia verbo-visual no processo tradutório” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP — Processo 2017/21970-9) por meio da modalidade Auxílio Regular à Pesquisa.

O Latravis tem sido um espaço de produção de conhecimento nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão envolvendo a temática da TALS. Uma das ações desenvolvidas no laboratório foi a atividade de extensão “Assessoria formativa e prestação de serviços em tradução e interpretação da Libras e Língua Portuguesa em contextos comunitários, audiovisuais e de conferências nas esferas pública e privada” (Processo ProEx Web UFSCar 23112.004350/2018-11). Por meio dessa atividade, foi possível estabelecer parcerias entre a UFSCar, por meio da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI), e diferentes instituições de produção audiovisual a fim de ofertar o serviço de TALS e permitir que estudantes do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e

Língua Portuguesa (TILSP) pudessem vivenciar experiências no mercado da tradução audiovisual ainda no curso de graduação.

No âmbito dessa atividade, desenvolvemos um projeto de tradução para a série de comédia “Baby & Rose” produzida pela Realejo Filmes e Produções Artísticas e Cinematográfica Ltda. e exibida pelo canal Multishow. A série é protagonizada por duas empregadas domésticas, que dão nome à produção, e são vivenciadas pelos atores Lindsay Paulino & Caike Luna que também interpretam outros nove personagens. O roteiro corresponde a um programa de TV que Baby e Rose são convidadas a apresentar e, nele, contam suas histórias mesclando narrativas do universo LGBTQIA+ com o das empregadas domésticas brasileiras.

A série pode ser categorizada como do grande gênero comédia, com um formato fundado na paródia (Fechine, 2001). Seria o subgênero *sitcom*, ou comédia de situação, que é movido por performances de personagens que se relacionam em ambientes familiares, de amizade, de trabalho e outros. Segundo D’Abreu (2010, p. 10),

em sua origem americana, a *sitcom* também pode se caracterizar (embora isto não seja regra) pela incidência de risadas ao longo de cada episódio, que pontuam o desenvolvimento cômico das situações, podendo aparecer sob a forma de “saco de risadas” (efeito sonoro pré-gravado e inserido durante a edição) ou de *claque* (reações orientadas de uma plateia presente no estúdio durante a gravação ou exibição de um programa) (D’Abreu, 2010, p. 10).

Os diálogos entre as personagens acontecem em uma casa montada em um estúdio na cidade de São Paulo e nos diversos ambientes as personagens recebem outros convidados, também interpretados pelos mesmos atores, que se alternam para que, pelo menos, uma das personagens principais esteja na cena.

Do ponto de vista composicional, o local em que os diálogos acontecem variam de acordo com o episódio e determinam

as formas de interação estabelecidas entre elas. No início dos episódios, a dupla aparece na rua andando em direção à casa onde serão gravadas as cenas (Cena 1). Após essa cena inicial, sobe a vinheta de abertura (Cena 2) e, na sequência, as personagens aparecem em uma mesa na sala de jantar tomando café e dialogando (Cena 3). A cena seguinte é das duas personagens sentadas em uma bancada na cozinha simulando a apresentação de um telejornal (Cena 4). Depois elas aparecem em um cenário externo, em algum mercado, açougue ou na rua entrevistando pessoas (Cena 5) e, seguidamente, a imagem é cortada de volta para a casa em um quadro exclusivo da Baby (Cena 6) que dá dicas de diferentes naturezas aos telespectadores. A cena posterior acontece no quarto e as duas personagens leem cartas enviadas por fãs (Cena 7). Ao final desse quadro, Baby é chamada na sala (Cena 8) novamente para receber um outro personagem interpretado por Lindsay Paulino, o mesmo ator que interpreta Rose e, na sequência, o programa volta para o quadro “Notícias Diárias” (Cena 9) apresentado de uma bancada na cozinha. Nele, elas chamam uma segunda cena de entrevistas nas ruas e em outros estabelecimentos (Cena 10) e, depois, voltam para o estúdio agora com uma encenação em que Rose recebe um convidado interpretado por Kaique Luna (Cena 11). A penúltima cena é composta por um musical em que Baby e Rose cantam paródias de músicas brasileiras (Cena 12). O episódio é finalizado com as duas em um ponto de ônibus dialogando sobre o conteúdo do programa gravado no dia (Cena 13). Os episódios duram, em média, 25’00”. Abaixo estão recortes de cada uma das cenas descritas.

Quadro 1: Cenas dos quadros da série Baby e Rose



Fonte: Baby & Rose (2022).

Em relação ao estilo, percebe-se uma linguagem muito característica das duas personagens. Baby, por exemplo, antes de enunciar qualquer coisa diz “queria ser macho” com uma articulação imprecisa. Já Rose, apesar da boa articulação, exagera no sotaque mineiro marcando sua regionalidade. Percebe-se, também, o uso acentuado de onomatopeias e trocadilhos semânticos com a mistura, às vezes, de expressões que são da comunidade LGBTQIA+ e outras que são regionais, especialmente de Minas Gerais. Rose possui uma acentuação sempre imperativa e violenta em relação à Baby que, por sua vez, está sempre satirizando e falando coisas muito incomuns para sua colega Rose. Em cenas dialogais, a sobreposição de fala é sempre presente e Rose, na maioria das vezes, assalta o turno de Baby em diversos momentos. Abaixo segue a transcrição do trecho de um diálogo do episódio 6. A transcrição seguiu o modelo proposto por Pretti (2013) no Projeto NURC da USP.

ROSE	Ai menina, cê assistiu o capítulo final da novela ontem? Moça, mas eu não preguei meu ooolho enquanto não cabô a novela. Cê acredita que a mãe do menino tava SUmida? Que ela tava era viva
BABY	Para!
ROSE	Uhum
BABY	Queria sê macho que/ ela não tava sumida. Que/queria sê macho que ela é um fantasma
ROSE	Que fantasma Baby! Foi na novela que passou moça ela tava foragida há mais de dez anos, escondida nu interiô de Goiás
BABY	Ai... queria sê macho com quem eu já sabia
ROSE	Sabia bosta! Cê leu nas revista?
BABY	Não! Que queria/ (inclina o corpo pra frente e diminui o tom de voz). Queria sê macho cê não sabe?
ROSE	Não
BABY	Queria sê macho com essa novela que/ela foi/é:::queria sê macho baseada na minha vida
ROSE	Ah (riso) Baby, cê acha que a novela foi baseada em sua vida? Larga de sê mentirosa menina
BABY	[Com certeza! Não que/precisa de eu fazê um exemplo. A minha mãe queria sê macho/ e::: ela também ta foragida no Goiás
ROSE	Cê num sabe nem onde é o Goiás, Baby, deixa de sê mentirosa
BABY	SEI SIM! QUERIA SÊ MACHO/CO GOIÁS/QUERIA SÊ MACHO FICA NO PERNAMBUCO PÁ!!!
ROSE	[Que Pernambuco! Pernambuco é na Paraíba!
BABY	PARA! Queria sê macho cá Paraíba, queria sê macho é no Amapá! PÁ!
ROSE	Oh Baby cê não faz eu estralar minha mão na sua cara igual a um Amapá
BABY	PÁ!

Diante de tantas especificidades, o trabalho de tradução foi extremamente complexo. O processo tradutório foi realizado por três estudantes, duas ouvintes e um surdo, do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa sob minha supervisão. No processo de preparação para a tradução, os estudantes assistiram exaustivamente os episódios que ficaram responsáveis em traduzir para que, em uma primeira reunião, pudéssemos discutir estratégias tradutórias possíveis que permitisse encontrar um equilíbrio dialógico (Kumar, 2018) entre a língua fonte e a língua-alvo. Devido à limitação de espaço, apresentarei apenas dois aspectos do processo de construção da tradução: a elaboração de sinais-nomes para as personagens e os efeitos da velocidade do diálogo e dos posicionamentos em tela para o processo tradutório.

DO SINAL-NOME AOS EIXOS DISCURSIVOS: IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS DO GÊNERO *SITCOM* NO PROCESSO DE TRADUÇÃO AUDIOVISUAL DA LIBRAS

O ponto de partida da preparação foi pensar, primeiro, os nomes das personagens em Libras. Com a presença de um estudante surdo, conseguimos chegar em um sinal-nome para cada uma delas. Segundo Barros (2018, p. 41) “o sinal-nome, como o próprio termo já diz, é um sinal usado com valor de nome de uma pessoa pelos membros de uma comunidade surda”. Em pesquisa com 113 surdos e ouvintes sobre as diferentes motivações para a criação de seus sinais-nomes, a autora propõe a taxonomia antropológica da Libras e constata que esses sinais-nomes podem ser criados com base em i) empréstimo de língua oral, que emprestam total ou parcialmente o nome da pessoa na língua portuguesa; ii) aspecto físico, que destaca características físicas evidenciadas no sujeito; iii) aspecto comportamental, que expressam estado de humor, habilidade cognitiva ou característica comportamental;

e iv) aspecto social, que são motivados por acontecimentos ou práticas sociais realizadas pelo falante.

No caso das personagens da série, a equipe seguiu a segunda motivação, aspecto físico, para criação de sinais-nome de cada uma das personagens e a justificativa foi a extrema caracterização de cada uma delas. Para Baby, o sinal-nome criado é realizado no rosto marcando o excesso de maquiagem na bochecha e para Rose o sinal-nome criado foi motivado pelos seus cílios grandes. Os outros personagens da série também receberam sinais-nome, mas por uma questão de espaço não serão apresentados neste texto.

Quadro 2: Sinais-nomes das personagens da série

PERSONAGEM	SINAL-NOME
 A imagem mostra a personagem Baby, uma mulher com cabelo desgrenhado e maquiagem exagerada na bochecha. Ela está vestindo uma blusa azul e segurando um cartão amarelo com o nome "BABY" em letras azuis.	 A imagem mostra a personagem Baby com o sinal-nome aplicado ao rosto, marcando o excesso de maquiagem na bochecha.
 A imagem mostra a personagem Rose, uma mulher com cílios grandes e um vestido colorido. Ela está segurando um cartão amarelo com o nome "ROSE" em letras azuis.	 A imagem mostra a personagem Rose com o sinal-nome aplicado ao rosto, marcando os cílios grandes.

Fonte: elaborado pelo autor

Um outro aspecto que guiou a tradução foi a própria característica do gênero que impôs estratégias de produção enunciativa em Libras que pudesse ser marcada pela posição dos falantes durante os diálogos. A rapidez com que as personagens se comunicam, o excessivo e repetitivo assalto de turno e sobreposição de

fala, característicos das comédias de situação, impôs a necessidade de mudança na rotação corporal com significativa velocidade para a produção enunciativa em língua de sinais.

Segundo Moreira (2007), as línguas de sinais utilizam o espaço físico (espaço de sinalização) para expressar suas conceitualizações e construir seus discursos. Essa construção enunciativa é marcada por diferentes usos desses espaços a partir do objetivo da enunciação. Araújo (2016, p. 35) destaca que “os espaços nas línguas de sinais possuem função especial de acordo com os aspectos gramaticais que evidenciam” e vem sendo estudados já há algum tempo por diferentes pesquisadores ao redor do mundo. Um dos pesquisadores com grande destaque nessa temática é Scott Lidell que descreve o uso de espaços na *American Sign Language* (ASL) a partir da Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier. Segundo o autor, os espaços usados na ASL e que, conforme mostram Moreira (2007) e Araújo (2016), também estão presentes na Libras são: i) o espaço real, que seria uma representação mental e discursiva do ambiente físico imediato em que ocorre o ato de fala em língua de sinais; ii) o espaço sub-rogado, que consiste na construção do discurso como se as pessoas ou coisas estivessem presentes e é muito utilizado por sinalizantes em contações de histórias, diálogos, citações; e iii) o espaço *token*, em que as entidades ou coisas das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço.

Por causa do caráter dialogal da série *Baby & Rose*, a tradução para a Libras foi realizada, praticamente, a partir do espaço sub-rogado devido à necessidade de incorporação das personagens durante o processo tradutório. Conforme afirma Araújo (2016),

o espaço de sinalização sub-rogado apresenta várias características próprias: 1) a expressão do discurso direto no qual os personagens são indicados como 1ª e 2ª pessoa, tendo, na 1ª pessoa, o corpo como sujeito, gíngado, gestos e ENMs correspondentes ao personagem; 2) o giro do corpo na direção do local designado para um personagem específico; 3) o olhar no espaço, na direção do local do outro personagem

ou interlocutor dentro da narrativa; 4) o giro do corpo se faz de acordo com os locais designados anteriormente para os personagens na construção do cenário. Em relação à postura, o sinalizador ginga e assume as características de cada personagem da narrativa. Ocorre a inclinação dos quadris e nota-se que o peso dos pés é distribuído de forma alternada, correspondendo à gesticulação dos personagens. No espaço sub-rogado, não ocorre o uso de classificadores indicadores de sujeito, pois esse é indicado pelo corpo do falante

Além disso, os estilos enunciativos de cada uma das personagens, em especial da Baby que apresenta em sua fala uma composição sintagmática característica em praticamente todas as vezes que fala, além da imprecisão articulatória e da prosódia que varia do grave ao agudo, impôs à equipe uma reflexão adensada sobre as formas de se traduzir essas personagens.

O que se percebeu, nessa direção, foi a importância da marcação, em Libras, dos aspectos estilísticos das personagens durante a tradução que foram do modo de enunciar o português à performance corporal. Alguns diálogos, como mencionado acima, eram acompanhados por movimentos corporais das personagens uma em direção à outra o que impeliu uma absorção da gestualidade característica durante o processo de construção do discurso em Libras.

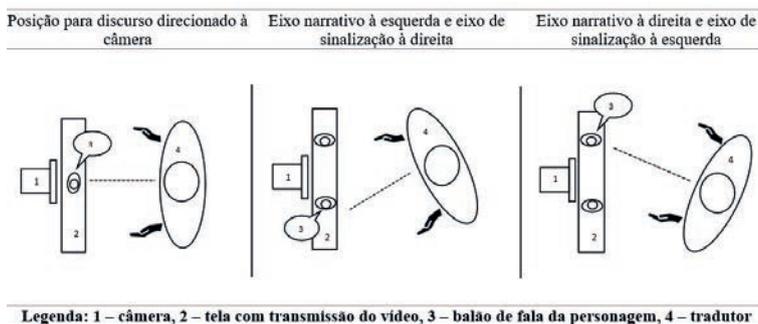
Um dos principais desafios do processo de tradução audiovisual para a Libras, principalmente envolvendo gêneros intrinsecamente audiovisuais de caráter narrativo e dialógico está naquilo que podemos denominar de *eixo narrativo*⁴¹ que pode ser compreendido como as formas como a produção audiovisual está sendo narrada em seu projeto original englobando enquadramento da câmera e posicionamento dos personagens em cenas de diálogos.

Durante a tradução, os tradutores precisam considerar esse eixo para produzir o discurso em língua de sinais com base em um novo que pode ser denominado por *eixo de sinalização* que

41 Agradeço ao Chico Faganello por ter contribuído na elaboração dessa ideia no Curso de Acessibilidade Audiovisual promovido pela Filmes que voam

corresponde à construção discursiva das personagens e de marcas relevantes do vídeo-fonte contrariamente ao que se vê na tela, isto é, um não espelhamento das personagens durante o processo tradutório a fim de que, na inserção do texto traduzido posteriormente na tela, na janela de Libras, o público-alvo consiga acompanhar as personagens pelos mesmos posicionamentos. Esse movimento é possível desde que o tradutor tenha, no *setting* montado para a tradução, uma tela em que seja possível visualizar o vídeo-fonte, conforme imagem a seguir:

Figura 1 — Esquemas dos eixos narrativos e de sinalização



Fonte: elaborado pelo autor

A produção do eixo de sinalização precisa ser aprendida e aperfeiçoada, pois o movimento espontâneo é que o tradutor espelhe a imagem que vê em tela. Do ponto de vista cognitivo, isso acontece porque é muito comum que nosso cérebro espelhe imagens devido aos denominados neurônios-espelhos que desempenham uma função essencial para o comportamento humano. Segundo Lameira, Gawryszewski e Pereira Jr (2006), os neurônios espelhos são ativados quando alguém observa uma ação de outra pessoa e esse fato não depende obrigatoriamente da memória. A imitação, nesse caso, é inconsciente devido aos mecanismos proprioceptivos musculares e as atividades conduzidas por esses neurônios.

Um exemplo desse espelhamento seria quando precisamos copiar um exercício em uma aula aeróbica. Às vezes o professor movimenta o braço direito e orienta verbalmente o movimento, mas os alunos levantam o braço esquerdo porque estão frente a frente com o professor e acabam espelhando o movimento ao invés de acompanhar o discurso. Uma estratégia utilizada em ambientes de atividade física, de dança ou mesmo de teatro é o espelho. O professor, coreógrafo ou orientador da ação faz o movimento de frente para o espelho facilitando, então, a imitação do seu público que fica, nesse caso, atrás dele. O movimento invertido demanda uma reflexão metacognitiva sobre qual braço deve ser levantado, de qual lado está o direito ou o esquerdo.

Na tradução audiovisual para a Libras o movimento é exatamente o mesmo. Naturalmente, os tradutores reproduzem o que veem na tela marcando personagens do lado que estão vendo e não ao contrário. Quando, na edição, a janela de Libras é inserida no vídeo os personagens traduzidos estão trocados, pois a janela é inserida inversamente à forma como o vídeo foi captado. Algumas técnicas de edição podem ser usadas para corrigir, mas é muito mais interessante que o tradutor consiga realizar o discurso em Libras considerando esses *eixos de sinalização*.

Para trabalhar esses aspectos com os estudantes, foi preciso que o próprio supervisor se posicionasse diversas vezes na posição de tradutor a fim de marcar qual a direcionalidade que deveria ser produzida na Libras. Considerando que “a palavra e o gesto das mãos, a expressão do rosto e a pose do corpo são igualmente sujeitos à orientação social e organizados por ela” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 281) não é possível escapar dessa necessidade, uma vez que o grande objetivo dessa marcação é fazer com que o público que, durante a gravação ainda é presumido, consiga acompanhar o diálogo no mesmo modo que os ouvintes conseguem. Para garantir esse efeito, trabalhamos com a ideia de que o “sentido depende tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (Idem, p. 283) refletindo

que, assim como todo enunciado, os que são produzidos no processo tradutório do português para a Libras em obras audiovisuais o enunciado é formado de duas partes: “uma *verbal* e outra *extraverbal*” (ibidem, p. 283).

Quadro 3: Marcação de exibição dos eixos discursivos



Fonte: elaborado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de tradução no âmbito de uma atividade de extensão aqui descrita revela que a perspectiva bakhtiniana contribui não apenas para a produção de pesquisas ligadas ao campo da tradução e da interpretação da língua de sinais, mas também com a produção dessas atividades por meio de uma metarreflexão dos processos tradutórios. Ao assumir uma postura dialógica da

tradução no qual a língua é analisada para além do sistema abstrato e os sujeitos implicados no ato enunciativo são abordados como sujeitos sociais, históricos e ideológicos, o tradutor pode considerar o enunciado, e não apenas o texto, no processo de transferência discursiva de uma língua à outra.

Assim como preconiza a teoria bakhtiniana dos gêneros, o enunciado não pode ser produzido sem direcionalidade e endereçamento porque eles se organizam a partir da necessidade interacional e comunicativa dos falantes. No processo de produção da TALS no contexto analisado, percebe-se que o gênero *sitcom* implica produção enunciativa em Libras majoritariamente marcada pelo uso do espaço sub-rogado e pela marcação de aspectos estilísticos dos personagens como tom de voz, trejeitos, gestualidades, posicionamento e outros aspectos.

No processo de construção da tradução em equipe, o fio bakhtiniano da alteridade não apenas costurou o caminho, mas se tornou o próprio terreno onde aspectos técnicos do traduzir língua de sinais no audiovisual pode ser compreendido e executado. Foi devido à constituição do meu “eu” tradutor de Libras construído a partir das relações interlocutivas estabelecidas entre os “outros” surdos e tradutores no meu percurso profissional que a atividade se desenrolou com os estudantes que, além de experienciarem a TALS, também puderem vivenciar a construção conjunta dos conceitos ligados à própria atividade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. N. O. *Os espaços na Libras*. (Tese). Doutorado em Linguística. Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22915>>. Acesso: 2 jun. 2022.
- BABY & Rose. 1ª Temporada. Direção de Caike Luna. Brasil: Realejo Filmes e Produções Artísticas e Cinematográfica Ltda./ANCINE. Série exibida pelo canal Multishow e disponibilizada na plataforma

- Globo Play, 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/baby-e-rose/t/1tC2ZBmBHN/>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos Sinais-nomes. *RE-UNIR*, Rondônia, vol. 5, n.º 2, pp. 40-62, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/347810293_Taxonomia_Antroponimica_nas_Linguas_de_Sinais_-_A_Motivacao_dos_Sinais-Nomes>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BEZERRA, P. A tradução como criação. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 26, n.º 76, pp. 47-56, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47538>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BRAIT, B. & CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BRAIT, B. & MELO, R. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 61-78.
- CHAUME, F. An overview of audiovisual translation: four methodological turns in a mature discipline. *Journal of Audiovisual Translation*, vol. 1, n.º 1, pp. 40-63, 2018. Disponível em: <<https://www.jatjournal.org/index.php/jat/article/view/43>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

- D'ABREU, P. “Descabimentos” de fala e formatação: a perspectiva da heterologia na análise narrativa da sitcom. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. *Anais Eletrônicos...* Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2913-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- EMILIANO, B. & NASCIMENTO, V. Descompassos nas políticas de acessibilidade e nos padrões de janelas de libras em produções audiovisuais financiadas pela ANCINE. *Revista GEMInIS*, vol. 13, n.º 1, pp. 6-33, 2022. Disponível em: <<https://www.revista-geminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/655>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- FECHINE, Y. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. *Revista Symposium*, Recife, vol. 5, n.º 1, p. 14-26, 2001. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- KUMAR, A. A tradução como um ‘acordo dialógico’: uma perspectiva bakhtiniana. Tradução de Orison Marden Bandeira de Melo Júnior. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol. 38, n.º 3, pp. 549-62, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p549>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- KUMAR, A. *Bakhtin and Translation Studies: theoretical extensions and connotations*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015.
- LAMEIRA, A. P.; GAWRYSZEWSKI, L. G.; PEREIRA Jr, A. Neurônios espelho. *Psicologia USP*, vol. 17, n.º 4, p. 123-133, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41874> Acesso em: 2 jun. 2022.
- LIMA, A. P. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Org) *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014.
- MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

- MOREIRA, R. L. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoas e verbos indicadores*. (Dissertação). Mestrado em Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- NASCIMENTO, V. & NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, vol. 9, n.º 21, pp. 105-32, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740>>. Acesso em: 2 jun. 2022
- NASCIMENTO, V. O eu-para-mim de intérpretes de língua de sinais experientes em formação. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, vol. 13, n.º 3, pp. 104-22, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457335494>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trabalhos de linguística aplicada*, vol. 56, n.º 2, pp. 461-92, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318138649203273941>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais e produção de sentidos*. 2011. 149 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PRETI, D. (org.). *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013.
- SOBRAL, A. & GIACOMELLI, K. Alteridade, subjetividade, identidade e variantes enunciativas: explorações especulativas. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, vol.21, n.º esp., Festschrift — Hilário Bohn, pp. 13-44, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15115>>. Acesso em: 2. jun. 2022.
- SOBRAL, A. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS Editora, 2008.

- TAMAYO, A. (2022). Sign Languages in Audiovisual Media: Towards a Taxonomy from a Translational Point of View. *Journal of Audiovisual Translation*, 5(1), 129–149. Disponível em: <https://doi.org/10.47476/jat.v5i1.2022.167>
- VOLÓCHINOV, V. (CÍRCULO DE BAKHTIN) Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

A INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS DE ENUNCIADOS SONOROS NO TEATRO E AS NOTAS DE INTERPRETAÇÃO

Carolina Fernandes Rodrigues Fomin

Fundamentados na dialogia proposta por Bakhtin e o Círculo e a partir dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais (ETILS) apresentamos neste capítulo algumas características inerentes à atividade de tradução e interpretação em espetáculos teatrais que envolvem a equipe de profissionais envolvida, as formas de atuação e preparo. Apresentamos aqui um recorte da análise realizada na dissertação de mestrado (Fomin, 2018a), em que observamos conjuntos de textos inter-relacionados na interpretação para Libras no gênero espetáculo teatral, analisando e descrevendo os elementos extraverbais, verbais e verbo-visuais que marcam a enunciação de profissionais tradutores e intérpretes de língua de sinais — TILS durante a mobilização discursiva da cena para língua de sinais. O recorte que apresentamos analisa enunciados sonoros de apresentações teatrais que

se apresentam como um texto-som a ser interpretado pelos tradutores e intérpretes de língua de sinais que usam como estratégia as notas de interpretação.

No Brasil, a partir do reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação da comunidade surda brasileira, por intermédio da Lei Federal n.º 10.436/2002 e do Decreto Federal n.º 5.626/2005, percebemos o crescimento de uma consciência por direitos linguísticos para pessoas surdas em diferentes esferas da atividade humana, inicialmente na esfera educacional, para então ganhar espaço em diferentes esferas sociais, dentre elas a jurídica, a midiática, da saúde, de conferências, e a esfera artístico-cultural, que aqui destacamos.

A obrigatoriedade de acessibilidade em espaços culturais tem sido assegurada desde a Constituição Federal de 1988, a Lei n.º 10.098/2000, Decreto n.º 5.296/2004, Estatuto de Museus da Lei n.º 11.904/2009, o Plano Nacional de Cultura (PNC) de 2010 e, mais recentemente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) — Lei n.º 13.146/2015. Assim, percebemos profissionais TILS cada vez mais presentes em eventos e projetos culturais.

A profissão de TILS foi regulamentada pela Lei n.º 12.319/2010 e a atuação desse profissional na esfera artístico-cultural pode acontecer em diferentes gêneros discursivos. Apesar da preocupação inicial das instituições culturais ser voltada principalmente ao setor educativo e visita às exposições, vemos profissionais TILS atuando também em espetáculos teatrais, shows de música, espetáculos de dança, *slams* de poesia⁴², contações de história, programações da agenda pública como a virada cultural, virada inclusiva, festivais, comícios, os blocos de carnaval e paradas de rua em que acontecem em palcos ou carros alegóricos e trios elétricos, como a parada LGBTQIA+ etc.

42 Segundo Lucena (2017, p. 36), “Slam (*poetry slam*) é uma batalha de poesia falada (*spoken word*) em que um júri escolhido pelo próprio público dá notas para as performances poéticas apresentadas”.

Se muitos são os desafios da interpretação interlingual intermodal em qualquer esfera em que se pressupõe uma teia complexa de relações, quando se trata de enunciados da esfera artística, diversos fatores devem ser considerados para além da mobilização linguístico-discursiva. Além disso, no gênero espetáculo teatral, o ato interpretativo deve considerar que a cena teatral é composta por um conjunto de textos inter-relacionados, formando um todo que entra em diálogo com seus interlocutores. A cena é, portanto, um enunciado — um elo de uma cadeia discursiva.

Na abordagem teórica bakhtiniana, adotada nesta pesquisa, entendemos que, além da mobilização de línguas, no ato interpretativo, há a mobilização de discursos com base em diferentes gêneros e esferas de atividade. Assim, profissionais TILS, ao interpretarem em espetáculos teatrais, mobilizam não apenas um texto escrito ou falado, mas uma “enunciação própria do teatro: a de um texto proferido pelo ator, num tempo e lugar concretos, dirigido a um público que o recebe no fundo de um texto e de uma encenação” (Pavis, 2015a, p. 123).

Entendemos o espetáculo teatral, como um projeto discursivo verbo-visual, composto pelo que é proferido pelos atores verbalmente, mas também, e com a mesma importância, pela representação que se dá em cena, pelos objetos e elementos cênicos, pela iluminação, figurino, maquiagem dos atores, e os sons e outras enunciações sonoras que também produzem sentidos, que destacamos nesta pesquisa.

ASPECTOS TEÓRICOS DA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO EM ESPETÁCULOS TEATRAIS

Tomamos como base para este estudo a interlocução entre a perspectiva dialógica dos estudos da linguagem proposta por Bakhtin e o Círculo e os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais (ETILS). Os ETILS são entendidos neste estudo como um campo específico do conhecimento acadêmico que se

relaciona com dois campos justapostos e interdependentes, os estudos da tradução (ET) e os estudos da interpretação (EI), e que investigam o fenômeno da tradução e do traduzir, da interpretação e do interpretar, envolvendo pares linguísticos intermodais (línguas de modalidade oral-auditiva e de modalidade gesto-vi-sual) (Rodrigues & Beer, 2015).

Com relação à especificidade das atividades de tradução e de interpretação, em geral, a tradução de textos, acontece com base em um texto escrito em uma língua de partida, com tempo considerável para execução de seu trabalho, possibilidade de consulta a dicionários, sendo possível a qualquer momento fazer revisões e ajustes no texto na língua de chegada; já a atividade de interpretação simultânea normalmente acontece entre textos falados (em língua oral ou de sinais), no momento em que se realiza, em um dado espaço e tempo limitados, e lida com o texto em sua versão final no momento em que é enunciado, conforme apontam Romão (1998; 2005), Pagura (2003), Pöchhacker (2009) nas línguas orais e Cokely (1992), Rodrigues & Beer (2015), Nascimento (2016) e Nogueira (2016) nas línguas de sinais.

Para um enquadramento teórico para atuação de TILS em espetáculos teatrais, Richardson (2017) afirma que a interpretação de língua de sinais no teatro recai entre esses dois enquadramentos teóricos (da tradução e da interpretação), visto que o texto fonte é disponibilizado por escrito antes de ser enunciado no palco, e para que a interpretação se dê de forma adequada, é necessário um estudo prévio, em um determinado tempo e espaço que antecede a apresentação; contudo, a enunciação na língua de chegada ocorre simultaneamente à enunciação na língua de partida, no momento único de sua realização, e, portanto, a interpretação no teatro não é unicamente tradução, nem unicamente interpretação. Nesse mesmo entendimento, Rigo (2014, s/p) relata que mesmo que a tradução e a interpretação sejam consideradas como processos distintos, a atuação dos TILS no contexto de espetáculos teatrais deve ser considerada “um trabalho híbrido”.

Sobre as relações com a tradução e o cruzamento entre culturas, Richardson (2017) comenta:

[...] é importante para a atuação em espetáculos teatrais em que lidamos com mais do que a mobilização de um texto escrito a um texto falado. Um texto em cena normalmente incorpora informação auditiva através da música, efeitos sonoros e sotaques, que requer uma tradução intersemiótica para a língua de sinais assim como uma possível transposição cultural (sons e eventos baseados no ouvir ou são representados por ele, por exemplo, o som de uma campainha não faz parte da experiência de muitos surdos) (Richardson, 2017, p. 50, tradução nossa).⁴³

Assim, para discutir desafios tradutórios na interpretação de espetáculos teatrais para uma língua de sinais, lidamos com determinados aspectos relacionados à tradução interlingual (Jakobson, 2010), intermodal (Segala, 2010) e intersemiótica (Plaza, 2013; Richardson, 2017). Todavia, entendemos a atividade do TILS no espetáculo como interpretativa, pois mesmo que o texto de partida da tradução seja um texto escrito em que há possibilidades de ensaios e de se “prever” (em certa medida) o que acontecerá em cena, no momento em que a cena acontece, o que será enunciado, o que será interpretado (no sentido dramaturgico da palavra) pelos atores e recebido por interlocutores espectadores (surdos ou ouvintes) depende do momento em que acontece, e o texto de chegada é dado simultaneamente e visualmente em cena e está sujeito às improvisações dos atores, interações com o público e imprevisibilidades da simultaneidade da interpretação.

Na abordagem teórica bakhtiniana, a língua não é compreendida meramente como um sistema abstrato em que suas

43 No original: “This is relevant to theatrical performance, which is more than merely the rendition of a written text as speech. The staging of a text usually incorporates additional auditory information through music, sound effects and accents, which require inter-semiotic translation into sign language as well as potentially a degree of cultural exchange (sound and phenomena which rely on it or are represented by it, for example a doorbell, do not form part of the experience of many Deaf people)”.

formas são analisadas pelo viés estritamente linguístico. Assim, não consideraremos a tradução ou a interpretação da palavra ou da frase de forma isolada, mas observaremos o emprego da língua que se efetua em “forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (Bakhtin, 2016a, p. 11), ou seja, em uma perspectiva enunciativo discursiva.

Neste estudo, tomamos a tradução e interpretação de língua de sinais como uma prática discursiva que acontece numa situação concreta de enunciação e que mobiliza discursos inscritos em diversas esferas da linguagem na concepção apresentada por Nascimento (2014; 2018), a partir da perspectiva dialógica da linguagem. Na abordagem da tradução ou interpretação interlingual como uma prática discursiva, especificamente nas línguas de sinais, além dos estudos de Nascimento (2014; 2018), temos também os estudos de Santiago (2021), Ferreira-Santos (2018).

Ao mesmo tempo em que TILS atuam como pontes discursivas, a tradução e a interpretação são atividades que fazem surgir a diferença e a pluralidade de visões, fazendo aparecer a alteridade. No curso desse pensamento, Nascimento (2018) afirma também que a atividade de interpretação vai para além de simplesmente versar códigos linguísticos, mas está marcada pela presença e pelos enunciados dos *outros*.

O tradutor e o intérprete, portanto, não são agentes externos, periféricos, em uma interação mediada. Não são máquinas de reprodução de frases ou transmutadores de códigos linguísticos transpondo sistemas (e é por isso que os tradutores e intérpretes automáticos e digitais são limitados e, em grande maioria, insuficientes para o objetivo de mediação das interações). O tradutor e o intérprete são, também, *outros* que ligam outros *outros*, o que significa dizer que o ato de linguagem desses sujeitos mediadores é, sem dúvida, marcado pela presença de enunciados ditos por outros sujeitos em diferentes contextos (Nascimento, 2018, p. 113).

Assim, no teatro, consideramos o TILS como o profissional que atua na mobilização discursiva entre a cena teatral e a língua de sinais. Na pesquisa desenvolvida em Fomin (2018a), defendemos que, na interpretação de um espetáculo teatral para língua de sinais, deve-se considerar que a cena é um enunciado verbo-visual (Brait, 2005; 2009; 2013; Gonçalves, 2013) constituído de diversos textos em relação e, por isso, o que acontece visualmente na cena também compõe a narrativa do espetáculo, formando um enunciado como um todo. Outro ponto que defendemos é o de que devido à modalidade da língua de sinais, gesto-visual, sua produção no ato interpretativo deve ser visualizada junta e concomitantemente à cena teatral (Fomin, 2018b). Em Fomin (2018c), também discutimos a questão da autoria e o fato de que os intérpretes de língua de sinais têm uma posição valorativa perante os enunciados e essa autoria influencia diretamente a produção em língua de sinais. Assim, os enunciados produzidos no teatro são um todo orgânico e dialogam com diversas vozes sociais que se inserem numa cadeia discursiva, refletindo-as e refratando-as, em uma atitude responsiva. E ainda, dada a modalidade gesto-visual da língua de sinais e a modalidade verbo-visual da cena teatral, “estabelece-se uma relação dialética, do espetáculo para com a acessibilidade e da acessibilidade para com o espetáculo, visto que o espetáculo influencia a interpretação em Libras, mas o espetáculo também é influenciado pela presença da língua de sinais” (Fomin, 2018a, p. 189).

Nos estudos do teatro, Pavis (2015a), reforça que uma tradução para a cena deve considerar que no teatro a tradução passará pelo corpo e pelos ouvidos dos atores, e que um texto linguístico não é meramente traduzido para uma língua de chegada, mas, no contexto teatral, comunica-se graças ao palco, às situações de enunciação e de cultura que são heterogêneas e separadas pelo espaço e pelo tempo.

No curso desse pensamento, na concepção de Rojo (2017), uma tradução para o palco não pode ser engessada ou como um arquivo, deve ter a consciência da “fugacidade de um texto espetacular” (p. 257), e ainda, o texto de origem deve ser considerado

como referencial e não aprisionador, como uma camisa de força, pois ao ser traduzido, estará em constante transformação. A autora lembra ainda que a base para uma tradução não pode se dar meramente por um texto escrito, já que o teatro é composto de “outras linguagens (luz, corpo, figurino, cenário etc.) além da verbal, mas que nem com elas, nem sem elas, é possível visibilizar a totalidade da experiência. O que se vivencia no palco é apenas uma fração de um todo inacessível” (p. 258).

Para Pavis (2015a), no teatro “um texto é muito mais do que uma sequência de palavras: nele se enxertam as dimensões ideológicas, etnológicas, culturais, etc.” (Pavis, 2015a, p. 153). Ou seja, o texto (escrito) é meramente um dos componentes do ato representacional, ele compõe um todo que na relação enuncia; por conseguinte, o texto é apenas um dos componentes da tradução ou interpretação, visto que:

A tradução é esse texto inencontrável que deseja dar conta do texto-fonte, justamente sabendo que não tem sentido, de valor e existência, a não ser em função do público-alvo. A esta circularidade perturbadora acrescenta-se o fato de que a tradução teatral não está jamais ali onde se espera: não está nas palavras, mas nos gestos, nos corpos, nas entonações: não na letra, porém no espírito de uma cultura, inapreensível, porém onipresente (Pavis, 2015a, p. 154).

Na apresentação teatral signos verbais e não verbais produzem sentido e os tramados entre esses textos se colocam como constitutivos dos enunciados. Somente na inter-relação geram os efeitos de sentidos de um determinado projeto discursivo. Ou seja, o TILS, durante a mobilização discursiva entre línguas, deve considerar o todo da cena (composto por movimentação de palco, efeitos sonoros, cenário, objetos, iluminação, figurino etc.), que no conjunto, constitui o enunciado a ser interpretado. Além disso, os espectadores, as reações da plateia e a presença ou não de público surdo vão interferir nos enunciados que são produzidos no ato interpretativo.

Por isso, na interpretação em Libras de espetáculos teatrais faz-se importante considerar as múltiplas camadas de linguagens que constituem o teatro, os diferentes elementos visuais e extralinguísticos (como os efeitos sonoros) que o compõem e, também, as diferentes culturas envolvidas. No teatro, os sentidos dos textos são dados em cena e a interpretação para Libras precisa considerar esse fator para tomada de decisões das estratégias a serem utilizadas no momento em que a cena acontece.

Assim como para os atores há um longo tempo de preparo e diversas fases envolvidas até a apresentação teatral em si, para o intérprete de língua de sinais atuar em um espetáculo, da mesma forma, há um complicado processo que envolve diversas questões e fases de preparo até que a interpretação de fato aconteça em cena, dentre elas destacamos a equipe de profissionais envolvidos, os estudos e preparo para interpretação e os diferentes tipos de interpretação e posicionamentos em cena.

O *Registry of Interpreters for the Deaf, Inc.* (doravante RID), órgão de certificação dos intérpretes dos Estados Unidos da América (EUA), elaborou o *Standard Practice Paper — Interpreting for the performing arts* (doravante RID/SPP, 2014), especificamente pensando na interpretação na esfera artística, um documento com recomendações básicas para atuação em diferentes contextos, incluindo a atuação em espetáculos. Com relação à equipe de profissionais envolvidos, no RID/SPP (2014), ela pode variar de acordo com o espetáculo e seus espectadores, e o documento considera não apenas intérpretes ouvintes, mas também consultores surdos, intérpretes surdos e guias-intérpretes, além de ressaltar que o público surdo-cego tem crescido consideravelmente (nos EUA), e por isso, a equipe de guias-intérpretes pode trabalhar em paralelo à equipe de intérpretes.

Gebron (1996) alerta para que os estudos da equipe de intérpretes não se baseiem unicamente em escolhas linguísticas ou textuais, e resalta a importância desses profissionais acompanharem os ensaios para observação de características dos personagens que estão no corpo dos atores ao enunciarem o texto do roteiro.

No Brasil, o estudo de Nogueira (2016) sobre a interpretação em equipe no contexto de conferências pontua que a equipe prespõe no mínimo duas pessoas atuando em conjunto, revezando na produção da interpretação e no apoio, qualificando o processo interpretativo. Em uma apresentação teatral, o trabalho em equipe pode ser muito proveitoso. No teatro, a função do apoio pode ser de suma importância, visto que muitas vezes o TILS que está no turno da interpretação está de costas para a cena teatral. Dessa forma, o intérprete que não está na produção em língua de sinais, mas no apoio, pode dar dicas visuais do que acontece em cena para o intérprete que está atuando em cena. Esse apoio pode ser linguístico, mas também pode envolver aspectos da visualidade da cena e que podem ser incorporados na interpretação em Libras, tais como: movimentação e posicionamento em cena dos atores, expressões faciais e corporais, objetos que são manuseados, dentre outros.

Relacionado ao processo de preparo, análise de roteiro e análise de um espetáculo, para Frishberg (1990) é a partir do entendimento do todo do espetáculo que se determina o “tom” que será dado à interpretação. A autora elenca aspectos a serem considerados durante o processo de preparo para a interpretação e sugere perguntas para entender o todo do espetáculo:

1) Qual a perspectiva artística dessa produção? Qual a interpretação do roteiro feita pelo diretor? 2) Qual a direção da performance? Como as pessoas estão colocadas no palco, no conjunto, como o espetáculo o espetáculo se apresenta? 3) Como é a caracterização de cada ator? Como eles escolheram apresentar os papéis? 4) Qual o clima, estilo, tom, ritmo da apresentação? (Frishberg, 1990, p. 140, tradução nossa).⁴⁴

Rigo (2014, s/p), no contexto brasileiro, ao realizar um relato de experiência de sua atuação como TILS de um espetáculo, divide

44 No original: 1. What is the artistic vision of this production? What is the director's interpretation of the script? 2. What is the direction of the performance? How are people arranged on stage, blocked, what does the show look like? 3. What is each actor's characterization? How have they chosen to present roles? 4. What is the mood, style, tone, rhythm of the show?

a fase de preparo em três etapas: “i) etapa de tradução; ii) etapa de arranjo técnico e iii) etapa de interpretação”. Na primeira etapa a autora brasileira registra a importância de preparação, estudo e pesquisa, fase que permite “que o profissional faça buscas terminológicas e semânticas dos termos e seu emprego sintático no texto, podendo buscar sinônimos e referências que, em primeira instância, podem não lhes ser familiar” (Rigo, 2014, s/p). Na segunda etapa, denominada como etapa de arranjo técnico, Rigo (2014) afirma ser o momento em que o TILS deve ir até o local onde acontecerá a apresentação, com a finalidade de “se familiarizar com o local e acompanhar um dos ensaios, verificar com o diretor da peça e com a equipe técnica seu posicionamento no palco, a iluminação adequada, o ângulo de visão pelo possível espectador sinalizante, entre outras questões” (s/p). E, na etapa final, a de interpretação, na qual a interpretação de fato se concretiza.

Como parte do preparo para uma interpretação no teatro, Fomin (2018a) observa que um dos pontos a serem observados é o posicionamento do TILS em cena, que vai envolver aspectos também relacionados à compreensão da cena e ao que se dá no palco.

Retomando a etimologia da própria palavra *theatron*, Moura (2003) conta que essa palavra se relaciona com “aquilo que torna os teatros estruturas arquitetônicas particularmente eficientes em «dar a ver» ou em «fazer-nos ver»” (p. 75). E para Ubersfeld (2013) “o texto de teatro necessita, para existir, de um lugar, de uma espacialidade em que se desenvolvam as relações físicas entre as personagens” (p. 91). Assim, o teatro, para existir, para «se dar a ver» enquanto espetáculo, necessita de um espaço de concretização das enunciações.

O texto proferido pelos atores se dá na sua representação em cena em um determinado espaço, portanto, pensada pelo dramaturgo para ser visualizada e escutada. Por mais óbvias que possam parecer essas afirmações, são importantes para o que vamos discutir adiante: a questão da visibilidade da cena e do texto proferido pelos atores e pelos TILS. Para o público surdo, questões de visibilidade são de suma importância, já que

esse público apreende o mundo por meio de uma língua que se dá viso-espacialmente, ou seja, precisa ser visualizada para ser compreendida. Por isso, Fomin (2018a), propõe a investigação sobre o posicionamento do TILS em relação à cena e o direcionamento da atenção dos espectadores surdos e discute o quanto os espectadores surdos, por questões de posicionamento do TILS em relação à cena, podem ser beneficiados ou prejudicados no entendimento do que acontece no palco.

Rocks (2011) discute a complexa questão que envolve o fato de a atenção do público surdo estar sempre dividida entre a visualidade da cena teatral e a interpretação dos diálogos e das falas proferidas. A alternância do foco de atenção entre o que acontece no palco e a interpretação em língua de sinais é chamada por Frishberg (1990, p. 141) e por Gebron (1996, p. 17) de “efeito ping-pong”, referindo-se ao movimento de cabeça e direcionamento do olhar dividido entre a cena e a interpretação. Ambas as autoras afirmam que o “efeito ping-pong” se dá principalmente devido ao intérprete de língua de sinais normalmente estar localizado no prosscênio⁴⁵ ou lateralmente ao palco, no fosso⁴⁶, deslocado da cena teatral.

Essa preocupação pode nos levar a pensar uma série de medidas a serem tomadas, desde estratégias tradutórias e interpretativas até atitudes e decisões logísticas que visem diminuir ou minimizar os prejuízos de compreensão que podem ser gerados. No entanto, não podemos esquecer que a interpretação em língua de sinais de um espetáculo não pode dar conta de toda a encenação. Ela pode e deve usar estratégias visuais para tornar a cena o mais inteligível e compreensível possível, contudo por mais que o intérprete incorpore elementos da cena em sua atuação, a interpretação nunca vai existir sem a cena. A cena teatral deve sempre estar no campo de visão do espectador.

45 Proscênio — *proscenium* — “fachada arquitetônica que é o ancestral do cenário mural e que dará mais tarde o espaço do proscênio” (Pavis 2015b, p. 42) — ou seja, é a parte anterior do palco antes da boca de cena.

46 Fosso: Área existente entre a plateia e o proscênio, podendo ser de piso elevatório, em grandes casas de espetáculos. É também onde se posiciona a orquestra para executar o acompanhamento musical do espetáculo.

A partir disso, Richardson (2017), levanta dois questionamentos: “Como a intérprete constrói em sua tradução dicas para indicar aos espectadores surdos que devem em determinado momento direcionar sua atenção à ação do palco? Ou ela deve buscar de alguma forma transmitir em sua tradução a informação visual gerada no palco?”⁴⁷ (p. 51, tradução nossa). Esses questionamentos remetem novamente ao fato de que o processo de tradução que envolve um texto escrito ou falado pelos atores não pode desconsiderar a sua situação de produção em cena, incluindo as visualidades que lhe são intrínsecas.

Considerações relacionadas ao direcionamento da atenção dos espectadores são também discutidas por Ganz Horwitz (2014), que ressalta a importância da estratégia de “direcionar a atenção”⁴⁸ (p. 4, tradução nossa), especialmente quando a cena é fortemente visual e com poucas ou com nenhuma informação auditiva. Na sua pesquisa, Ganz Horwitz (2014) encontrou outras estratégias para resolver questões relacionadas à concorrência que se dá pela informação visual e pela interpretação em língua de sinais: adiar o início ou adiantar uma informação de uma interpretação em alguns segundos para que o público primeiro veja a cena para depois entender o que acabou de ser enunciado ou vice-versa; e incorporar informações visuais na interpretação quando as informações visuais encenadas são essenciais para a compreensão e não há uma pausa ou tempo para que o espectador possa ver uma informação (cena) e depois outra (interpretação em língua de sinais).

Essa importante questão da concorrência entre a visualidade da cena e da interpretação em Libras é discutida não apenas sob o viés de pensar estratégias tradutórias/interpretativas, mas também perante questões de posicionamento e formas de atuação dos intérpretes. Pois a forma como os intérpretes estão posicionados tem relação direta e proporcional à forma como vão interpretar

47 No original: “How does the interpreter build cues into her translation that signal to Deaf spectators that they should shift their focus to the stage to watch the action? Or should she attempt in some manner to convey the visual information created on stage within her own translation?”

48 No original: “throwing focus”.

e às estratégias que utilizarão durante a sua interpretação, mas também, a depender do posicionamento do TILS e do tipo de espetáculo, o surdo terá que fazer a difícil escolha entre assistir ao espetáculo ou assistir à interpretação em Libras. Esses aspectos são importantes, pois constituem a forma de atuação do TILS e as estratégias que serão utilizadas na atividade de interpretação de uma cena teatral para Libras.

CAMINHO METODOLÓGICO

Para investigar estratégias de TILS para indicar os elementos sonoros do espetáculo que produzem sentidos, adotamos para análise uma perspectiva qualitativa do tipo analítico-descritiva. Para constituição do *corpus*, fizemos o registro em vídeo de três espetáculos e da atuação dos TILS, registramos anotações em um diário de campo durante as apresentações, levantamos o material de apoio distribuído no dia do espetáculo (*folder* ou material de divulgação) e aplicamos um questionário com o propósito de que os TILS pudessem descrever como se prepararam para a interpretação e fazer observações sobre as impressões que tiveram de sua atuação no momento em que o espetáculo aconteceu.

O *corpus* constitui-se do registro da atuação dos TILS em três espetáculos que foram apresentados em São Paulo, no Instituto Itaú Cultural, com interpretação em Libras: *Ida* (15/08/2017) e *Adeus palhaços mortos!* (22/08/2017). Contamos também com os dados do questionário aplicado aos TILS e com o material de divulgação ou *folder* distribuído no dia da apresentação dos espetáculos. O registro dos espetáculos foi feito com gravação do espetáculo em três câmeras. Os vídeos de registro das apresentações foram sincronizados pelo software de edição de vídeos “Adobe Premier Pro CC”, para visualização simultânea dos fotogramas.

O próximo passo metodológico foi a descrição de diversos elementos dos espetáculos por meio de quadros com quatro categorias descritivas: 1) o espetáculo — características da instituição cultural onde ocorreu o espetáculo, sua concepção de

acessibilidade e informações como duração, sinopse e meios de divulgação; 2) ato representacional — questões relacionadas à atuação dos atores, à interação com a plateia, aos elementos do cenário, aos textos não verbais, como música, imagens, projeções etc.; 3) TILS — questões relacionadas à quantidade, à localização e ao esquema de trabalho dos TILS; e 4) estratégias dos TILS — o modo como os intérpretes resolvem efeitos sonoros, música, instrumental, onomatopeias, volumes e quais as estratégias de interpretação utilizadas para indicação de elementos dêiticos.

Dada a complexidade verbo-visual da cena teatral e dos elementos incorporados na sinalização das TILS, em determinados momentos em que as imagens de um fotograma não davam conta da sutileza da cena e da sinalização foram elaborados quadros para apresentação dos dados nos quais, a partir das imagens, explicamos textualmente as seqüências da sinalização, o uso do espaço de sinalização, os sinais utilizados e elementos da gestualidade (figura 1).

Figura 1: Descrição dos quadros apresentados nos excertos de análise

00:32:07 - 00:35:01		TEMPO NO VÍDEO DO REGISTRO DOS ESPETÁCULOS
<p>Texto de partida: - [gritando] [falas incompreensíveis e sem sentido lógico, mistura de inglês com palavras inexistentes] ± cubo sem projeções passa a ter projeções vibrantes – remetendo a ondas sonoras</p> <p>Texto de chegada: seqüência de sinalização</p>		<p>DESCRIÇÃO DO TEXTO DE PARTIDA, INCLUINDO COMENTÁRIOS EXTRAVERBAIS</p> <p>TEXTO DE CHEGADA: A PARTIR DA SEQUÊNCIA DE SINALIZAÇÃO QUE SERÁ DETALHADA ABAIXO</p>
		<p>FOTOGRAMA DO VÍDEO GERADO A PARTIR DA SINCRONIA DO REGISTRO DO ESPETÁCULO CAPTADO PELAS DUAS CÂMERAS</p>
<p>inicia a seqüência transformando a expressão para raivosa + BARULHO</p>		<p>DESCRIÇÃO DA CENA REFERENTE À IMAGEM ACIMA</p>
		<p>CONJUNTO DE FOTOGRAMAS QUE REPRESENTAM OS SINAIS PRODUZIDOS PELA TILS</p>
		<p>GLOSA COM A PALAVRA GRAFADA EM PORTUGUÊS MAIÚSCULO COMO REPRESENTAÇÃO DO SINAL MANUAL COM SENTIDO EQUIVALENTE SEGUIDO DE DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO OU INTENSIDADE QUANDO NECESSÁRIO</p>

Fonte: Fomin (2018a, p. 120).

Os procedimentos metodológicos apresentados acima foram pensados para observar, descrever e analisar a atuação do TILS em espetáculos teatrais sem perder de vista a discursividade e as formas da língua que são mobilizadas, considerando enunciados concretos e a totalidade de sentidos.

A pesquisa e todos os documentos de autorização para sua realização foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP-PUCSP) por meio do projeto protocolado sob o número CAAE: 76632517.0.0000.5482 e aprovado pelo parecer no. 2.307.061. Dentre os documentos constam as autorizações para realização da pesquisa na instituição cultural, registro dos espetáculos e termos de consentimento livre e esclarecido -TCLE que foram assinados tanto pelos atores que apareceram em cena, como pelas TILS que atuaram nos referidos espetáculos.

ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO DE ENUNCIADOS SONOROS E O USO DE NOTAS DE INTERPRETAÇÃO NO TEATRO

Nesta análise, apresentaremos alguns excertos nos quais observamos como as TILS resolveram enunciações cênicas, falas em *off*, ruídos, efeitos sonoros ou a indicação de músicas, das quais a procedência não era explícita para pessoas surdas. Esses elementos sonoros compuseram as cenas imprimindo significado e efeitos de sentido ao ato representacional, fazendo com que as TILS julgassem importante indicar não apenas o que estava sendo enunciado, mas também a procedência dessa enunciação, visto que não havia a possibilidade de uma pessoa surda saber de onde vinha o som que se dissipava no ambiente por meio de caixas de som e não valendo-se de indivíduos falantes presentes no espaço em que se pode ver a movimentação da boca.

Essas questões impactam nas relações tanto da música e sua influência emocional sobre a representação teatral, quanto da cena sobre a música e sua percepção. Para Pavis (2015b), em espetáculos ocidentais, a música na cena “tem uma função ora integrativa, ora desintegrativa para o espetáculo e o ego das personagens” (p. 133), e pode preencher diversas funções, tais como criar atmosfera e cenário acústico, pontuar início e fim das encenações, criar contrapontos, criar sucessão de climas, ser apenas um efeito sonoro para reconhecimento de uma situação, ou, no caso de teatros musicais, ser elemento que “ultrapassa a função ancilar de uma música de cena, para se tornar o centro da atenção e integrar a teatralidade e suas próprias exigências” (Pavis, 2015b, p. 133).

Em espetáculos teatrais,

um esforço é feito para determinar de onde provém a música, como ela é produzida, como ela se reparte no espaço. A disposição dos alto-falantes em todos os lugares possíveis do palco e plateia criam um relevo sonoro, uma coordenação regulada por computador que dá a impressão de que ela circula no espaço [...] (Pavis, 2015b, pp. 130-1).

Nos excertos que apresentaremos abaixo, denominamos de *notas de interpretação* quando intérpretes de língua de sinais dão indicações verbais para contextualizar os espectadores surdos acerca de aspectos culturais e sensações (relacionados à audição e aos sons que estão sendo enunciados no palco) complementando com uma informação verbal informações sobre aspectos culturais. Estamos chamando de *notas de interpretação* quando intérpretes de língua de sinais não estão apenas incorporando elementos visuais ou entonacionais em sua interpretação, mas, para além do que foi enunciado verbalmente em cena, na interpretação indicam aos espectadores, por meio de um texto verbal, sobre a porção não verbal da cena. A escolha do termo faz referência às notas de tradução que são feitas por tradutores para

explicar e explicitar escolhas tradutórias ou aspectos culturais para o leitor (que em textos escritos normalmente são feitas em notas de rodapé).

O excerto abaixo do espetáculo *Ida* refere-se a um trecho em que a TILS, no momento em que a cena apresenta diversos depoimentos gravados com vozes de outras mulheres (que não as atrizes no palco) sente a necessidade de indicar com uma *nota de interpretação* a procedência daquela enunciação, avisando aos interlocutores-espectadores surdos que o que vai interpretar a seguir não é fala de uma atriz do palco, para então iniciar a interpretação da porção verbal do texto. Para fazer isso, faz uso do sinal FALA/ANÚNCIO no espaço conceitual mental *token*⁴⁹ acima de sua cabeça, e completa com a informação de que são vozes femininas, vindas de mulheres outras (que não as atrizes em cena).

49 Considerando que as línguas de sinais têm um alto grau de simultaneidade e se organizam por meio de uma sintaxe espacial em que o espaço físico (espaço de sinalização) é utilizado para organizar o discurso, estabelecer os referentes de pessoa, espaço e tempo, podendo retomá-los sempre que preciso, Liddell (2003) faz uma pesquisa na língua de sinais americana (ASL) e os elementos dessa pesquisa podem, com certo cuidado, serem observados em outras línguas de sinais. Ele discute estes referentes no espaço e afirma que os discursos nas línguas sinalizadas se utilizam da integração de dois espaços mentais: o *espaço real* e o *espaço do evento*. A integração desses espaços mentais (*real* e *do evento*) resulta em vários tipos de espaços mentais integrados; dentre eles, destacamos aqui o *espaço token* e o *espaço sub-rogado*. O *espaço token* é resultado da integração conceitual entre uma localização do espaço de sinalização e uma entidade da história, permitindo gestos de apontamento a conceitualizações de entidades que pertencem àquele espaço de evento, mas que não estão fisicamente presentes nele. Já o *espaço sub-rogado* resulta da integração conceitual do *espaço real* com o uso de partes do corpo do sinalizador com entidades pertencentes ao *espaço do evento*. Nesse caso quem conta a história pode valer-se de posturas corporais, expressões e movimentos para fazer referência às personagens da história (Bolgueroni & Viotti, 2013).

Quadro 1: Cena do espetáculo *Ida* — TILS indica elementos sonoros antes de iniciar a sinalização dos depoimentos

00:32:07 - 00:35:01				
Texto de partida: - [inicia-se a reprodução de depoimentos de mulheres gravados]				
Texto de chegada: sequência de sinalização				
				
Posição inicial de pausa com expressão facial de neutra				
				
TER	FALA/ANÚNCIO [no espaço vazio acima da cabeça]	OUTRA	MULHER	Pausa e direcionamento de olhar para o alto
Intérprete avisa que há uma enunciação feita na voz de outra mulher antes de iniciar a sinalização dos depoimentos gravados				

Fonte: Fomin (2018a, p. 175).

No excerto do espetáculo *Adeus Palhaços Mortos!*, abaixo, vemos um trecho em que um dos atores grita e enuncia em alta velocidade falas incompreensíveis e sem sentido lógico, misturando inglês com palavras inexistentes, ao mesmo tempo em que no cenário são projetadas ondas sonoras vibrantes e afiadas. Novamente percebemos a TILS de fazer uma *nota de interpretação* indicando ao seu interlocutor de que as falas são gritadas e confusas e na sequência continua a interpretação com sinais também desconexos, utilizando-se de expressões faciais condizentes com a prosódia do ator.

Quadro 2: Cena de *Adeus palhaços mortos!* — TILS indica com sinais lexicais e com expressão corporal e facial

00:32:07 - 00:35:01				
<p>Texto de partida: - [gritando] falas incompreensíveis [sem sentido lógico, mistura de inglês com palavras inexistentes] + cubo sem projeções passa a ter projeções vibrantes [remetendo a ondas sonoras]</p>				
<p>Texto de chegada: sequência de sinalização</p>				
				
<p>inicia a sequência transformando a expressão para raivosa + BARULHO</p>				
				
BARULHO		Transição de sinal GRITAR	GRITAR + produzir som com a boca (configuração de mão de gritar é mantida)	
				
CONFUSO		SINALIZAR [expressão interrogativa/raivosa]		

Fonte: Fomin (2018a, p. 177).

Nesses excertos apresentados nos quadros 1 e 2, as intérpretes sentem a necessidade de complementar a informação verbal dando dicas aos interlocutores das porções não verbais que o texto da cena contém, por meio do que estamos chamando de *notas de interpretação*. Nos excertos acima elas utilizam sinais lexicais da Libras para essas indicações de falas de outras pessoas, gritos, avisando que as falas são confusas etc.

Nesses casos em que as TILS fazem essas *notas de interpretação*, discutimos também sua posição enunciativa, pois nesses momentos adicionam mais uma posição enunciativa: além de

interlocutoras/mediadoras, são também, em certa medida interlocutoras/narradoras e interlocutoras/descriptoras.

Contudo, há que se frisar que nem sempre as *notas de interpretação* são necessárias, elas são uma escolha, dentre outras. Nas análises, observamos momentos em que essas indicações da porção não verbal são apresentadas de diferentes maneiras — não são realizadas apenas com sinais, mas com marcas corporais prosódicas, incorporadas no *espaço sub-rogado* e que também constituem a entonação expressiva em língua de sinais, como pudemos ver no quadro acima (quadro 2), em que a TILS não só apresenta que a fala é confusa fazendo uso de indicações lexicais, mas também sinaliza confusa e enfaticamente, assumindo mais uma posição enunciativa, de interlocutora/personagem.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com base nos pressupostos teóricos apresentados e a partir das análises, discutimos que os efeitos de sentidos produzidos nos enunciados são determinados pelo gênero discursivo e pela situação social, pelos participantes do evento (imediatos e/ou distantes), conforme Volóchinov (2017) afirma: “a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro [...]” (Volóchinov, 2017, p. 206). Assim, observamos nas análises apresentadas neste artigo que alguns fatores influenciaram a interpretação para língua de sinais no gênero teatro. Primeiramente, o conhecimento das diferentes modalidades das línguas envolvidas na interpretação, sendo uma apoiada na vocalização oralidade e outra na visualidade. Outro fator determinante foi a quantidade de enunciações sonoras (não necessariamente verbais) que são proferidas no espetáculo e que produzem sentidos para a cena.

A partir desses fatores combinados observamos tradutores e intérpretes utilizarem algumas estratégias para os elementos sonoros que compuseram as cenas imprimindo significado e

efeitos de sentido ao ato representacional: a incorporação de elementos visuais ou entonacionais em sua interpretação, relacionados à prosódia em língua de sinais, que incluem melodia facial, intensidade do volume do sinal, ênfases gestuais. E, destacamos neste artigo, também, as *notas de interpretação* que foram utilizadas complementarmente para que os sentidos dos enunciados da cena teatral sejam mais bem compreendidos por espectadores surdos.

Para concluir este capítulo, levantamos a possibilidade de as *notas de interpretação* serem observadas em outros contextos em que os enunciados sonoros produzem sentido para o discurso e pontuamos que esta não é uma estratégia exclusiva para atuação no gênero teatro ou na esfera artística. Assim, reforçamos a necessidade de futuras pesquisas acadêmicas observarem essas escolhas interpretativas em outras esferas da linguagem e outros gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

- ADEUS palhaços mortos! Texto Original: Matei Visniec. Direção e Adaptação: José Roberto Jardim. Elenco: Laíza Dantas, Paula Hemi e Rodrigo Pociônio. Direção Musical e Trilha Sonora Original ao vivo: Tiago de Mello. Cenografia e Vídeo-Instalação: BijaRi. Figurino: Lino Villaventura. Visagismo: Leopoldo Pacheco. Iluminação: Paula Hemi e José Roberto Jardim. Direção de produção: Carol Vidotti. Realização: Academia de palhaços. 60 min. Exibido em Instituto Itaú Cultural, São Paulo, em 22 ago. 2017.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, pp. 11-69.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra;

- notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b, pp. 71-107.
- BOLGUERONI, T. & VIOTTI, E. Referência nominal em língua de sinais brasileira (Libras). *Todas as Letras*, São Paulo, vol. 15, n.º 1, pp. 15-50, 2013.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana: *Revista de Estudos do Discurso*, vol. 8, n.º 2, pp. 43-66, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>>. Acesso em: .
- BRAIT, B. A palavra mandioca: do verbal ao verbo-visual. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, vol. 1, pp. 142-60, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004>>. Acesso em: 1 mar. 2017.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2.ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, pp. 87-98.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. Decreto n.º 5296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta a Lei n.º 10.048, de 8 de novembro de 2000. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. Decreto n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. Lei n.º 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.

- BRASIL. Lei n.º 12.319 de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais — LIBRAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. Lei n.º 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm>. Acesso em: 1 maio 2018.
- BRASIL. *Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. *Lei n.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BRASIL. *Lei n.º 8.313 de 23 de dezembro de 1991*. Restabelece princípios da Lei n.º 7.505, de 2 de julho de 1986. Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 11 jul. 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *Metas do Plano Nacional de Cultura*, Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documentos/10883/11294/METAS_PNC_final.pdf/>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- COKELY, D. *Sign Language Interpreters and Interpreting: SLS Monograph Series*. Burtonsville: Linstok Press, 1992.
- FERREIRA-SANTOS, R. *A autoria na interpretação de Libras para o Português: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual*. 2018. 212f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

- FOMIN, C. F. R. *O tradutor intérprete de Libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos*. 2018a. 250f. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21782>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- FOMIN, C. F. R. Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, vol. 13, pp. 142-64, 2018b. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/35806>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- FOMIN, C. F. R. A autoria de tradutores intérpretes de Libras português em espetáculos teatrais. *Translatio*, vol. 15, pp. 57-81, 2018c. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/81393>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- FRISHBERG, N. *Interpreting: an introduction*. Alexandria, VA. RID Publications, 1990.
- GANZ HORWITZ, M. Demands and Strategies of Interpreting a Theatrical Performance into American Sign Language. *Journal of Interpretation*, vol. 23, Iss. 1, Article 4, pp. 1-18, 2014. Disponível em: <<http://digitalcommons.unf.edu/joi/vol23/iss1/4/>>. Acesso em: 3 jul. 2018.
- GEBRON, J. *Sign the speech*. Hillsboro: Butte Publications, Inc., 1996.
- GONÇALVES, J. C. O Corpo no teatro: Reflexões bakhtinianas a partir de protocolos teatrais verbo-visuais. *Polifonia*, Cuiabá, MT, vol. 20, n.º 27, pp. 229-50, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1469>>. Acesso em: 09 maio 2022.
- IDA. Direção: Flávio Rodrigues. Concepção e realização: Coletivo Negro — Aysha Nascimento, Flávio Rodriguês, Jefferson Matias, Jé Oliveira, Raphael Garcia e Thaís Dias. Texto: Renata Martins em processo com Coletivo Negro. Atrizes — criadoras: Aysha Nascimento e Verônica Santos. Musicistas: Ana Goes e Fêfê Camilo. Direção musical: Dani Nega. Iluminação: Danielle Meireles. 60 min. Exibido em Instituto Itaú Cultural, São Paulo, em 15.08.2017.

- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. 22.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: University Press, 2003.
- LUCENA, C. T. *Beijo de línguas — quando poeta surdo e poeta ouvinte se encontram*. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MOURA, V. O espaço teatral e a condição do espectador. In: SI(s)TU: Revista de cultura urbana — Privacidade, n.º 5 e 6, p. 96- 110. 2003. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1396id2569&sum=sim> Acesso em: 11 jul. 2018.
- NASCIMENTO, V. Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de Tradutores/Intérpretes de Libras/Português. In: BRAIT, B. & MAGALHÃES, A. S. (orgs.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota Editora, 2014, pp. 213-31.
- NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de Libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. 318f. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- NASCIMENTO, V. *O eu-para-mim* de intérpretes de língua de sinais experientes em formação. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 13, n.º 3, pp. 104-22, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/M9Kd7QpFVcvdPXqxc6D3PR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 9 maio 2021.
- NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. 2016. 213 p. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de pós-graduação em estudos da tradução. Florianópolis.
- PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 19, n.º especial, pp. 209-36,

2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000300013&script=sci_abstract&tlng=pt>.
- PAVIS, P. *O teatro no cruzamento de culturas*. Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2015a (estudos; 247 / dirigida por J. Guinsburg).
- PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg & Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2015b.
- PLAZA, J. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. (ed.). *The routledge companion to translation studies*. Routledge, 2009, pp. 128-40.
- RICHARDSON, M. Sign Language Interpreting in Theatre: Using the Human Body to Create Pictures of the Human Soul. *TranscUlturAl*, vol. 9, n.º 1, pp. 45-62, 2017. Disponível em: <<https://journals.library.ualberta.ca/tc/index.php/TC/article/view/29265>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- RID/SPP. *Registry of Interpreters for the Deaf, Inc. (RID) Standard Practice Paper. Interpreting for the performing arts*. Written by the Performing Arts Standard Practice Paper Task Force. 2014. Disponível em: <<https://www.rid.org/about-rid/about-interpreting/standard-practice-papers/>>. Acesso em: 18. jul. 2018.
- RIGO, N. S. Tradução-interpretação teatral: desafios e soluções em “O Som das Cores”. In: Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 4., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014b. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/3071.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- ROCKS, S. The Theatre Sign Language Interpreter and the Competing Visual Narrative: The Translation and Interpretation of Theatrical Texts into British Sign Language. In: BAINES, R; MARINETTI, C. & PERTEGHELLA, M. (ed.). *Staging and Performing translation: Text and Theatre Practice*. Great Britain: Palgrave Macmillan, 2011, pp. 72-86.

- RODRIGUES, C. H. & BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol. 35, n.º especial 2, pp. 17-45, jul.-dez. 2015.
- ROJO, S. Aspectos estéticos e políticos na tradução teatral latino-americana. In: BARBOSA, T. V. R.; PALMA, A. & CHIARINI, A. M. (org.). *Teatro e tradução de teatro: estudos vol. 1*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- ROMÃO, T. L. C. Aspectos históricos e práticos de interpretação. *Rev. de Letras*, vol. 1/2, n.º 20, pp. 103-9, jan./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16544>>. Acesso em: .
- ROMÃO, T. L. C. From Operation to Action: Process-Oriented Interpretation. *Interpreting Studies. Meta: journal des traducteurs. Meta: Translators' Journal*, vol. 50, n.º 2, pp. 682-95, 2005.
- SANTIAGO, V. A. A. *Palavra, vozes e memória discursiva: concepções sobre a ética do tradutor e intérprete de língua de sinais*. 2021. Tese (Doutorado) Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23662/2/V%C3%A2nia%20de%20Aquino%20Albres%20Santiago.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- SEGALA, R. R. *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português Brasileiro Escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2010.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

O PAPEL FUNDAMENTAL DO TILS NO ACESSO DO SURDO À JUSTIÇA: UMA PERSPECTIVA VERBO-VISUAL DIALÓGICA⁵⁰

Beth Brait
Amanda Assis
Luana Manini

*E no princípio era o Verbo, e o Verbo
estava com Deus, e o Verbo era Deus.*

João 1:1

⁵⁰ Esta pesquisa está sendo desenvolvida com o apoio de três bolsas/CNPq, a quem agradecemos: Beth Brait, Proc. 307028/2018-6; Amanda Cristina Assis, Proc. 130097/2022-5; Luana Manini, Proc. 154795/2021-6.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escolha do trecho acima, destacado como epígrafe deste capítulo, se dá pelo caráter inaugural conferido à linguagem em sua constitutiva relação com existência, com gênese, com criação, criador e criatura. É esse poder criador da palavra que se faz carne, que confere e concretiza humanidade aos seres, que nos possibilita reafirmar o estatuto das línguas de sinais, no nosso caso, da Libras (Língua Brasileira de Sinais), como língua, entendendo as pessoas surdas como dotadas de verbo e humanidade. Assim sendo, os falantes de Libras são cidadãos, como todos os demais, com direito ao acesso a todas as esferas da vida em sociedade. Para tanto, é necessário garantir, juntamente com os direitos linguísticos, a possibilidade de circulação nessas esferas, considerando as especificidades de cada uma. Neste capítulo, observaremos o caso específico da esfera judiciária e do papel fundamental do Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais (TILS) na inclusão dos surdos.

A partir dessas convicções, tomamos como questão, a ser problematizada, e como objetivo a ser alcançado, dois aspectos presentes em nossas pesquisas em andamento, ambas voltadas para a inclusão do surdo no Poder Judiciário: i) enquanto sujeito participante de audiências (vítima, testemunha, acusado etc.); ii) enquanto pretendente a um cargo no Poder Judiciário, viabilizado por concurso público. A fim de problematizar, descrever, analisar e compreender as particularidades dessas formas de inclusão, as pesquisas estão centradas, entre outros aspectos, no papel linguístico e social desempenhado pelos TILS, nessas duas formas de acesso do surdo ao Poder Judiciário e, conseqüentemente, à justiça.

Reconhecendo a verbo-visualidade/multimodalidade do processo de tradução envolvendo língua vocal/escrita e língua viso-espacial, e, ainda, a interação discursiva tensa que caracteriza as duas instâncias em observação, a fundamentação teórica e metodológica mobilizada para atingir os objetivos, nos dois casos, é a Análise Dialógica do Discurso (ADD), advinda da concepção de linguagem desenvolvida por M. Bakhtin e o Círculo, com

destaque para os conceitos de *esfera social e discursiva, interação discursiva, enunciado concreto*, associada a outras vertentes do conhecimento, caso do Direito e dos Estudos da Tradução e da Interpretação. Essa escolha leva em conta, de maneira especial, a demanda dos intérpretes na esfera jurídica e, mais diretamente, naquela em que se realizam os concursos públicos, apontando para a busca de uma formação interdisciplinar. Reconhece-se que essa interdisciplinaridade é uma forma de ampliar a capacidade do TILS para contribuir e interferir positivamente em diferentes setores da sociedade, em diferentes esferas da atividade humana, promovendo a esperada inclusão. Com a análise linguística-enunciativa-discursiva verbo-visual/multimodal da atuação do TILS, a hipótese é que será possível compreender as interações Libras-Português/Português-Libras na esfera envolvida, localizar os problemas complexos que envolvem essas interações e, ainda, ao final das pesquisas, mas não deste capítulo, evidentemente, propor o que, cada uma das pesquisas, em suas especificidades, está designando, inicialmente, como um *protocolo de atuação com base em um letramento jurídico*, que poderá complementar a formação do TILS. Neste capítulo, faremos um recorte, situando a questão mais especificamente na segunda pesquisa, isto é, o surdo enquanto pretendente a um cargo no Poder Judiciário, viabilizado por concurso público, e no ponto em que ela se encontra, o que exclui, no momento o *protocolo de letramento jurídico para o TILS*.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

No Brasil, os trabalhos de tradução e interpretação entre Libras e línguas orais por profissionais, em diversas esferas da atividade humana, aumentaram, tornando-se cada vez mais presentes e visíveis, aí incluído o contexto jurídico. Apesar da expansão por demanda de tradução e da Libras ter sido reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão pela Lei n.º 10.436/2002 (Brasil, 2002), regulamentada pelo Decreto n.º 5.626/2005,

os surdos ainda não têm as mesmas oportunidades de acesso aos serviços públicos, se comparados aos cidadãos falantes da língua portuguesa. Por essa razão, o TILS é o profissional-chave na promoção do acesso à Justiça aos surdos. Compreender os desafios que envolvem essa atuação, bem como aprofundar o conhecimento sobre seu perfil, é fundamental. Isso pode acontecer, de uma perspectiva metodológica, a partir do registro de sua atividade prática, na sala de audiência, e na atividade de tradução de provas escritas para provas em vídeo-libras⁵¹. Esse primeiro passo poderá contribuir, do ponto de vista da análise, para que essa atuação seja conhecida e reconhecida, apontando para aspectos que auxiliem seu aperfeiçoamento.

Um primeiro olhar deve levar em conta as diferenças existentes entre *atividades interpretativas* e *atividades tradutórias* que, Nascimento (2016, p. 36) recupera a partir dos estudos de Pagura e Ronai:

Alguns teóricos e pesquisadores dos Estudos da Tradução nos mostram que a tradução é uma atividade ligada à transposição escrita de uma língua à outra, enquanto a interpretação é caracterizada por uma transposição oral, em tempo real, face a face, entre línguas (Pagura, 2003; Ronai, 1987 apud Nascimento, 2016, p. 36).

Por serem atividades que se relacionam, na medida em que colocam em contato falantes de línguas diferentes, mas que têm suas especificidades, parece importante apontar para o fato de que cada uma das situações, aqui em foco, se alinha a atividades diferentes.

A atuação do TILS em salas de audiência judicial caracteriza-se, fundamentalmente, pela interpretação, uma vez que ele lida com enunciados orais e sinalizados, precisando, mesmo com algum preparo prévio, dar conta dos *enunciados concretos*⁵² da

51 Terminologia proposta e utilizada por Silva (2019), à qual aderimos.

52 Utilizamos o conceito de *enunciado concreto* na perspectiva dialógica, conforme proposta de Volóchinov (2019, pp. 266-305), com respaldo de outros trabalhos do mesmo autor e de Bakhtin e Medviédev.

sala de audiência, ou seja, de todos os complexos aspectos que envolvem tempo, espaço e pessoas. Para a compreensão dessa *interação discursiva*⁵³ específica que se dá na esfera jurídica, é necessário considerar as maneiras como se articulam as dimensões verbal e verbo-visual, gestual linguística e outras dimensões linguageiras envolvidas para promover a comunicação entre pessoas surdas e não surdas.

Já a atuação do TILS na esfera em que acontecem os concursos públicos envolve tradução e em geral uma equipe. Esse profissional lida com o texto fonte em português escrito, tendo tempo para estudo, pesquisa e consulta aos colegas da equipe antes de formular e traduzir o enunciado para Libras. Há, portanto, um processo de elaboração, que envolve outros especialistas, gerando um tempo maior para a discussão e os cuidados necessários à clareza do enunciado em Libras. Compreender o processo de atuação do TILS na esfera em que se realizam os concursos públicos envolve aspectos diferentes de sua atuação em uma audiência. Aqui o TILS traduz para Libras provas preparadas em língua portuguesa escrita, o que implica um papel linguístico e social no acesso de pessoas surdas, como servidores públicos, ao Poder Judiciário.

Neste capítulo, a exposição estará focada nessa atividade tradutória: prova em português-escrito e sua tradução para Libras, sem que os aspectos gerais relativos ao ingresso do surdo no poder judiciário sejam perdidos de vista. Reconhecendo a verbo-visualidade/multimodalidade do processo de tradução envolvendo língua vocal/escrita e língua gestual, e, ainda, a interação discursiva tensa⁵⁴ representada pela situação de prova seletiva, esta pesquisa considera que terá importante papel na compreensão das etapas envolvidas na tradução, de forma a promover inclusão ativa dos surdos/candidatos.

53 Estamos utilizando o conceito de *interação discursiva* na perspectiva dialógica, conforme proposta de Volóchinov (2017, pp. 201-25; 227-38), com respaldo de outros trabalhos de Bakhtin e o Círculo.

54 A respeito de tensão e produção de sentidos, ver Stella e Brait (2021).

A PROVA EM LIBRAS: O COMPLEXO CAMINHO TRADUTÓRIO

Legalmente, como afirma Motta (2004, p. 2),

[...] o acesso a cargos e empregos públicos deve ser amplo e democrático, precedido de um procedimento impessoal, onde se assegure a igualdade de oportunidades a todos os interessados em concorrer para exercer os encargos oferecidos pelo Estado.

Para que a comunidade surda possa ter igualdade de oportunidades, é necessário que sua identidade cultural e direitos linguísticos sejam respeitados e garantidos nas mais diversas esferas das atividades humanas. Nesse sentido, são inúmeros os instrumentos legais que respaldam a atuação do TILS em diferentes contextos, como se observa no Decreto n.º 9.508 (Brasil, 2018), que trata da reserva de vagas em cargos e empregos públicos e em “processos seletivos no âmbito da administração pública federal, direta ou indireta”. O art. 1º, II, de seu anexo, dispõe que candidatos com “deficiência auditiva” terão direito a: “prova gravada em vídeo por fiscal intérprete da Língua Brasileira de Sinais — Libras, nos termos do disposto na Lei n.º 12.319, de 1.º de setembro de 2010, preferencialmente com habilitação no exame de proficiência do Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa — Prolibras”.

Há amplo respaldo de normas constitucionais e infraconstitucionais que obrigam o Estado a garantir aos surdos direitos linguísticos, considerando-os como minoria linguística. Além disso, o país é signatário da Declaração dos Direitos Humanos (1948) e da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), dois dos mais importantes documentos políticos contra a discriminação linguística. A segunda expressa princípios que ancoram a aplicação de seus dispositivos em diversas esferas, entre elas a Administração Pública, responsável pela realização de concursos

públicos. A contribuição desses princípios evidencia-se pelo objetivo de reconhecer, científica e culturalmente, os desafios enfrentados por essa comunidade na busca de seus direitos linguísticos e de cidadãos de uma república.

A forma aqui encontrada para atingir essa meta é analisar a atuação do TILS na esfera dos concursos públicos, espaço em que eles desempenham um papel fundamental no acesso da comunidade surda a um exercício mais pleno de cidadania.

Ao entrar em contato com a prova finalizada em português escrito, o TILS, em geral participante de uma equipe de tradutores, deve ter em mente, como guia fundamental de sua atividade, a consciência de que, conforme afirma Gugel (2006, pp. 100-1),

[...] adaptar as provas para os candidatos com deficiência não significa tornar as questões mais fáceis para as pessoas com deficiência, porque ela participa em igualdade de condições em relação ao conteúdo, à avaliação e aos critérios de aprovação [...]

O texto que se concretiza quando posto em ação, no caso da prova traduzida, entra em ação primeiramente quando em contato com a equipe de TILS responsável pela sua tradução. Entendemos que é importante que essa equipe seja formada por profissionais ouvintes e surdos, que trabalham em duplas ou em grupo, para garantia e validação das escolhas tradutórias por falantes surdos durante o processo de estudo e gravação das questões (Alves, 2019). Compor equipes com TILS surdos e ouvintes é uma escolha política, mas também tradutória, uma vez que estamos lidando com uma esfera da vida social em que há ainda pouca circulação social de sujeitos surdos. Assim, é preciso um processo que implique *cotradução*, *cocriação*, e soluções linguísticas e estilísticas⁵⁵ que deem conta do material complexo presente nas provas de concursos públicos.

55 Para a relação entre soluções linguísticas e estilísticas, estamos nos pautando nas ideias de Volóchinov (2019, pp. 266-305), apresentadas em “Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado”, e Bakhtin (2013).

Afinal, o trabalho do TILS, ao traduzir uma prova escrita em português, passa por várias “camadas”, que envolvem ao menos dois processos básicos e constitutivos: i) a compreensão de um conteúdo complexo, que versa sobre diversas áreas do Direito (Administrativo, Previdenciário, Tributário, Penal); ii) a reorganização linguística, enunciativa e discursiva desse conteúdo, dessas ideias, em Libras, de forma a concretizar, na língua-alvo, as especificidades da língua fonte. Evocando as palavras de Sobral (2008, p. 103), “ser autor não é ter ideias, mas organizá-las em termos de um fim, no âmbito de uma interação”. Daí o papel fundamental de uma equipe de TILS que contemple profissionais TILS surdos e ouvintes, a fim de traduzir o enunciado-fonte de forma que ele seja plenamente compreendido em Libras, considerando, e isso é fundamental, que a matéria a ser traduzida ainda não tem forma estável na língua-alvo.

É importante contextualizar em que situações materiais e concretas aconteceu a tradução que aqui comentamos e analisamos, antes de olharmos para a questão escolhida para análise.

A empresa responsável pela realização do concurso público do TRF4 contratou uma empresa privada de tradução e interpretação de Libras para coordenar todo o processo de tradução de um dos cadernos de prova do concurso, já que havia essa solicitação por parte de um (ou mais) inscritos para o cargo de Técnico Administrativo Judiciário. Foram longas as tratativas sobre a melhor forma de executar o projeto. Ao fim, de comum acordo, levando em conta exigências tanto da empresa responsável pela prova quanto da empresa responsável pela tradução, chegou-se ao acordo de que seria necessária uma equipe composta por 12 profissionais, na qual os participantes seriam organizados em duplas, de forma que nenhuma dupla teria acesso a mais de 20% do conteúdo da prova, aspecto que garantiria o sigilo. Apenas a dupla chamada “coordenadora” teria acesso ao conteúdo todo da prova, juntamente com uma intérprete que é também advogada, atuando como consultora jurídica e tradutora. Por exigência da empresa de tradução, metade dos profissionais TILS envolvidos

no processo foram pessoas surdas, com e sem experiência na área da tradução/interpretação.

A tradução final da prova é assinada pela autora-pesquisadora, Amanda Assis, pessoa responsável por responder eventuais questionamentos e recursos das escolhas tradutórias materializadas na versão final da prova em vídeo-libras.

É importante entendermos a formação e experiência de cada um dos membros da equipe, o que está previsto no desenho metodológico e analítico da pesquisa; no entanto, essa etapa da coleta do *corpus* ainda está em processo. Por essa razão, encerramos aqui a contextualização das pessoas envolvidas na tradução foco da pesquisa e deste capítulo.

No que diz respeito às condições físicas para a realização do trabalho tradutório, a equipe dispôs de uma semana para estudo do material. Cada dupla tinha à sua disposição, para registro dos estudos, materiais de escrita, computadores com acesso à internet e câmeras não profissionais para registro — caso desejassem — da versão final de sua tradução. Em seguida, houve mais uma semana para realizar a captação da tradução das questões em estúdio providenciado pela empresa responsável pela prova. Na sala de gravação, estavam presentes o cinegrafista, que seria também o editor, uma técnica, que ficou responsável por tomar notas sobre alguns elementos necessários para o momento da edição; ambos funcionários da empresa responsável pela prova. Da equipe de tradução, estavam sempre presentes a dupla coordenadora, composta por uma profissional ouvinte e uma surda e uma outra dupla — também formada, necessariamente, por um profissional surdo e um ouvinte — que havia sido responsável pela tradução da questão sendo gravada.

Após a finalização da gravação da tradução de todas as questões, a dupla coordenadora retornava à instituição para a revisão da prova como um todo, já com as edições feitas, incluindo acréscimos de legendas e outros elementos visuais previamente acordados. Entre a finalização das gravações e as revisões o departamento de audiovisual da empresa responsável pelo concurso

realizou as edições necessárias. Em certos casos, algumas regravações eram feitas pela própria dupla coordenadora, em função do tempo limite para entrega do material finalizado.

De forma muito breve, foi esse o processo que resultou na tradução que analisaremos a seguir. A questão analisada faz parte do caderno de provas já referenciado que foi traduzido de forma integral do português para a Libras, inclusive a folha inicial com o conteúdo das instruções de realização da prova.

Para efeito deste trabalho, como ainda não conseguimos a liberação de uso das imagens da prova por quem de direito, reavilamos a regravação de uma questão da área de Direito Processual Civil, da prova para Técnico Administrativo Judiciário do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4).⁵⁶

Abrimos um breve parênteses para comentar a dificuldade de se ter acesso ao *corpus* desta pesquisa, ou seja, à prova em vídeo-libras. Por um lado, é possível encontrar, em uma busca simples, com mecanismos de pesquisa *online*, a versão em português escrito da prova que visamos, como revela o endereço *online* aqui compilado. O mesmo não acontece com a versão em vídeo-libras: ela não está disponível. Essa realidade, por si só, já estabelece a diferença entre candidatos ouvintes e surdos. Acreditamos que tal dado de realidade, que impede os surdos de revisar as provas e estudar para as próximas, fere o princípio da isonomia, basilar para os certames públicos. Qual a razão de não ser possível encontrar a vídeo-prova, juntamente com a prova escrita que a originou?

A questão nº 33 - um enunciado e cinco alternativas - consta no “Caderno de Prova <<5>>, tipo 001” e pode ser encontrada no link localizado na nota de rodapé ou através do QRCode que segue a seguir.

56 Disponível em: <https://arquivos.qconcur.com/prova/arquivo_prova/63201/fcc-2019-trf-4-regiao-tecnico-judiciario-area-administrativa-prova.pdf?_ga=2.134206985.649004842.1649086766-1679814152.1649086766&_gac=1.49950420.1649086766.CjwKCAjwrqSBhBbEiwAlQeqGogcVGaWK3Jr7pYN7kbb-fRaNZfkpZatLyQEDFDjUQl9jcnZ78JX2MhoCppYQAvD_BwE>. Acesso em: 4 abr. 2022.

Figura 1: QRCode do enunciado da questão nº 33



Fonte: Qconursos, s/d.

Vejam os enunciados em português:

“João, domiciliado em São Paulo, pretende ajuizar contra Antônio, domiciliado em Salvador, ação para postular a declaração da propriedade de automóvel que foi licenciado no município de Aracaju e se acha na posse de Ricardo, que tem domicílio em Manaus. Nesse caso, segundo as regras de competência prevista no Código de Processo Civil, a ação deverá ser proposta no foro de:”

A escolha da banca examinadora foi criar um enunciado com dois períodos e diversas orações para expor a situação de João. Neste enunciado em português escrito, a visualidade da questão se apresenta de forma linear, seguindo uma sequência que não é simples de ser compreendida no todo. A locução “ajuizar ação”, por exemplo, pode ser encaminhada pelo menos de duas formas, levando em conta o contexto apresentado na questão. Uma delas é “contra quem a ação foi ajuizada” e a outra é “sobre o que versa a ação ajuizada”. Por essa razão, apresentamos a seguir duas possibilidades de reorganização do enunciado em português, encaminhando para a tradução em libras.

Na primeira reordenação escolhemos complementar a locução “ajuizar ação” com a resposta da pergunta “sobre o quê?”, em primeiro lugar, em seguida com a resposta à pergunta “contra quem?”. Na segunda hipótese, invertemos a ordem das respostas. Além disso, transformamos os complementos que adjetivam os nomes de João e Antônio (“domiciliado em São Paulo” e “domiciliado em Salvador”, respectivamente) em orações

independentes. O que foi feito também com as informações sobre *onde* o carro foi licenciado e na posse de quem se encontra atualmente. Transformamos assim, em ambas as hipóteses, o que era originalmente um enunciado complexo em diversas orações mais simples.

1. João pretende ajuizar ação, para postular a declaração de propriedade de automóvel, contra Antônio. João mora em São Paulo e Antônio mora em Salvador. O automóvel foi licenciado em Aracaju. Atualmente o carro se encontra na posse de Ricardo, que mora em Manaus.

2. João pretende ajuizar ação contra Antônio para postular a declaração de propriedade de automóvel. João mora em São Paulo e Antônio mora em Salvador. O automóvel foi licenciado em Aracaju. Atualmente o carro se encontra na posse de Ricardo, que mora em Manaus.

O enunciado original, como apresentado na prova aos candidatos, é longo e sua organização bastante complexa do ponto de vista dos recursos sintáticos próprios da língua portuguesa. Sua disposição linear é dotada também de aspectos visuais, como a pontuação, a frequência com a qual determinado sinal gráfico é ou não utilizado, o espaço ocupado na página, por exemplo. É possível imaginar que um candidato ao olhar pela primeira vez para essa questão entre em contato, primeiramente, com a complexidade da organização das informações. É possível imaginar, também, que para responder de forma correta será necessário reorganizar as informações, talvez da forma que demonstramos acima, talvez de inúmeras outras formas possíveis, que podem ou não se adequar às normas da língua portuguesa escrita, à sua sintaxe.

As propostas de reorganização aqui apresentadas pretendem apenas demonstrar o impacto da visualidade na materialidade do enunciado escrito em língua portuguesa. O “mesmo” enunciado, com as mesmas informações, pode ser organizado de diversas maneiras e cada uma delas, além das alterações de ênfase,

entonação e sentido, também alteram a materialidade visual do enunciado, ponto que nos interessa nessa análise.

O objetivo da questão, *a priori*, é avaliar se o candidato conhece as normas sobre competências e jurisdições que o Código de Processo Civil apresenta. Na prática, entretanto, a forma da organização do enunciado e a escolha do vocabulário criam outros desafios, ou seja, outros conhecimentos e competências acabam por serem avaliados para além do conhecimento jurídico. Aproveitamos para lembrar que organização e escolha do vocabulário são duas das instâncias analisadas por Volóchinov (2019, p. 287) como essenciais para a criação de um enunciado que seja dotado de sentido, conteúdo e orientação social.

Do ponto de vista da equipe de tradução, que se depara com tal enunciado, uma das primeiras tarefas que se apresenta é a de organizar as informações e relacioná-las no espaço, criando as relações de sentido necessárias.

Trata-se, é necessário lembrar, de uma tradução intermodal (ver Nascimento & Brait, 2021), ou seja, entre línguas de modalidades diferentes. O português é uma língua oral-auditiva e a Libras é uma língua viso-espacial. A primeira, de organização linear também na escrita, com um grafema após o outro, organizados sempre da esquerda para a direita, de cima para baixo. A segunda, a Libras, de organização espacial, produzida por meio de da corporeidade, possibilita a expressão de mais de um sinal ou sentido ao mesmo tempo, de forma simultânea.

É preciso, ainda, levar em conta que em uma concepção dialógica do enunciado concreto, como proposto por Bakhtin e o Círculo, o enunciado é sempre orientado para *outro* (Volóchinov, 2019). No caso em análise, os enunciados em português e em Libras se dirigem aos postulantes a um cargo público no judiciário. No entanto, essa especificação apenas não é suficiente. O candidato ouvinte está lidando com um gênero do discurso⁵⁷ bem conhecido e estável em língua portuguesa, diferente do

57 Estamos mobilizando o conceito de *gênero do discurso* a partir de Bakhtin (2016), reiterando que esse conceito está presente em vários escritos dos demais membros do Círculo, como demonstram Brait & Pistori (2012).

candidato surdo. O candidato ouvinte pode se preparar para a prova por meio de provas anteriores para o mesmo cargo e de textos escritos ou proferidos em sua língua materna. Há até um termo informal em português para se referir àquelas pessoas que se dedicam a ingressar em carreiras por meio de certames públicos: os “concurseiros”. Eles têm ainda acesso a cursos síncronos e assíncronos, presenciais e *on-line*, ministrados em língua portuguesa. Diferentemente dos postulantes surdos. Esses não têm disponível, em nenhum banco de dados, provas de concursos públicos em vídeo-libras, como indicamos anteriormente, e conseqüentemente, não têm acesso aos conteúdos com possibilidade de testar provas em sua primeira língua, muito menos acesso aos cursos citados anteriormente. Essas diferenças criam um desnível entre os públicos-alvo da prova na língua fonte e da prova na língua-alvo.

O primeiro passo da equipe de tradução seria, então, criar uma representação espacializada do enunciado, inicialmente linear, que pode ser de fato desenhado e esquematizado ou que pode também ser criado de forma mental. Independente da materialidade do esquema escolhido pelos profissionais ao lidarem com o enunciado, é necessário reorganizar as informações, a ordem em que são apresentadas, os sintagmas a serem disponibilizados no espaço, para que uma tradução efetiva e com sentido na língua-alvo, a Libras, seja possível.

Os espaços podem ser criados por meio de algumas possibilidades oferecidas pelo sistema gramatical da Libras. Por exemplo, o primeiro espaço criado (Tabela 1), pode ser sinalizado inicialmente com a mão esquerda (já que mais próxima do espaço em questão, mais à esquerda do tronco do sinalizador), que soletra o nome de João (Figura 1) já no espaço que lhe será destinado; nesse mesmo espaço, com a ênfase do olhar e da cabeça, sinaliza-se também que João reside (Figura 2) em São Paulo (Figura 3).

Tabela 1: Demonstração da criação do primeiro espaço de sinalização



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Fonte: elaboração das autoras.

O segundo espaço (Tabela 2) pode estar localizado à direita do primeiro; o nome de Antônio (Figura 4) pode ser soletrado com a mão direita (já que mais próxima do espaço que está sendo criado, logo a frente do tronco do sinalizador); nesse mesmo espaço, também com a ênfase do olhar e da cabeça, sinaliza-se que Antônio mora (Figura 5) em Salvador (Figura 6).

Tabela 2: Demonstração da criação do segundo espaço de sinalização



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Fonte: elaboração das autoras.

O terceiro espaço criado (Tabela 3), mais à direita do corpo do sinalizador, de forma similar aos anteriores, efetiva-se com a soletração, com a mão direita, pelos mesmos motivos já expostos anteriormente, do nome de Ricardo (Figura 7), seguido da indicação de que reside (Figura 8) em Manaus (Figura 9) e de que está em posse do carro (Figura 10).

Tabela 3: Demonstração da criação do terceiro espaço de sinalização



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

Fonte: elaboração das autoras.

Em um outro espaço, que pode ser um espaço *neutro* (Tabela 4), criado por meio da pontuação da face e das mãos de que o período anterior se encerrou, ou um novo espaço, para dizer que a licenciamento (Figura 11) do carro foi feito na cidade de Aracaju.

Tabela 4: Demonstração da criação do espaço neutro de sinalização



Figura 11

Fonte: elaboração das autoras.

Criados esses espaços, é possível dizer que João pretende ajuizar ação para reaver a posse do automóvel contra Antônio. Isso é feito por meio de do movimento dado ao sinal de “processo” (Tabela 5), a mão esquerda, agindo como mão dominante, parte do espaço de João e termina no espaço de Antônio, fazendo contato com a mão direita, que exerce papel de apoio. Simultaneamente ao movimento do sinal de processo, o rosto expressa questionamento, para dizer algo como “João ajuíza um processo contra Antônio sobre a posse do automóvel”.

Tabela 5: Demonstração da execução do sinal de “processo” que parte do espaço 1 para o espaço 2



Figura 12

Figura 13

Fonte: elaboração das autoras.

Finaliza-se, assim, a exposição da situação proposta. A seguir, em um espaço *neutro* (Tabela 6), a questão é formulada: “Em qual localidade João deve ajuizar sua ação?”.

Tabela 6: Demonstração do uso de espaço neutro, o qual contém o comando da questão



Figura 14



Figura 15



Figura 16

Fonte: elaboração das autoras.

Comparando a organização do enunciado na língua fonte e o enunciado traduzido na língua-alvo, fica claro que ambos articulam a verbalidade e a visualidade. Em português escrito a visualidade está presente não apenas pela característica material da escrita, a qual temos acesso por meio da visão, mas também por meio da organização e escolha da voz autoral ao construir seu enunciado. É claro que um leitor se relaciona com cada palavra de forma individual, mas também é relevante que, a princípio, um enunciado é apreendido no seu todo, pela sua organização, extensão, quantidade de vírgulas, pontos finais e outras marcas de ortografia e pontuação. São esses aspectos visuais do texto escrito que podem ser interpretados pelo leitor-candidato, dando-lhe informações de quanto tempo será necessário investir para des-trinchar o enunciado apresentado, de forma a organizá-lo para que faça sentido, a fim de que a questão possa ser respondida de forma adequada.

A organização do enunciado de outras maneiras, por exemplo como as que propusemos aqui, causaria outra impressão visual ao candidato. Ele veria mais pontos finais do que vírgulas, uma indicação da quantidade de informação oferecida de forma simples e direta e não como na versão original, por meio de coordenação ou subordinação próprias da língua oral, no caso portuguesa.

No enunciado da língua-alvo, em Libras, os aspectos da verbo-visualidade⁵⁸ ficam mais evidentes pelo próprio caráter visual-espacial da materialidade da Libras. É necessário, no entanto, que o tradutor tenha muito consciência desses aspectos, a fim de mobilizar todos os recursos disponíveis e pertinentes à situação, para que possamos ter, ao fim, um enunciado dotado de forma, conteúdo, sentido e orientação social (Volóchinov, 2019). Assim sendo, permite-se que os candidatos surdos possam ter seus conhecimentos jurídicos testados, a partir da mobilização de sua proficiência em Libras.

58 Estamos utilizando o conceito de verbo-visualidade, como se tem utilizado em vários trabalhos de análise de textos em Libras, a partir dos trabalhos de Brait, dos quais destacamos: Brait (2009; 2011; 2013); Brait & Pistori (2013); (Fomin, 2018) e Nascimento & Harrison (2013).

Alguém que não seja um estudioso de tradução, poderia dizer que as alterações propostas para (re)criar o enunciado em Libras não são fiéis ao enunciado da língua fonte. A essas pessoas, poderíamos responder que as escolhas tradutórias aqui apresentadas se apegam às modalidades de cada uma das línguas, levando em conta o público a quem se destina a tradução, numa tentativa de aproximação dos conteúdos envolvidos na prova. Afinal, todo processo de tradução envolve escolhas, ganhos e perdas, feridas se assim quisermos (Sobral, 2008). Resta-nos escolher quais feridas são mais apropriadas e geram mais ganhos que perdas.

Em português, como demonstramos, o enunciado é apresentado de forma complexa, ou, ainda, em uma estrutura que propõe diferentes ênfases. A equipe de tradução poderia escolher, por exemplo, ser fiel a forma complexa, ou as ênfases oferecidas no enunciado em português e criar, em Libras, um enunciado que precisasse ser também destrinchado e reorganizado. No entanto tal escolha ignoraria a diferença de posições sociais e de poder ocupadas pelos dois grupos de candidatos: surdos e não-surdos.

A voz do enunciado traduzido pode escolher, por outro lado, organizar de forma visual e espacial o enunciado fonte, criando condições menos desiguais de concorrência entre os dois grupos de candidatos. Tal escolha tradutória pode ser justificada pela interpretação corrente do princípio constitucional da isonomia, que propõe tratar os desiguais de formas desiguais a fim de sanar a desigualdade inicial (Gugel, 2006). Isso, principalmente se levarmos em conta que o enunciado traduzido ainda avalia o conhecimento do candidato surdo a respeito do Código de Processo Civil, objetivo principal do texto em português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não seja o foco desse capítulo, acreditamos ser importante iniciar essas considerações finais apontando a importância da presença de TILS surdos e surdas *no processo de tradução da prova em todas as etapas: estudo, gravação e revisão*.

A parceria entre TILS surdos e ouvintes garante que a tradução final será entendida pelo público-alvo da prova traduzida, validando, no processo e na revisão, as escolhas tradutórias realizadas.

Também não pudemos nos deter longamente sobre a importância da presença de um profissional que seja TILS e possua formação na área do Direito. É esse profissional que, juntamente com os tradutores surdos, corrige e valida as escolhas tradutórias da equipe, além de sanar dúvidas mais pontuais quanto ao vocabulário e uso de expressões específicas da área jurídica.

Ainda sobre a composição da equipe, é fundamental que seja formada pelos profissionais já citados e que todos, na medida do possível, tenham formação na área da tradução e experiência de atuação, para que sejam capazes de articular teoria e prática, a fim de realizar escolhas tradutórias conscientes. Para que perdas e ganhos possam ser avaliados de forma adequada e igualitária.

No que concerne ao *corpus*, gostaríamos de registrar a dificuldade de acesso, mesmo se tratando de prova de concurso público, de certame já homologado, que aponta para avanços necessários para que esses processos sejam de fato transparentes e públicos. Este ponto se apresenta, a nosso ver, como fundamental, uma vez que, como a realidade está posta, já de início, se dá um evidente desnível em relação aos postulantes surdos e não-surdos. Isso fica estabelecido, uma vez que os primeiros têm livre acesso às provas anteriores para estudar e se preparar. Paralelismo que não pode, infelizmente ser traçado em relação aos candidatos surdos.

Ainda no campo da falta de publicidade e transparência que envolve os concursos públicos já homologados, verificamos a falta de dados disponíveis ou mesmo divulgação dos parâmetros e estatísticas a respeito de como se saem os candidatos surdos realizando a prova em vídeo-libras em relação aos candidatos não-surdos, realizando a prova em português. Esses dados poderiam, ousamos afirmar, ser utilizados para formulação de provas futuras. Isso acontece com as provas em português: os dados estatísticos são gerados a partir da Teoria de resposta ao Item.

Olhando para a tradução em si, destacamos a importância do uso adequado e organizado do *espaço gramatical de sinalização*

da Libras, objetivando a construção de traduções que respeitem o conteúdo da língua fonte nos formatos da língua-alvo. Para tanto, a articulação dos elementos que compõem a forma do enunciado, conforme proposto por Volóchinov (Volóchinov, 2019), juntamente com o conceito de verbo-visualidade (Brait, 2009; Brait, 2011; Brait, 2013; Brait & Pistori, 2013), podem ser de grande auxílio na prática concreta da tradução de enunciados de prova, uma vez que permitem ao tradutor uma visão que possibilita a comparação entre as línguas de maneira a tomar decisões que respeitem ambas: mantendo o caráter avaliativo do texto original, ao mesmo tempo em que respeita a língua, cultura e contexto dos candidatos surdos.

Finalmente, este capítulo, aponta, ainda que brevemente, para possíveis conteúdos do que inicialmente estamos chamando de um *protocolo de atuação com base em um letramento jurídico*, que poderá complementar a formação do TILS e auxiliar órgãos públicos e empresas que realizam provas de concurso público a criar alguns parâmetros e balizas de qualidade para o processo de tradução de provas escritas em português para vídeo-libras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, T. M. *Tradução para Libras: participação de surdos e ouvintes em equipes mistas de tradução*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) — Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208436>>. Acesso em: 1 out. 2021.
- ALVES, T. M. *Tradução para Libras: participação de surdos e ouvintes em equipes mistas de tradução*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- BATISTA, A. G. *Precisa desenhar?: uma análise verbovisual dos infográficos na videoprova em Libras do ENEM 2019*. Mestrado (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia

- Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/25882>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do discurso*, São Paulo, vol. 1, n.º 1, pp. 142-60, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, vol. 1, n.º 5, pp. 183-96, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/5397>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, vol. 8, n.º 2, pp. 43-64, 29 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/RjfLWT8xz63JrBKXhyw3ZRq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: .
- BRAIT, B. & PISTORI, M. H. C. Análise da verbo-visualidade: contribuições para os estudos do discurso. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, vol. 8, n.º 2, pp. 2-4, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/tBC3qMfb9HbSC9Qv9jVx6Dn/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BRASIL. *Decreto n.º 13.105, de 16 de março de 2015*. Dispõe sobre o Código de Processo Civil. Brasília, Secretária-geral, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BRASIL. *Decreto n.º 9.508, de 24 de setembro de 2018*. Reserva às pessoas com deficiência percentual de cargos e de empregos públicos ofertados em concursos públicos e em processos seletivos no âmbito da administração pública federal direta e indireta. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9508.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BRASIL. *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- FOMIN, C. F. R. Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, vol.

- 13, n.º 3, pp. 142-70, 14 set. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/zk5rztSvs58485vsxynGxyR/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- GUGEL, M. A. *Pessoas com deficiência e o direito ao concurso público*. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.
- MOTTA, F. Princípios Constitucionais Aplicáveis aos Concursos Públicos. *Biblioteca Digital Revista Interesse Público*, ano 5, n.º 27, set. 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5339419/mod_resource/content/1/Texto%2006%20princ-C3%ADpios%20concurso%20p%C3%BAblico%20Fabr%C3%A-Dcio%20Motta.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- NASCIMENTO, V. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de libras/português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 14, n.º 4, pp. 1121-50, 9 set. 2014.
- NASCIMENTO, M. V. B.; BRAIT, B. Citação bilíngue intermodal: o discurso citado no contexto de formação de intérpretes de Libras-português. *Letras de Hoje*, vol. 56, pp. 726-37, 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40581>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- NASCIMENTO, V.; HARRISON, K. M. P. Verbo-visualidade no gênero jornalístico televisivo: leituras para a construção de estratégias de interpretação da língua de sinais. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, vol. 8, n.º 2, pp. 202-17, 29 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/7pMz75XYnMbfMY3vZFcp9Yx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Convenção Americana de Direitos Humanos* (1969) (“Pacto de San José de Costa Rica”). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0678.htm>. Acesso em: 1 nov. 2021.

- PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*, vol. 19, n.º spe, pp. 209-36, 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26361181_A_interpretacao_de_conferencias_interfaces_com_a_traducao_escrita_e_implicacoes_para_a_formacao_de_interpretes_e_tradutores>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- RODRIGUES, C. H. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual visual em destaque. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol. 38, n.º 2, pp. 294-319, maio 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v-38n2p294>>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- SILVA, R. C. Gêneros *Emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise*. 2019. (Tese) Doutorado em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SOBRAL, Adail. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS, 2008.
- STELLA, P. R.; BRAIT, B. Tensão e produção de sentidos em Bakhtin e o Círculo. *Linguagem em (Dis)curso* (online), vol. 21, pp. 151-69, 2021. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/9147>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- VIANNA, R. O conceito de aspas verbo-visuais e suas classificações. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, vol. 15, n.º 1, pp. 61-82, 2020. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-45732020000100061&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia. Ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Org. e tradução Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

A PRODUÇÃO E A POSIÇÃO DISCURSIVA DO TILS NO PROCESSO TRADUTÓRIO NO CAMPO EDUCACIONAL

Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamlourença
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

INTRODUÇÃO

A tradução e interpretação no campo da surdez no âmbito de instituições federais de ensino superior (IFES) são práticas profissionais, sociais e linguísticas realizadas pelo tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS). Nesse contexto, essa atuação, específica por sua natureza, ocorre em meio a relações sociais com diferentes interlocutores que apresentam características de uso das línguas e culturais plurais. Enquanto agente educacional, este profissional realiza um fazer plural com aspectos também plurais relacionados ao processo tradutório

educacional, para o qual se fazem necessários, entre outros, o conhecimento linguístico-cultural e o conhecimento discursivo⁵⁹ (Giamlourengo, 2021).⁶⁰

Considerando-se o caráter de atividade de linguagem atinente à tradução e interpretação do par linguístico Libras-português (Nascimento, 2016), na atuação, o profissional precisa se posicionar enquanto interlocutor ativo,⁶¹ ou seja, o seu fazer na esfera da linguagem atrela-se a práticas de produção de sentidos nas e das línguas com as quais atua, sendo relevante compreender significados bem como processos de significação (Lacerda, 2010).

Essas questões, conforme reflete Giamlourengo (2021) acerca da atuação do TILS no âmbito de IFES, estão atreladas a conhecimentos que se fazem necessários para a realização do complexo processo tradutório educacional. A autora investigou necessidades formativas de TILS atuantes em IFES, com base em uma pesquisa-intervenção, com participantes⁶² de um curso de formação continuada, oferecido na modalidade EaD (Educação a Distância).

No decorrer dessa formação foi possível, entre outros, levantar e analisar aspectos da atuação relativos à questão linguística e discursiva, questões relacionadas aos gêneros discursivos presentes em seu campo de práticas; além de questões atinentes ao lugar discursivo desses profissionais nas interações linguística,

59 As diversas dimensões das necessidades formativas para a atuação no contexto educacional e os conhecimentos que as constituem são refletidas por Giamlourengo (2021). Para as reflexões no presente capítulo, trataremos apenas de aspectos relativos ao conhecimento linguístico-cultural e ao conhecimento discursivo.

60 O presente capítulo apresenta resultados parciais da pesquisa “Formação continuada e desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de língua de sinais na educação a distância (EaD)” orientada pela segunda autora, e conduzida pela primeira autora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial-PPGEES, da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

61 O conceito de interlocutor ativo que Giamlourengo (2021) reflete em suas discussões advém de Lacerda (2010), quando de suas proposições acerca da atuação e formação do profissional TILS para atuação nos contextos educacionais inclusivos.

62 Nesse texto são apresentados excertos de uma participante da formação EaD, TILS de uma IFES da região Nordeste do Brasil.

social e educacional inerentes ao processo tradutório. Assim, nesse capítulo alguns aspectos da reflexão gerada nessa formação serão trazidos, buscando ampliar o debate nesse campo.

Tendo em vista que os sentidos são determinados nos contextos discursivos e que a significação se produz em meio às interações sociais em processos de compreensão ativa e responsiva (Bakhtin, 1997; Lacerda, 2010), e que saber fazer uso das línguas é ser interlocutor em processos interdiscursivos (Gesueli, 2000), busca-se refletir sobre elementos que, para além da fluência, subsidiam as formas de construção linguística pelo TILS para tornar o processo tradutório acessível no âmbito de IFES.

Para tanto, considerando-se que o funcionamento da linguagem se materializa nos âmbitos linguístico, enunciativo e discursivo (Nascimento; Segala, 2019), além da interface com a linguística pela linguagem em uso (Viotti, 2013; Mussalin & Bentes, 2012), busca-se tecer este capítulo considerando que é em meio às interações sociais e verbais que a significação é produzida em processos de compreensão ativa e responsiva (Bakhtin, 1997), assumindo que a presente reflexão pode contribuir com os estudos da tradução e interpretação da língua de sinais em perspectiva dialógica, com a formação do TILS e com os processos de inclusão.

A FORMAÇÃO DO TILS PARA ATUAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A atuação do TILS em diferentes contextos pressupõe conhecimentos que subsidiem a prática que apresenta suas especificidades situacionais. No contexto educacional, por exemplo, diferentes aspectos são relevantes ao processo tradutório que ocorre em dupla direcionalidade entre língua de modalidade oral-auditiva e língua de sinais, de modalidade visual gestual.

As conceituações inerentes à tradução e interpretação vêm se ampliando, posto que os processos sociais e humanos que envolvem o intercâmbio entre línguas também vêm se reconfigurando e se efetivando com base em diferentes suportes, permitindo caracterizar as diferenças entre as atividades e acentuando aspectos que lhes são comuns. É nesse sentido que

Caracteriza-se os processos de traduzir e interpretar pela produção de uma nova versão da intenção comunicativa em outra modalidade que não produzida inicialmente. Os textos produzidos por seus falantes primários são traduzidos ou interpretados passando pela inferência de sentidos do tradutor e intérprete para então serem inferidos por aqueles que recebem a mensagem final (Giamlourença, 2018, p. 24).

O processo tradutório educacional ocorre em diferentes níveis de ensino, apresentando aspectos convergentes, mas, também, específicos, quando da atuação no âmbito do ensino superior, por exemplo, dada sua complexidade no tocante ao fazer profissional atrelado às atividades de ensino, pesquisa, extensão, e aos processos de inclusão em diferentes níveis e modalidades.

Com base em uma revisão sistemática visualizou-se que para a atuação do TILS tanto na educação básica quanto na educação superior, a formação profissional é relevante e necessária, cabendo ser contínua para ampliar a oportunidade de qualificação em diferentes níveis, tendo em vista a inclusão de alunos surdos (Costa, 2014; Domingos, 2016; Esmério, 2019; Filietaz, 2006; Melo, 2013; Nascimento, 2016; Santos, 2018; Silva, 2015; Valiante, 2009; Tuxi, 2009).

Considerando-se a atuação em coautoria nesse contexto de áreas específicas, aos cursos cabem propostas de formação atentas aos níveis educacionais, áreas de conhecimento e termos técnicos e científicos (Tuxi, 2009; Souza, 2013; Yatim, 2016; Santos, 2014; Santos, 2018). Nos cursos de formação específica, além de conteúdos sobre a Libras, é importante conhecimentos

da língua portuguesa em contextos discursivos, aspectos da tradução, da educação inclusiva e bilíngue, etapas e modalidades de ensino e políticas públicas (Melo, 2013; Carvalho, 2015; Ferreira, 2015; Silva, 2015; Domingos, 2016; Nascimento, 2016; Rieger, 2016; Yatim, 2016; Linden, 2017; Santos, 2018; Soares, 2018; Esmério, 2019).

Outros estudos apontam para a existência de uma relação entre os efeitos da formação na atuação nos processos de inclusão e escolarização do aluno surdo. Nesse âmbito, a prática profissional se estabelece pelas relações entre diferentes profissionais, sendo relevante que a formação contínua favoreça o embasamento e compreensão desse contexto a todos nele inseridos (Araújo, 2011; Ferreira, 2015; Santos, 2014; Souza, 2013; Souza, 2018; Tuxi, 2009; Martins, 2013; Melo, 2013; Menezes, 2014; Souza, 2016; Suzana, 2014; Vieira, 2017).

A falta de familiaridade com o conteúdo, a formação em área distinta daquela em que atua e a falta de termos técnicos podem gerar problemas na compreensão do TILS com efeitos nas escolhas linguísticas e na construção conceitual pelo surdo, o que aponta a importância da formação em áreas específicas do conhecimento (Schubert, 2012; Rieger, 2016). Como se vê, diferentes fatores se relacionam à formação para a atuação na educação, e há interesse em formação profissional, mesmo pelos TILS que têm uma relação com a língua e seu uso desde a infância (Menezes, 2014; Silva, 2016; Esmério, 2019).

A formação amplia a representação e compreensão sobre a atividade, bem como as formas de desenvolvê-la em parceria com professores, em práticas que favoreçam processos visuais de aprendizagem em atenção aos processos educacionais inclusivos. O TILS passa a ter outras representações de si e de como posicionar-se profissionalmente (Nantes, 2012; Schubert, 2012; Silva, 2013; Nascimento, 2016), o que tem efeitos na atuação nos diferentes níveis. Logo, além de contínua, a formação deve ser conjunta com outros profissionais com quem atua para favorecer a implantação de projetos educacionais bilíngues e

inclusão escolar de surdos, inclusive, com outras especificidades (Valiante, 2009; Souza, 2018; Lima, 2013; Nascimento, 2016; Araújo, 2018; Esmério, 2019).

O FAZER DO TILS NO ÂMBITO DE IFES

No âmbito de IFES, a atuação perpassa atividades de maior complexidade no ensino, pesquisa e extensão, sendo um contexto singular pela densidade conceitual e lexical que demandam fluência e aprofundamento linguístico. Além de atuar na direção língua de sinais para língua oral com maior frequência, atua de formas distintas tendo em vista o caráter acadêmico e seus diferentes eventos e suportes, realizando, assim, a mediação social (envolvendo a língua, as pessoas, os conteúdos instrucionais, entre outros) a qual pressupõe produções discursivas para a construção de conceitos pelos surdos e uma posição discursiva do TILS no jogo das relações (Giamlourengo, 2021).

A atividade que realiza é de grande complexidade e responsabilidade, pois, o processo tradutório ocorre no processo educativo, e vice-versa, se constituindo como um processo tradutório educacional. Atua para mediar a compreensão, expressão e construção conceitual, no estabelecimento das relações a partir da língua de sinais e língua oral, processo que constitui a(s) língua(s), assumindo ainda, o TILS, um posicionamento de interlocução que se atrela às necessidades atinentes à complexidade linguística e discursiva, o que precisa ser reconhecido porque essas operam como subsídio ao processo tradutório aí empreendido.

Nesse contexto, segundo Lacerda (2010), para que o processo tradutório se torne acessível, na posição de interlocutor ativo, se faz necessário “compreender as sutilezas dos significados e sentidos, os valores culturais, emocionais e outros envolvidos no texto de origem e os modos mais adequados de fazer estes mesmos sentidos serem passados para a língua-alvo”

(Lacerda, 2010, p. 146). A autora reflete ainda que, se necessário, sentidos sejam eleitos e escolhas sejam feitas, envolvendo da parte do TILS amplo conhecimento que será mobilizado para a produção de sentidos.

Para Giamloureço (2021), essas escolhas e as diferentes formas de dizer cabem estar atentas aos níveis de uso das línguas pelo surdo e pelo TILS, favorecendo-se aos estudantes surdos a posição de comunic(ação) no âmbito de IFES. Nesse sentido, entenda-se, comunicar e posicionar-se para construir e (re)elaborar conhecimentos, considerando ainda, como bem reflete Libâneo (2013), todos os efeitos que a prática educativa exerce em outros processos sociais.

A PRODUÇÃO E A POSIÇÃO LINGUÍSTICA E DISCURSIVA DO TILS NO PROCESSO TRADUTÓRIO EDUCACIONAL

Para o processo educacional inclusivo do surdo no âmbito de IFES, compreende-se a existência de aspectos que, pelo processo tradutório educacional, poderiam favorecer sua posição de comunicação e participação. O processo tradutório educacional não pressupõe somente o uso de línguas e a presença do TILS para versar entre elas, mas, atrelada aos processos de inclusão, sua atuação envolve, estudantes surdos e ouvintes, docentes, demais participantes, inclusive a gestão, e as relações sociais e dialógicas entre todos estabelecidas para os processos aí imbricados.

Ao processo tradutório educacional e ao processo de inclusão escolar, que ocorrem concomitantemente, cabe, favorecer ao estudante surdo sua posição de comunic(ação), no que diz respeito à sua participação e posicionamento discursivo nas interações e nos processos de elaboração e construção de conhecimento, o que está atrelado à atuação do TILS. Sua atuação envolve língua e linguagem, não somente como recurso humano, mas como agente educacional que medeia relações sociais e educacionais e,

para tanto precisa mobilizar o que for necessário para tornar o processo tradutório acessível.

Esse foi um dos aspectos que emergiram das discussões entre os TILS participantes do estudo de Giamlourengo (2021). Conforme reflete TILS-Nordeste, participante da formação EaD, atuante em IFES na região Nordeste do país, no tocante a sua atuação nesse âmbito,

Compreendo que meu papel no Ensino Superior não é ser um “recurso e/ou instrumento comunicativo para ser considerado capaz de possibilitar aos sujeitos que enunciam a constituição de sentidos, através do uso de línguas diferentes” (Silva; Guarinello; Martins, 2016, p. 179). E entendo a necessidade de trabalhar junto com o professor, participar do planejamento, pensar e sugerir estratégias para a aula que contribua para uma interpretação eficiente e assim por diante. (Santos, Lacerda 2015). Esse é, no entanto, um ponto delicado, pois envolve o conceito do próprio professor sobre sua identidade profissional (Curso-TILS, TILS-Nordeste, 2019).

Para mediar as relações, o TILS enuncia e medeia as enunciações entre o estudante surdo e os demais presentes no contexto acadêmico e institucional falante de línguas distintas, de modalidades distintas, cabendo assumir-se, muito mais do que enquanto instrumento, numa posição discursiva no jogo das relações enquanto agente educacional, participando desse processo, posto que isso interfere na sua prática e na educação do surdo. Mas esse fator pode ser afetado pelo espaço que esse profissional tem no processo educacional e em suas relações.

Para Bakhtin (1997), nas relações humanas, o enunciado está relacionado com a comunicação verbal, com a esfera de atividade e com seus participantes, seja autor ou parceiros, e seus modos de expressão em processos de interação com seus sentidos e significados. Segundo suas reflexões, as atividades humanas, pelas interações, envolvem o uso variado da língua com base em

enunciados, orais ou escritos, atrelados a esferas também variadas que, com suas condições e finalidades, apresentam diferentes gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso são tipos e/ou formas relativamente estáveis e/ou típicas de enunciados, que, além da característica de individualidade, são heterogêneos e possuem diversidade funcional. Às interações se pressupõem, assim, formas prescritivas da língua, escolhas de recursos linguísticos, lexicais, gramaticais e composicionais, mas, também, gêneros do discurso para sua estruturação e composição, elementos que favorecem a construção de um todo nas interações (Bakhtin, 1997).

Pensando na situação do TILS, com base nos pressupostos do autor, sua atuação em IFES se efetiva pela mediação de enunciados realizados a partir do gênero do discurso mais simples, ou seja, primário, e de produções, de modo mais recorrente, em gênero do discurso secundário, pela natureza científica e complexa desse contexto de atuação e de inter-relação entre os gêneros do discurso. Logo, conhecer sua diversidade funcional e de estilos pode subsidiar a prática profissional e favorecer sua compreensão, sua produção e posicionamentos discursivos.

Os enunciados, orais ou escritos (ou sinalizados), em diferentes gêneros do discurso, produzidos nas esferas da atividade humana com suas especificidades, além de conteúdo e construção composicional, possuem, segundo Bakhtin (1997), estilos atrelados ao uso de recursos da língua, seja lexical, gramatical ou outros. Esses aspectos tornam a atuação do TILS ainda mais complexa, por atuar no campo da linguagem e construção do conhecimento numa esfera de maior densidade conceitual, lexical e de gêneros do discurso, como as IFES, em que sua compreensão, produção e posição discursiva interferem na construção conceitual pelo estudante surdo, fator que lhe atribui grande responsabilidade.

Ao TILS, conhecer as questões linguísticas das línguas com que atua favorece, evidentemente, as escolhas que faz e as construções linguística, conceitual e de sentidos. O conhecimento

linguístico-cultural, que se atrela ao versar entre línguas, como reflete Giamloureço (2021), é relevante porque o profissional atua tendo em vista a relação das línguas em uso com suas questões estruturais, as influências entre si e os seus modos de produção. No caso da língua de sinais, por exemplo, como aponta Viotti (2013), essa língua apresenta uma dimensionalidade diferente, e a significação, a coesão e a coerência discursivas são construídas e marcadas pela gestualidade e visualidade inerentes à comunicação nessa modalidade.

Todavia, além das formas prescritivas da língua, como se vê em Bakhtin (1997), as formas prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, também são indispensáveis para o entendimento nas interações, sendo relevante, assim, para quem atua no campo da linguagem, como o TILS, o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros, pela relevância de seu domínio nos processos de interação, compreensão e interpretação, tarefa denominada de “Metalinguística” pelo teórico.

A linguística, enquanto fenômeno sociocultural, como uma disciplina que, para além das questões estruturais, investiga a linguagem em uso (Mussalin & Bentes, 2012), e a metalinguística subsidiam, assim, o conhecimento linguístico-cultural do TILS, que desenvolve uma atividade de mediação entre línguas de natureza humana e que envolve um vínculo entre a língua e a vida, que, para Bakhtin (1997) se penetram mutuamente pelos enunciados concretos que realizam a vida e que faz a vida penetrar na língua.

Esse aspecto é relevante posto que pode favorecer a compreensão e produção de elementos relacionados à mediação entre línguas, como os significados e processos de significação. Assim, podem ser objeto de investigação da linguística os processos de significação, desde o modo semiótico verbal, ou mesmo o modo semântico, esse relacionado aos significados e sentidos, quando se pressupõe que os falantes se mobilizam nos contextos sociais e culturais de produção de seus enunciados (Nascimento & Segala, 2019).

Aos enunciados cabem ser compreendidos e significados. Para sua significação, no âmbito do processo tradutório, além de questões linguísticas e culturais do público com quem se atua, outras questões estão envolvidas, como as interações e seu papel nas relações e nos processos de significação e construção de sentidos. Citando Bakhtin, no tocante à interação e à compreensão, Lacerda (2010) compreende que os sentidos são produzidos nos contextos discursivos, sendo nas interações verbais e sociais que a significação se produz em processos de compreensão ativa e responsiva.

Como se vê em Bakhtin (1997), a produção e a compreensão discursiva envolvem muito mais do que o sistema linguístico, mas enunciados já produzidos e que se produzirão, num elo complexo de enunciados. Diante disso, a compreensão responsiva se estabelece em processos que podem envolver conhecimento e tempo, podendo ser ativa, mas também ocorrer posteriormente, em certo lapso de tempo. Nas palavras do autor, “a compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização)” (Bakhtin, 1997, p. 292).

O TILS atua mediando processos de recepção e compreensão da significação de e entre falantes de língua oral e de sinais, e vai adotando também uma atitude responsiva e responsiva ativa, principalmente, para versar de uma língua para a outra, dependendo da compreensão do discurso para a realização do processo tradutório. A compreensão do significado, como se vê em Bakhtin (1997), atrela-se a uma atitude responsiva ativa, tornando essa compreensão também responsiva ativa, o que, por ser um processo em elaboração contínua, abrange concordar, discordar, completar o discurso tendo em vista o processo de significação.

Os processos de significação estão atrelados aos processos de compreensão ativa e responsiva, e, nas relações humanas, o enunciado se relaciona com a comunicação verbal entre seus participantes e com a esfera de atividade de que participam e se mobilizam para a construção de significados e sentidos. E ainda,

o processo educativo e formativo do surdo e sua construção conceitual pressupõe o caráter de atividade da linguagem mediada pelo processo tradutório educacional que se produz não somente pela versão entre línguas, mas associado ao processo de inclusão escolar onde todos são protagonistas.

Pensando nesses fatores que envolvem a compreensão ativa e responsiva para a produção de sentidos e significado nas interações discursivas, cabe resgatar as reflexões de TILS-Nordeste já apresentadas sobre sua percepção acerca do trabalho que desenvolve. Compreende-se que, em conjunto com o professor, a atuação de TILS no contexto educacional, pressupõe versar entre línguas numa posição e ação que o permita participar da tomada de decisões da prática educativa, do planejamento, das formas de avaliação, o que se relaciona a um conhecimento que abrange o discurso e o discursivo de sua atuação.

No tocante ao conhecimento discursivo, Giamlourença (2021) reflete que este se atrela tanto à produção discursiva do TILS, que realiza e é mediado nas relações entre surdos e ouvintes a partir das línguas em uso; quanto à posição discursiva que o profissional assume no jogo das relações entre os diferentes interlocutores. A produção discursiva se atrela a sua posição discursiva, e o situa num lugar de interlocutor ativo, condição necessária tanto para a compreensão como para a produção de sentidos.

No tocante a esses aspectos, como bem reflete a intérprete participante da formação EaD, justamente sobre essa condição de interlocutor ativo,

Essa consciência nos traz novas responsabilidades, como a postura em relação a circulação da língua no espaço educacional, as escolhas apropriadas para cada nível cultural e linguístico do aluno, a relação com o professor no contato com o estudante e o planejamento das aulas [...] (TILS-Nordeste, Curso-TILS, 2019).

A língua de sinais no espaço educacional não pode figurar como uma segunda língua enquanto posição e categoria, mas precisa ser compreendida no jogo das relações sociais, institucionais e acadêmicas enquanto uma língua com potencial para favorecer acesso ao conhecimento, participação social e humana, construção da linguagem, do pensamento, logo, produção e compreensão dos enunciados complexos e dinâmicos que se constroem nesse contexto.

A linguagem é constitutiva do sujeito, interpondo-se no contexto educacional e na formação humana. Assim como os ouvintes, por meio das línguas que fazem uso, os surdos estão em processo de desenvolvimento de linguagem, de língua e de identidade. E não somente para o surdo, mas também para o TILS e para os demais presentes, com base nas reflexões de Gesuéli (2000), esse processo está em movimento, já que nesse contexto há uma complexidade que se relaciona ao uso das línguas, para as quais saber fazer uso diz respeito a ser interlocutor em processos interdiscursivos, também se constituindo.

A pluralidade linguística e cultural dos surdos e ouvintes com quem se atua, sua diversidade, também é fator relevante no processo tradutório, posto que afeta não somente a produção, mas, pelo conhecimento linguístico-cultural e discursivo, afeta também a posição discursiva que o TILS assume. O contato e as relações do TILS com seus interlocutores produzem efeitos nas formas de uso das línguas de trabalho e nas ações que se empreendem para atender suas especificidades.

No processo tradutório, que é interdiscursivo, estão envolvidas uma produção discursiva e uma posição discursiva do TILS, que precisa continuamente se (re)posicionar discursivamente em meio às relações, às interações discursivas e aos processos de significação. Esse aspecto, em atenção às características situacionais, linguísticas e culturais envolvidas, afeta a comunic(ação) do surdo no contexto acadêmico com outras interfaces sociais.

Pelas línguas em uso, e para além dessas línguas, a atuação do TILS em IFES associa-se a formação profissional, humana

e projetos de vida, num contexto em que todos se mobilizam para a construção e compreensão do conhecimento profissional e científico. A participação do TILS nessa esfera vai além da mediação linguística e social. Por sua posição discursiva, assume o processo tradutório que leva em conta as questões linguísticas, discursivas e mesmo da prática educativa, fazendo parte, assim, da mediação educacional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No processo tradutório educacional no âmbito de IFES, o TILS, por sua atuação no campo da linguagem, conduz a interação linguística e social, trabalhando em um nível linguístico elaborado, menos frequente nas situações cotidianas, operando com léxicos específicos, e ainda tem um importante papel na mediação educacional nesse contexto responsável por atuar com conceitos bastante densos em uma perspectiva de conferir acessibilidade ao estudante surdo.

Logo, na condição de agente educacional, o TILS atua no processo educativo e formativo do aluno surdo e, enquanto interlocutor ativo, verte línguas numa condição que pressupõe assumir uma posição de protagonismo nas interações estabelecidas entre os diferentes interlocutores, assumindo assim, nas interações das quais participa, grande responsabilidade perante os processos de produção linguística e discursiva.

Sem esgotar a reflexão sobre o que brevemente se discutiu nesse texto em relação ao TILS, compreende-se que seus modos de atuar podem ser mais interessantes, e os efeitos dos processos tradutórios que empreende podem fazer mais sentido para seus interlocutores, se o TILS puder refletir sobre sua atividade como atividade dialógica — atividade que envolve interlocutores (e no caso da interpretação pelo menos três) — quem enuncia, quem traduz, e para quem se traduz e as posições que ocupa no espaço discursivo. Nesse sentido, a sua formação deve favorecer

a reflexão de que ele não atua sozinho, mas atua no jogo das relações entre professores, alunos e intérpretes. Ou seja, ele atua em uma arena social complexa, na qual as decisões e as escolhas passam necessariamente por todos os participantes envolvidos na esfera da atividade.

Além disso, em sua formação seria importante refletir sobre o valor de sua compreensão responsiva diante dos enunciados que interpreta, e sobre as demandas por uma atitude responsiva ativa presentes no exercício das interações das quais participa em seu fazer profissional. E refletir sobre como essa compreensão responsiva se dá dentro dos diferentes gêneros discursivos perante os quais atua, e da necessidade de tomada de consciência de sua própria posição discursiva. Para tanto, conhecer e reconhecer a condição linguística e discursiva de si e dos outros com quem atua/dialoga é fundamental.

Espera-se assim que sua formação favoreça acesso a subsídios que permitam e ele posicionar-se enquanto interlocutor ativo pressupondo-se sua responsabilidade por produzir e mediar enunciados com posicionamentos distintos em razão das situações e contextos da atividade que desenvolve; possibilitando refletir acerca da complexidade da prática, e do que ela pode demandar sobre as questões do processo tradutório, da realidade do contexto e do público plural nele presente, enfim, conhecer o que for necessário em atenção à natureza de sua atividade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. R. de. *O papel do intérprete de libras no contexto da educação inclusiva: problematizando a política e a prática*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186615/ARAUJO%20Joelma%20Remigio%20de%202011%20%28disserta%c3%a7-%20>

c3%a3o%29%20UFPB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 out. 2021.

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 277-327.
- BRASIL. Decreto N.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.
- CAMPOS, M. L. I. L. & ALMEIDA, J. C. S. Sistema linguístico da Libras. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. & MARTINS, V. R. O. *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019, pp. 76-120.
- CARVALHO, G. L. *A identidade do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais — Libras: das suas concepções às suas práticas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188253/CARVALHO%20Geyson%20Lima%20de%202015%20%28disserta%c3%a7-c3%a3o%29%20LISBOA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- COSTA, M. A. C. Relação pedagógica professor, intérprete de Língua Brasileira de Sinais e o aluno surdo do curso de Pedagogia da UERN. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188258/COSTA%20Mifra%20Angelica%202014%20%28disserta%c3%a7-c3%a3o%29%20UERN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.

- DOMINGOS, P. *A Língua Brasileira de Sinais em contexto acadêmico: diálogos a partir do Círculo de Bakhtin*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/10365>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- ESMERIO, J. M. M. *A produção de modos de ser o tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19821>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- FERREIRA, D. Um estudo comparativo de currículos de curso de formação de tradutores e intérpretes de libras-português no contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Programa de Pós-Graduação em Estudo da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169308/341257.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- FILIETAZ, M. R. P. Políticas públicas de educação inclusiva: das normas à qualidade de formação do intérprete de Língua de sinais. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188279/FILIETAZ%20Marta%20Rejane%20Proen%c3%a7a%202006%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UTP.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- GESUELI, Z. M. A intertextualidade na Elaboração de Narrativa em Língua de Sinais. In: LACERDA, C. B. F. & GÓES, M. C. R. *Surdez: processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000, pp. 11-26.

- GIAMLOURENÇO, P. R. G. de M. *Formação continuada e desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de língua de sinais na educação a distância, EaD*. 2021. Tese (Doutorado em Educação Especial) — Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2021.
- LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, vol. 36, pp. 133-53, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>>. Acesso em: 2 fev. 2017.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2.^a ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIMA, J. M. S. *A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/644/1/JulianaMariadaSilvaLima.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- LINDEN, V. C. *Como diz Libras em libras? A comunicação do conhecimento linguístico na formação de tradutores e intérpretes de Libras*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/11612/518?locale=pt_BR>. Acesso em: 25 out. 2021.
- MELO, A. V. S. *Formação e atuação do tradutor intérprete de libras em sala de aula*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Tiradentes, Aracajú, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190441/MELO%20Valeria%20Santos%202013%20%28disserta%20>

c3%a7%c3%a3o%29%20Universidade%20Tiradentes.pdf?-sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 out. 2021.

MENEZES, A. M. C. *Diálogos com tradutores-intérpretes de língua de sinais*. 2014. Tese (Doutorado em Educação Especial) — Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185149/MENEZES%20Adriane%20Melo%20de%20Castro%20%202014%20%28Tese%29%20UFSCAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 9.^a ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NANTES, J. M. *A constituição do intérprete de língua de sinais no ensino superior na perspectiva dos surdos: o cuidado de si e do outro*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/631/1/JaneteDeMeloNantes.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2021.

NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19562>>. Acesso em: 25 out. 2021.

NASCIMENTO, V. & DAROQUE, S. C. Língua oral-auditiva e língua gesto-visual. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. & MARTINS, V. R. O. *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019, pp. 43-76.

NASCIMENTO, V. & SEGALA, R. R. Estrutura da Libras e expressão de conceitos. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. &

- MARTINS, V. R. O. *Libras: aspectos fundamentais*. Curitiba: InterSaberes, 2019, pp. 121-59.
- RIEGER, C. P. E. *A formação do intérprete de Libras para o ensino de Ciências — lacunas refletidas na atuação do TILS em sala de aula*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino) — Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/1023#preview-link0>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SANTOS, C. P. *Políticas inclusivas e a formação do Trabalhador Intérprete da Libras (TILS) atuante no Ensino Superior*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14699?locale=pt_BR>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SANTOS, L. F. *O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações*. 2014. Tese (Doutorado em Educação Especial) — Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2930/6164.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SCHUBERT, S. E. M. *Políticas públicas e os sentidos e significados atribuídos pelos educandos surdos ao intérprete de Língua de Sinais Brasileira*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190788/SCHUBER%20Silvana%20Elisa%20de%20Moraes%202012%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UTP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SILVA, A. R. *O desafio do bilinguismo para alunos surdos no contexto da inclusão: o caso de uma escola municipal do Rio de Janeiro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de

Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188350/SILVA%20Adriana%20Ramos%202015%20%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UFRJ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVA, R. Q. *O intérprete de libras no contexto do ensino superior*. 2016. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) — Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190798/SILVA%20Ronaldo%20Quirino%202016%20%28Disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UTP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SOARES, N. G. *Intérprete educacional de Libras: afirmações e conflitos da profissão*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Erechim, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190991/SOARES%20Naiara%20Greice%202018%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UFFS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SOUZA, I. S. R. *Estratégias e metodologias para o ensino de língua portuguesa para surdos em Aracaju/SE*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) — Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4830>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SOUZA, M. R. *Narrativas dos intérpretes de Língua Brasileira de Sinais que atuam no contexto do ensino fundamental*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/>

handle/123456789/123001/325239.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 out. 2021.

SUZANA, E. R. B. *O tradutor/intérprete de Libras em contextos de inclusão escolar: perspectivas em uma rede municipal do Rio Grande do Sul*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://l1library.org/document/y6x9r25y-tradutor-interprete-contextos-inclusao-escolar-perspectivas-municipal-grande.html>>. Acesso em: 25 out. 2021.

TUXI, P. *A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/4397>>. Acesso em: 25 out. 2021.

VALIANTE, J. B. G. *Língua Brasileira de Sinais: reflexões sobre a sua oficialização como instrumento de inclusão dos surdos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269194/1/Valiante_JulianaBrazolinGomes_M.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

VIEIRA, M. I. I. *A atuação do intérprete educacional da Libras nas escolas de ensino fundamental de Limoeiro do Norte-CE*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) — Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190812?show=full>>. Acesso em: 25 out. 2021.

VIOTTI, E. (org.). Dossiê: Língua de Sinais. *Todas as letras U*, vol. 15, n.º 1, pp. 12-4, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320357344_Apresentacao_-_Dossie_sobre_Linguas_de_Sinais>. Acesso em: 26 out. 2021.

YATIM, N. *Intercorrências da qualificação subjetiva dos intérpretes de Libras*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Expressão) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173269>>. Acesso em: 25 out. 2021.

O ORGANIZADOR

VINÍCIUS NASCIMENTO

Vinícius Nascimento (assinatura de Marcus Vinícius Batista Nascimento) é pai da Maitê e do Pedro. Doutor e mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bacharel em Fonoaudiologia pela mesma instituição. Possui pós-doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor adjunto III do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com atuação no eixo de tradução e interpretação do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Coordena o Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS/DPsi/UFSCar), onde tem desenvolvido ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas à tradução e à interpretação audiovisual da Libras. Lidera o Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais (GEDiLS/

UFSCar/CNPq) e é membro-pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Língua de Sinais (InterTrads/UFSC/CNPq). É tradutor e intérprete de Libras-Português certificado pelo Exame de Proficiência em Libras do Ministério da Educação (PROLIBRAS/MEC-2006 — 2010) e com experiência na tradução de textos didáticos, literários e audiovisuais e na interpretação comunitária, educacional, de conferências e midiática. Atua como formador de intérpretes e tradutores de língua de sinais em nível de graduação, pós-graduação lato sensu e extensão. Realiza assessoria técnica no campo da tradução, interpretação, acessibilidade audiovisual, educação bilíngue de surdos, ensino de Libras em instituições públicas e privadas. Os temas centrais de ensino, pesquisa e extensão são tradução, interpretação, Libras, tradução audiovisual, intermodalidade, verbo-visualidade e estudos bakhtinianos.

OS AUTORES

ANA CLAUDIA BALIEIRO LODI

Livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (2017); doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (2004), mestre em Educação (1992) e graduada em Fonoaudiologia (1987) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora associada I na Universidade de São Paulo, atuando nos cursos de Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Educação, Informação e Comunicação (FFCLRP/Dedic) e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu). Vice-coordenação do PPGEdu nos biênios 2017-2018 e 2019-2020. Coordenação do PPGEdu no biênio 2021-2022. Coordenação do Laboratório de Linguagem e Educação Especial (LaLEdE) do Dedic. Representante do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre Educação de Surdos e Ensino de Libras (CesLibras) no campus Ribeirão Preto da USP. Líder na USP/RP do Grupo de Pesquisa CNPq Surdez e Abordagem Bilíngue. Assessoria a redes municipais de Educação de Piracicaba, Campinas e Santa Cruz das Palmeiras para a implementação e acompanhamento de Programas de Educação

Bílingue em escolas comuns. Desenvolve pesquisas, desde 2000, a partir dos pressupostos da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Participação em grupo internacional de pesquisa: Universidad de la República, Uruguay, Área Estudios Sordos, da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación y CENUR Litoral Norte, coord. Leonardo Peluso.

AMANDA ASSIS

Mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em bacharelado e licenciatura em Letras — Português/Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Integra o Projeto Institucional “Portal multimodal/multilíngue para o avanço da ciência aberta nas Humanidades”, apoiado pelo CNPq, do Programa de Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PEPG LAEL/PUC-SP). Possui diploma em curso superior de formação específica como Intérprete de Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atua principalmente nos seguintes temas: interpretação de libras, janela de libras, TILS e interpretação audiovisual.

BETH BRAIT

Elisabeth Brait (assinatura Beth Brait) é crítica, ensaísta, professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando nos Programas de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL e Literatura e Crítica Literária/LCL, aposentada da Universidade de São Paulo. Fez Graduação em Letras, doutorado e livre-docência em Linguística na USP; pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales — Paris/França. É pesquisadora nível 1A do CNPq; Assessora da CAPES, do CNPq e FAPESP; líder do GP/

CNPq/PUC-SP Linguagem, Identidade e Memória; membro do GT/ANPOLL Estudos Bakhtinianos; criadora e editora do periódico Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso (QUALIS A1/SciELO/Scopus/Web of Science). Foi crítica militante de literatura no *Jornal da Tarde* e outros periódicos paulistas. Dentre as atividades editoriais destacam-se: a participação em vários conselhos e comissões editoriais de periódicos científicos, coordenação de coleções na Atual Editora, Escolas Associadas Pueri Domus e, atualmente, com o prof. dr. Jean Carlos Gonçalves/UFPR, diretora da coleção LICORES (Linguagem, Corpo, Estética)/HUCITEC. Atua nas áreas de Teoria e análise do texto e do discurso, Estudos bakhtinianos, Análise dialógica do discurso, leitura e análise da verbo-visualidade e estudos literários.

CAROLINA FERNANDES RODRIGUES FOMIN

Carolina Fomin é mãe da Gabriela e do Felipe e trabalhadora da cultura. Na pesquisa, é Doutora (2023) e Mestre (2018) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi bolsista Capes e é integrante do InterTrads - Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais Grupo de Pesquisa e do grupo de pesquisa Discursos de resistência: tradição e ruptura - CNPQ. Possui Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2001); Especialização em Acessibilidade pela Universidade Nove de Julho (2013); Especialização em Tradução e Interpretação em Libras - Português pelo Instituto Superior de Educação de São Paulo - Singularidades (2016) e certificação em Proficiência na Tradução e Interpretação da Libras - Língua Portuguesa. É coordenadora do curso de Pós-graduação em Tradução e Interpretação Libras/Português no Instituto Superior de Educação de São Paulo - Singularidades e atua como Tradutora e Intérprete de Libras-Português em conferências e em diversos espaços artísticos - culturais como:

Museu de Arte Moderna de SP (MAM-SP), Instituto Itaú Cultural, Museu de Arte de São Paulo (MASP), SESC, etc., tanto na mediação educativo-cultural de exposições, conferências e congressos, como em espetáculos teatrais e musicais voltados para o público adulto e infantil.

CRISTINA BROGLIA FEITOSA DE LACERDA

Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade de São Paulo (1984), mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1992) e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996). Atualmente professor Associado II da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no curso de Licenciatura em Educação Especial e no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial- PPGEs. Coordenação do PPGEs de 2013-2017. Possui experiência em Fonoaudiologia, com ênfase em Surdez, e atuação na área educacional desde 1996. Fundamenta teoricamente suas pesquisas na perspectiva histórico-cultural e nos pressupostos da abordagem enunciativo-discursiva. Realiza assessoria a redes municipais de Educação para implantação e acompanhamento de Programa de Educação Inclusiva Bilíngue em Piracicaba, Campinas, São Paulo e São Carlos. Realizou estágio de Pós-doutorado no Centro de Pesquisa Italiano (CNR-ROMA) em 2003 (bolsa FAPESP) e na Universidade de Barcelona em 2017 (Bolsa FAPESP). Coordenadora Institucional CAPES PrInt — área Humanas 2018/2020 (UFSCar). Participa de grupos internacionais de Pesquisa: 1) Universidade de Barcelona (UB)/UFSCar. Coord. Marta Grácia (Espanha); 2) UNESP/Universidade Minho (Portugal)/Universidade Algarves/Universidade de Barcelona/Universidade de Sevilla/UFSCar. Coord. Lucia P. Leite. Vencedora do 1º Lugar da 56º Prêmio JABUTI área de Educação com o livro “Tenho um aluno surdo e agora?” Ed. UFSCar.

LUANA MANINI

É mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Direito pela Universidade Paulista — UNIP (2004), pós-graduada em Direito do Consumidor pela Escola Superior da Advocacia -ESA (2009), pós-graduada em Administração e Organização de Eventos pelo Centro Universitário SENAC (2016) e pós-graduada em Tradução e Interpretação de Libras pelo Instituto Singularidades (2020). É advogada e docente no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC. Atua como tradutora e intérprete de Libras, principalmente na esfera jurídica, em audiências, delegacias, sistema prisional e consultas jurídicas. Possui certificação de proficiência PROLIBRAS (2010). Atualmente integra como membro efetiva da Comissão dos Direitos das Pessoas com Deficiência na OAB/SP e participa do Projeto Institucional “Portal multimodal/multilíngue para o avanço da ciência aberta nas Humanidades”, apoiado pelo CNPq, do Programa de Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PEPG LAEL/PUC-SP)

NATALIA FRANCISCA FRAZÃO

Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Pós-graduada em Tradução e Interpretação de Libras e Português pelo Instituto Superior de Educação de São Paulo (Instituto Singularidades). Licenciada em Português pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Graduada em Administração pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). Tem experiência de pesquisa na área de Tradução, Interpretação em Libras, Ensino de Português, Educação, com ênfase em: Português para Surdos, Interpretação e Tradução em Libras e Português, Movimentos Surdos de São

Paulo, Educação de Surdos, História da Associação de Surdos de São Paulo (Assp) e Ações Coletivas. Tem experiência de ensino na área de Educação, Tradução e Interpretação, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Atuo como Intérprete de Apoio, Tradutora e Intérprete de Libras às esferas jornalística e midiática pela Fundação Padre Anchieta — Centro Paulista de Rádio e TV Educativas (TV Cultura)

NEIVA DE AQUINO ALBRES

Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos — UFSCar (2010-2013 — Bolsa CNPQ). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul — UFMS (2005 — Bolsa CAPES). Especialização em Psicopedagogia pela Universidade para o Desenvolvimento da Região do Pantanal — UNIDERP (2005). Graduação em Normal Superior pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul — UEMS (2003) e graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica Dom Bosco — UCDB (1999). Tem experiência na formação e professores de Libras e no desenvolvimento de material didático dessa língua (FENEIS/SP e Letras Libras — UFSC) e na formação de tradutores/intérpretes de Libras em cursos de graduação e especialização. Docência e coordenação pedagógica em escolas bilíngues para surdos. Consultora de projetos em linguística aplicada e na assessoria para implementação de educação bilíngue em secretarias municipais e estaduais de educação. Tem se dedicado a pesquisas no campo da análise de implementação de educação inclusiva e educação bilíngue para surdos, processos de tradução e interpretação de Libras e português e de ensino de Libras. Líder do Grupo de Pesquisa Didática e ensino de tradutores e intérpretes de línguas de sinais — DETILS registrado no CNPq, coordenando a linha Currículo, tradução e formação de intérpretes. Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais — InterTrads registrado no CNPq, coordenando a linha

de pesquisa Tradução e interpretação em contextos Educacionais. Docente e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no curso Letras Libras bacharelado e no Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Mãe de Rafael Viegas de Aquino nascido em janeiro de 2017.

PRISCILA REGINA GONÇALVES DE MELO GIAMLOURENÇO

Possui doutorado e mestrado em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, PPGEEs, da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. Curso superior de Formação Específica em Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais — Libras pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Pós-Graduação *lato sensu* em Libras e Educação de Surdos pela UNINTER. Pós-Graduação *lato sensu* na área de Educação: Psicopedagogia Ênfase Clínica e Psicopedagogia Ênfase Institucional pelo Unicep. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos UFSCar.

RODRIGO CUSTÓDIO DA SILVA

Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui especialização em Língua Brasileira de Sinais — Libras pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX) e graduação em Educação Física (licenciatura plena) pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Possui experiências com ensino de Libras em diversos níveis, pesquisa e tradução de textos de português para Libras. É coordenador (2019-2021) e membro do corpo editorial da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras (VR-Libras) da UFSC. Atualmente, atua como professor do curso de graduação em Letras-Libras Presencial na UFSC e coordenador de estágios deste curso.

VÂNIA DE AQUINO ALBRES SANTIAGO

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos — UFSCar. Membro do Grupo de Pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue UFSCar — registrado no CNPq. Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Identidade e Memória PUC-SP — registrado no CNPq. MBA em Gestão de Pessoas pela UniA — Santo André. Atua como consultora para acessibilidade e educação bilíngue para surdos. Membro da Equipe de Assessoria para Implementação de Educação Bilíngue para Surdos no município de São Paulo. Tradutora e Intérprete de Libras — Língua Brasileira de Sinais, Guia-Intérprete para Surdos-cegos. Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais — InterTrads registrado no CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Didática e Ensino de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais — DETILS, registrado no CNPq. Docente no curso de Pós-graduação em Tradução e Interpretação de Libras-Português no Instituto Superior de Educação de São Paulo ISESP-Singularidades — São Paulo — SP. Interesse em pesquisas sobre atuação e formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português.



COLEÇÃO LICORÉS

LINGUAGEM, CORPO, ESTÉTICA

Sob a direção de Beth Brait & Jean Carlos Gonçalves, a coleção *LiCorEs – Linguagem, Corpo, Estética* tem por objetivo oportunizar a divulgação e circulação do conhecimento a partir da produção de obras que dialoguem com as mais variadas formas de expressão, comunicação e formação humanas, pautadas nos estudos da linguagem, do corpo e da estética, considerando a multifacetada gama de possibilidades teórico-práticas que cabem nesse escopo temático. A coleção conta com um conselho editorial composto por renomados pesquisadores das áreas de linguagem, corpo e estética, e recebe propostas que, se aprovadas, podem vir a compor o rol de publicações a serem editadas pelo selo LiCorEs, da Hucitec Editora.

TÍTULOS DA COLEÇÃO

1

Linguagem, Corpo e Estética na Educação

Jean Carlos Gonçalves, Marynelma Camargo Garanhani
& Michelle Bocchi Gonçalves (orgs.)

2

Corpo e(n)cena: ensaios urgentes

Jean Carlos Gonçalves, Sônia Machado de Azevedo
& Renato Ferracini (orgs.)

3

Bakhtin e as Artes do Corpo

Beth Brait & Jean Carlos Gonçalves (orgs.)

4

Mecanismos imprevisíveis da cultura

Iúri M. Lotman

ORGANIZAÇÃO, EDIÇÃO, TRADUÇÃO, NOTAS E ÍNDICE REMISSIVO:

IRENE MACHADO

5

Além da tese:

percursos de pesquisa em Ciências Humanas

Jean Carlos Gonçalves, Michelle Bocchi Gonçalves,
Otilia Lizete de O. M. Heinig, Maria Helena Cruz Pistori
& Valéria Silva Ferreira (orgs.)

6

*Realismo sedutor: o corpo-teatro
e a invenção de realidades*

Martha Ribeiro

7

*Perspectiva dialógica nos estudos da tradução
e interpretação da Língua de Sinais*

Vinícius Nascimento

Neste livro, tradutoras/tradutores/intérpretes de Libras, que são igualmente pesquisadores de linguagem e especialmente da tradução Libras-português e português-Libras, unem experiência prática e saber teórico para discorrer, aprofundada e amplamente, acerca da tradução desse par de línguas – de diversificados pontos de vista. Partem elas e eles de uma perspectiva bakhtiniana, em estudos que mostram a riqueza da concepção dialógica de linguagem e sua ressignificação por pesquisadores da chamada Escola Brasileira de estudos bakhtinianos, estudiosos que propuseram a ADD – Análise Dialógica do Discurso. Trata-se de estudos acadêmicos imersos na prática, engajados na tarefa de fazer que culturas se comuniquem e se enriqueçam mutuamente.

— ADAIL SOBRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

HUCITEC EDITORA
PARA VOCÊ LER E RELER



ISBN: 978-85-8404-345-3

